



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

NÍCOLAS VIEIRA DA COSTA

**DESLOCAR, PERMANECER E HABITAR: OS ESPAÇOS DE VIDA DE
MIGRANTES INTERNACIONAIS EM CAMPINAS - SP**

CAMPINAS

2025

NÍCOLAS VIEIRA DA COSTA

DESLOCAR, PERMANECER E HABITAR: OS ESPAÇOS DE VIDA DE MIGRANTES
INTERNACIONAIS EM CAMPINAS - SP

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO INSTITUTO DE
GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS COMO PARTE DOS REQUISITOS
EXIGIDOS PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM GEOGRAFIA NA ÁREA DE ANÁLISE
AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL.

ORIENTADOR: EDUARDO JOSÉ MARANDOLA JUNIOR

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO NÍCOLAS VIEIRA DA
COSTA, E ORIENTADA PELO PROF. DR. EDUARDO MARANDOLA
JUNIOR.

CAMPINAS

2025

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

C823d Costa, Nicolas Vieira da, 1994-
Deslocar, permanecer e habitar : os espaços de vida de migrantes internacionais em Campinas - SP / Nicolas Vieira da Costa. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Eduardo José Marandola Junior.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Geociências.

1. Espaço de vida. 2. Migração. 3. Lugar. 4. Fenomenologia. 5. Campinas - SP. I. Marandola Junior, Eduardo, 1980-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Geociências. III. Título.

Informações complementares

Título em outro idioma: Move, stay and dwell : the living spaces of international migrants in Campinas - SP

Palavras-chave em inglês:

Living spaces

Migration

Place

Phenomenology

Campinas (São Paulo, Brazil)

Área de concentração: Análise Ambiental e Dinâmica Territorial

Titulação: Mestre em Geografia

Banca examinadora:

Eduardo José Marandola Junior [Orientador]

Roberta Guimarães Peres

Pablo Sebastian Moreira Fernandez

Antonio Filogenio de Paula Junior

Data de defesa: 20-02-2025

Programa de Pós-Graduação: Geografia

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Não se aplica

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-1266-3330>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/5934825817509101>

AUTOR: Nicolás Vieira da Costa

DESLOCAR, PERMANECER E HABITAR: OS ESPAÇOS DE VIDA DE MIGRANTES
INTERNACIONAIS EM CAMPINAS – SP

ORIENTADOR: Prof. Dr. Eduardo Jose Marandola Junior

Aprovado em: 20 / 02 / 2025

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Eduardo Jose Marandola Junior - Presidente

Prof. Dr. Antonio Filogenio de Paula Junior

Profa. Dra. Roberta Guimarães Peres

Prof. Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandes

*A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no
SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.*

Campinas, 20 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família.

Minha mãe **Isabel**, por sempre me apoiar, escutar e acima de tudo, vivenciar essa experiência que é viver comigo, lhe amo e sempre lhe amarei.

A meu pai **José**, a primeira pessoa que me incentivou no hábito da leitura, se não fosse isso, sem dúvidas eu não teria me transportado para tantos mundos e vivido tantas vidas. Lhe amo.

Minha irmã **Nicole** que sempre me incentivou e incentiva a continuar nessa loucura da pesquisa acadêmica. Lhe amo.

Às minhas companheiras de quatro patas: **Alana** e **Lua**. Obrigado pela presença e pelo amor incondicional.

Às minhas avós **Carmen** (*In Memoriam*) e **Alaides**, minhas segundas mães. Me criaram e me confortaram quando eu precisei, fizeram de seu lar o meu lar.

Aos meus avôs **Ebraim** e **Pedro**, exemplos de força e paternidade. Agradeço por sempre se preocuparem e me auxiliarem nos problemas.

Às minhas tias **Elaine**, **Daniele**, **Inês** e **Tereza** que embarcam nas minhas ideias e me escutam enquanto falo sobre tudo.

À **Lara**, minha melhor amiga. Obrigado por todos os conselhos, puxões de orelha, incentivo e trabalho conjunto. Sem você essa pesquisa não existiria e você sabe disso. Muito obrigado e lhe amo.

Aos meus amigos **Oiran**, **Hudson**, **Beatriz Dávida**, **Beatriz Carvalho** e **Matheus Dourado**. Obrigado por me acompanharem nestes anos e nas minhas discussões internas e intensas.

Ao Professor **Eduardo Marandola Jr.**, obrigado por todo o acompanhamento, pela atenção e preocupação e acima de tudo pela paciência nesses três anos em que essa pesquisa aconteceu. Sem sua orientação esse trabalho não teria nascido.

Aos meus amigos da casa C9, **Rogério, Thiago, Wedilley, Vitória, Felipe e João**. Foi um prazer acompanhar vocês nessa etapa tão importante da minha vida. Obrigado pelos momentos de diversão, conversas, discussão e convivência na Moradia Estudantil.

Aos demais companheiros de Barão Geraldo, **Ariana, Camille, Danielly, Natália, Vitória Rúbia e Pedro**.

Aos meus colegas de trabalho do Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) em Limeira, **Tiago, Taís, Mayara, Fernanda, Larissa, Nelson, Felipe e Douglas**. Agradeço pelas conversas, trocas e ensinamentos nesses três anos.

Ao Projeto de Extensão “Mobilidades contemporâneas: transformações na experiência de casa e de rua a partir da pandemia – MobEx” e seus membros, sem nossas reuniões e debates riquíssimos, este trabalho não teria tomado forma.

Agradeço aos Professores **Antonio Bernardes, Lucia Helena Gratão e Jamille Payayá** pelas conversas e orientações sobre o futuro e sobre a pesquisa.

À Unicamp pelos três anos de acolhida e trocas, sobretudo aos Instituto de Geociências e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas por ser minha morada durante diversos momentos da pesquisa.

Aos imigrantes participantes da pesquisa, **João, Felipe, Maria, Rita, Marcos, Lucas, Luis e Carlos** pela disponibilidade em contar suas experiências e me deixar narra-las nestas páginas.

Agradeço à **banca** pela leitura criteriosa e atenciosa destas páginas.

Ao **leitor** pela leitura.

O trabalho foi analisado pelo **Comitê de Ética e Pesquisa** com aprovação e número de CAAE 65844422.3.0000.8142.

O presente trabalho foi realizado com apoio da **Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil** (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“No jornal do bairro do Raval, em Barcelona, a mão anônima escreveu:

- Teu deus é judeu, tua música é negra, teu carro é japonês, tua pizza é italiana, teu gás é argelino, teu café é brasileiro, tua democracia é grega, teus números são árabes, tuas letras são latinas.

Eu sou teu vizinho. E tu dizes que o estrangeiro sou eu?”

O Estrangeiro – Eduardo Galeano

RESUMO

A seguinte Dissertação de Mestrado tem por objetivo compreender como se dão os espaços de vida de migrantes internacionais habitantes do município de Campinas – SP. A metodologia de pesquisa aplicada tem como base o trabalho de campo à procura dos imigrantes para a aplicação de um questionário semiestruturado; as perguntas realizadas se fundamentaram nas seguintes temáticas: motivadores do movimento migratório e da decisão em permanecer em Campinas, bem como as experiências destes imigrantes. Foram utilizados como referencial bibliográfico autores da Geografia Humanista e da Fenomenologia para que aspectos da experiência do Ser com a Terra se transformasse como criadora dos lugares; outro ponto a ser informado é a noção de espaços de vida desenvolvida por Daniel Cœurgeau que baseou a tipologia dos lugares que foi desenvolvida nesta dissertação. Os resultados obtidos nesta dissertação demonstraram que a relação dos migrantes e sua mobilidade cotidiana cria uma diversidade de espaços de vida que caracterizamos como: lugares da memória; lugares de trabalho; lugares de estudo; lugares de encontros; lugares de lazer; lugares de morada; e lugares do casulo protetor.

Palavras-chave: Espaços de vida; migração; lugar; Campinas – SP; fenomenologia.

ABSTRACT

The aim of this Master's Dissertation is to understand how the living spaces of international migrants living in the municipality of Campinas, São Paulo, operate. The research methodology applied is based on fieldwork in search of immigrants in order to apply a semi-structured questionnaire; the questions asked were based on the following themes: motivators for the migratory movement and the decision to stay in Campinas, as well as the experiences of these immigrants. Authors from Humanist Geography and Phenomenology were used as a bibliographical reference so that aspects of the experience of the Being with the Earth could be transformed as the creator of places; another point to be informed about is the notion of living spaces developed by Daniel Courgeau, which was the basis for the typology of places developed in this dissertation. The results obtained in this dissertation show that the relationship between migrants and their daily mobility creates a diversity of living spaces which we characterize as: places of memory; places of work; places of study; places of encounters; places of leisure; places of dwelling; and places of protective cocoon.

Keywords: Living spaces; migration; place; Campinas - SP; phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 – Localização do município de Campinas em sua Região Metropolitana.....	43
Figura 1.2 – Trajeto diário entre a Moradia Universitária e a Unicamp realizado pelo ônibus.....	45
Figura 1.3 – Ciclovia interna da Praça José Barbutti (Praça do Coco), Barão Geraldo, Campinas.....	46
Figura 1.4 – Fachada da igreja onde ocorrem os cultos em créole.....	47
Figura 2.1 – Conchas de Moles e Rohmer (1964), segundo Frémont (1976).....	58
Figura 3.1 – Casas destruídas em um bairro empobrecido de Porto Príncipe após o terremoto de janeiro de 2010.....	72
Figura 3.2 – Localização de Gonaïves, Les Cayes, Pétionville e da capital Porto Príncipe, Haiti.....	78
Figura 3.3 – Vista aérea da Comuna de Pétionville, departamento do Oeste, Haiti.....	80
Figura 3.4 – Vista aérea da Comuna de Les Cays, departamento do Sul, Haiti.....	81
Figura 3.5 – Vista aérea da Comuna de Gonaïves, departamento de Artibonite, Haiti.....	82
Figura 3.6 – Acampamento de pessoas deslocadas em Goma, na província de Kivu do Norte. Fevereiro de 2024.....	85
Figura 3.7 – Localização de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo (RDC).....	86
Figura 3.8 – Vista aérea de Kinshasa, República Democrática do Congo (RDC).....	88
Figura 3.9 – Localização de Sucre, capital constitucional da Bolívia.....	93
Figura 3.10 – Vista aérea de Sucre, Bolívia.....	94
Figura 3.11 – Localização do distrito de Barão Geraldo em Campinas.....	96
Figura 3.12 – Localização dos bairros Vila Marieta e Jardim Florence, Campinas – SP.....	97
Figura 3.13 – Mapa de origem e destino dos imigrantes da pesquisa.....	98
Figura 3.14 – Mapa de origem e destino dos imigrantes da pesquisa em território brasileiro.....	100
Figura 4.1 – Fachada de uma casa na Vila Marieta, Campinas.....	105
Figura 4.2 – Fachada da casa de meus avós paternos. Julho de 1997.....	105
Figura 4.3 – Rua Cuba atualmente. Março de 2025.....	106
Figura 4.4 – Espaços de vida de Marcos e Rita em Campinas.....	110
Figura 4.5 – Espaços de vida de Lucas em Campinas.....	111
Figura 4.6 – Espaços de vida de Luis em Campinas.....	115
Figura 4.7 – Espaços de vida de Carlos em Campinas.....	117
Figura 4.8 – Espaços de vida de Felipe em Campinas.....	121
Figura 4.9 – Espaços de vida de João em Campinas.....	123
Figura 4.10 – Espaços de vida de Maria em Campinas.....	127
Figura 4.11 – Espaços de vida em Campinas.....	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Relação entre os espaços de vida e suas características.....	103
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AHCRD** – Associação dos Haitianos de Campinas e Região
- BINUH** – Escritório Integrado das Nações Unidas no Haiti
- Celpe-Bras** – Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
- Cepir** – Coordenadoria Setorial de Promoção da Igualdade Racial
- FCA** – Faculdade de Ciências Aplicadas
- FT** – Faculdade de Tecnologia
- GMU** – Ginásio Multidisciplinar da Unicamp
- IA** – Instituto de Artes
- IB** – Instituto de Biologia
- IG** – Instituto de Geociências
- IEL** – Instituto de Estudos Literários
- Inep** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- MINUSTAH** – Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
- MINUJUSTH** – Missão das Nações Unidas para o Apoio à Justiça no Haiti
- MONUC** – Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo
- MONUSCO** – Missão das Nações Unidas para a Estabilização da República Democrática do Congo
- OBMigra** – Observatório das Migrações Internacionais
- IOM** – International Organization for Migrations
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PED** – Programa de Estágio Docente
- RDC** – República Democrática do Congo
- RMC** – Região Metropolitana de Campinas
- UEH** – Université d’État d’Haiti
- UEL** – Universidade Estadual de Londrina
- UFPA** – Universidade Federal do Pará
- UFSCar** – Universidade Federal de São Carlos
- Unicamp** – Universidade Estadual de Campinas
- UNESP** – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

MEU CAMINHAR COM AQUELES QUE MIGRAM.....	15
MOVER-SE SOBRE A TERRA: O MIGRAR EM UM MUNDO LÍQUIDO.....	26
Modernidade líquida e a migração para Campinas – SP: caminhos para o xenorracismo	34
O movimentar em busca dos imigrantes.....	41
ENTRE ESPAÇOS DE VIDA E LUGARES.....	49
Onde entra o lugar?.....	53
O habitar e a casa como casulo protetor	60
CONHECENDO OS IMIGRANTES.....	65
Grupo de migrantes da pesquisa.....	67
<i>Haitianos</i>	<i>67</i>
<i>Congolese.....</i>	<i>69</i>
<i>Boliviana.....</i>	<i>70</i>
Processos migratórios: trajetos e enraizamentos	70
<i>Um breve contexto da mobilidade haitiana.....</i>	<i>71</i>
<i>Onde estavam os haitianos?</i>	<i>75</i>
<i>Um breve contexto histórico da República Democrática do Congo</i>	<i>83</i>
<i>Onde estavam os congolese?.....</i>	<i>85</i>
<i>Onde estava a boliviana?</i>	<i>92</i>
Mover-se internamente	99
ESPAÇOS DE VIDA DE MIGRANTES INTERNACIONAIS	101
VIOLÊNCIA HERDADA: O XENORRACISMO COMO CONDUTOR DAS EXPERIÊNCIAS	130
O xenorracismo no cotidiano dos migrantes	135
(I)mobilidades condicionadas pelo racismo e pela xenofobia	141
<i>Sobre voltar.....</i>	<i>145</i>

O DESLOCAR DAQUELES QUE PERMANECEM HABITANDO	147
REFERÊNCIAS	151

**MEU CAMINHAR COM
AQUELES QUE MIGRAM**

*“Hoje o dia amanheceu frio,
entre o som do vento e de uma garoa
eu permaneci em meu abraço macio.
Garoa que não cessa,
garoa que me enche depressa
e não há nada que a impeça.
A nadar meus braços se movem
em um fluxo de um corpo jovem e cansado
que se equilibra nas correntezas de um chuveiro.
Violeta é a cor que chega aos meus olhos,
resquícios de uma garoa que se desvanece no céu
e que me permite nadar num espaço incômodo,
dentro de um corpo em êxodo,
mas que segue no violeta véu.”*

Garoa – Nicolás Vieira da Costa

A vida é um eterno caminhar. Caminho pela cozinha de minha casa enquanto penso nas palavras que aqui escreverei; caminho pelos autores que li e aqueles que folheio incessantemente em busca do sentido para meu próprio trilhar, um trilhar que se inicia com esses autores, uma vez que os livros me transportaram por caminhos que nunca pensei em percorrer. Se me encontro neste caminho é porque me encaminhei por trilhas, percorri estradas e naveguei por ruas e lugares que fiz e faço meu lar.

Creio que fui guiado para meu interesse em estudos migratórios especificamente por um evento histórico que marcou o início do século XXI: o atentado às Torres Gêmeas. Me lembro claramente de acordar cedo, ir à escola e voltar após o meio-dia, morava em uma edícula no fundo da casa de meus avós maternos, lugar que até os dias de hoje considero uma das minhas moradas. Saí do carro com o meu avô e adentrei a sala, onde me deparei com os noticiários.

Era 11 de setembro de 2001, eu havia acabado de completar sete anos de idade, não fazia ideia do que eram as Torres Gêmeas, muito menos do que era um atentado. Observava assustado aqueles dois arranha-céus e toda a fumaça que subia para atmosfera, escutava minha avó dizer que aquilo era um absurdo e que os Estados Unidos: “com toda certeza entrariam em guerra com o responsável”, palavras sábias de uma pessoa sábia.

De alguma forma senti que o mundo havia mudado, aquelas imagens impressionantes e a intensidade em que os arranha-céus eram projetados nas

televisões me levavam a compreender o que estava acontecendo, a mídia esbravejava aos quatro ventos os horrores daquela manhã através dos telejornais, plantões especiais, me recordo que as bancas estavam repletas de imagens e notícias nos jornais físicos e revistas. A guinada pela “Guerra ao Terror” e a busca pelos culpados se iniciava: invasões, nomes de líderes árabes e do então presidente dos Estados Unidos viviam nos noticiários. Reforço que essa busca incessante dos estadunidenses por um culpado escondia sua própria culpa histórica no financiamento e invasões que o país fez através dos anos. Era o primeiro ano de um novo milênio, o mundo havia mudado, se iniciava o século XXI.

Me recordo de assistir às pessoas que fugiam da zona de guerra no Afeganistão e aquilo me afetava de uma maneira sensível, o que vivia em minha mente era o incessante questionamento: para onde essas pessoas iam? Fugiam em consequência do conflito armado ou das bombas que em qualquer momento poderiam cair sob suas casas? Em ambos os casos o que permanecia era o medo de permanecer e a necessidade de desabitatar.

Pessoas que partiam sem desejar ou eram mortas pela culpa de um atentado que não haviam cometido. Nesse jogo do poder, quem perde é sempre o elo mais fraco e isso era evidente quando assistia as famílias que andavam até a próxima fronteira para tentar adentrar em um outro país.

No dia 11 de setembro de 2001, 2977 pessoas morreram. Neste conflito entre os Estados Unidos e a famigerada Guerra ao Terror, um número superior a 157 mil pessoas morreram no Afeganistão, já no que diz respeito ao Iraque entre 300 e 600 mil vidas foram ceifadas. Enquanto estes números são escritos nestas páginas, me recordo que buscava uma solução para algo que se encontrava acima das possibilidades de uma criança.

A Guerra ao Terror trouxe consigo uma transformação para o mundo, e podemos dizer que este conflito persiste até hoje, apesar da captura e morte de Saddam Hussein em 2006 e de Osama bin Laden em 2011. Acompanhei pelas matérias de jornal e televisão o movimento migratório, não apenas aquele decorrente das Guerras ao Afeganistão e Iraque (2001 – 2021 e 2003 – 2011, respectivamente), como também os da Primavera Árabe (2010 – 2013) e entre Israel e Palestina, que ocorre desde a criação do Estado de Israel e a desapropriação do povo palestino de seu território de origem.

Assistia nos noticiários os movimentos migratórios arbitrários que essas populações realizavam, bem como, os fluxos de migrantes haitianos e venezuelanos para o Brasil. Estes que não têm um envolvimento direto de conflitos armados, mas são consequência da desestabilização política e econômica em ambos os países que perdura até os dias atuais.

Durante o período da graduação conversei com diferentes áreas da Geografia. Sempre tive um encanto e interesse para com os estudos da Geografia Cultural, assim como os da Geografia Urbana, contudo a Geografia da População me transportava para estas questões que sempre quis compreender, ter o contato com a vulnerabilidade social me transportava para questões internas que até então não compreendia.

Logo decidi me adentrar nos temas dos estudos migratórios. Queria me aventurar nas histórias, escutar as trajetórias e entender como os migrantes se relacionavam com a perda de seu vínculo com a terra-natal, também como eram sua vida e seu cotidiano em um novo país.

Desta forma, tomei como tema de pesquisa na graduação: a espacialização de imigrantes em Sorocaba (SP), minha cidade de origem. Em conjunto de minha orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso, Professora Doutora Neusa de Fátima Mariano, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), *campus* Sorocaba, decidimos pela população haitiana, visto que havia muitos migrantes desta nacionalidade espalhados pela cidade.

Tínhamos o contato com um líder de um grupo de haitianos que estavam localizados em um assentamento na Região Norte de Sorocaba, contudo a pandemia de COVID-19 me impediu de realizar a pesquisa. Não poderia ir a campo e o tempo, sempre brutal, me obrigava a finalizar minha graduação, assim, o trabalho se esforçou em buscar compreender as espacialidades de haitianos através de dados quantitativos produzidos pelos órgãos públicos municipais, estaduais e federais (Costa, 2021, 2022).

Relatar ao leitor todo esse caminho percorrido tem por objetivo compreender como os processos migratórios me atravessam de forma íntima. Por esse motivo, primeiramente, tomo a escrita deste trabalho com a intenção de demonstrar meu vínculo pessoal com a temática, permitindo que a escrita se torne viva e que seja

também uma experiência que busco compartilhar (Marandola Jr., 2016, p. 141). Por muitos anos me senti como um “migrante” em busca do meu lugar.

Hoje, eu afirmo que era uma pessoa em busca do lugar graças a uma conversa que tive com a Professora Doutora Lucia Helena Batista Gratão, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Me encontrava perdido, primeiramente por estar preso nas tentativas frustradas de encontrar imigrantes nos trabalhos de campo e por me sentir deslocado, como um *outsider*. “O que te move a pesquisar migrantes?” era o primeiro questionamento da professora em nossa conversa. “É um assunto que me interessa” respondi.

Como se fosse uma leitora voraz com um livro em mãos, Lucia Helena transportou nossa conversa para minha história de vida, buscava a compreensão e os motivadores do meu interesse pelo tema. Suas palavras me desmontaram e remontaram, como se eu fosse um quebra cabeça jogado em uma mesa. Concluímos que meu interesse partia de um desejo intrínseco que eu nutria por desvendar os lugares de afeto perdidos por essas pessoas e isso estava relacionado à minha sexualidade. Questões internas que eu pensava que haviam sido resolvidas.

Assim, enquanto um homem homossexual e boa parte da população LGBTQIAPN+, a busca pelo lar, seu aconchego e o vínculo que ele condiciona na nossa experiência de vida era um tema sensível para mim. Me sentia como alguém fragmentado, com uma vida dupla e que muitas vezes precisou se manter obscura pelo medo de ser plenamente alguém que sempre fui.

Por ser homossexual me sentia vulnerável em uma exposição que eu sequer havia feito (Butler, 2019, p. 26), fui um jovem no armário durante anos, este era o único lugar que conhecia. Como poderia um “armário” se tornar um lugar de vínculo, afeição e amor para alguém? 22 anos escondidos em um lugar obscuro não me permitiam o enraizar em minha cidade natal, muito menos na minha própria casa, tomo aqui como referência a casa de Gaston Bachelard (2000), me encontrava sem lugar por uma condição estrutural acima de minha individualidade.

É curioso pensar que esta vulnerabilidade partia de algo superior a mim. Nunca fui exposto à momentos em que minha sexualidade fosse motivo de violências em meu lar, mas o medo que a estrutura heteronormativa impôs às minhas relações afetivas entre familiares e amigos me conduziu à essa autoexclusão.

Revivo essas memórias para relacionar ao leitor os motivos pelos quais escolher o **lugar** como categoria de análise tomou uma forma expressiva dentro da pesquisa que realizamos. Os espaços de vida se formam através do cotidiano que criamos dentro de nossos lugares, portanto é nele que nos materializamos de através das mais diversas formas. O vínculo existencial do ser-aí com a experiência que o lugar garante para este Ser é o denominador comum entre o meu Ser e o Ser dos migrantes: existimos em uma situacionalidade, “Somos seres-em-situação, o que significa que constituímos e desvelamos o mundo, a partir de nossa individualidade de ser” (Holzer, 2013, p. 21).

Eu, enquanto um jovem que sentia meu lugar de origem deslocado de meu cotidiano, me consternava ao ver pessoas que perdiam este vínculo físico com sua terra-natal. Era desconfortável acompanhar a trajetória destas pessoas, mal sabia que todo este interesse partia de um vínculo que existia, mas que era tomado pelo medo. Ao dizer que me senti como um migrante durante estes anos todos foi pela falta do sentimento de vínculo do lugar, o migrar me atravessa neste ponto comum.

Este sentimento se intensificava com o passar dos anos e dos livros que lia em minhas tentativas de fuga da realidade. Portanto, trago alguns excertos de histórias que me acompanharam nesta caminhada pela literatura e pelos estudos migratórios.

Em “País sem chapéu” de Dany Laferrière (2011) lemos a história de um escritor haitiano que após vinte anos de exílio na América do Norte decide retornar ao seu país. O Haiti já não é mais o mesmo, assim como ele também não é. “Escrevemos com o espírito. Falamos com o corpo. Sinto este país fisicamente. Até o calcanhar. Reconheço, aqui, cada som, cada grito, cada riso, cada silêncio. Estou em casa [...]” (Laferrière, 2011, p. 11).

“No país dos homens” de Hisham Matar (2007), acompanhamos as memórias de Suleiman, um garoto líbio de nove anos. A Líbia se encontrava em um período ditatorial e aos olhos de uma criança, a sua casa nunca mais fora a mesma. Era necessária uma migração forçada, o risco de vida era constante, assim, Suleiman é enviado sozinho ao Cairo.

Eu tinha saudade deles [os pais], do meu quarto, da minha oficina no telhado, do mar, de Karim. Do que eu mais sentia falta era o cheiro de nossa casa. Uma vez, mas só uma vez, quando ainda era menino, chorei

e gritei, atirando coisas na parede e no chão como fazia antes para impedir que Baba partisse em mais uma de suas intermináveis viagens de negócios. O juiz Yassin reagiu com nobreza. Simplesmente fechou a porta do quarto que me foi cedido em sua casa, e depois, mais tarde, mandou a empregada me trazer um copo de caldo de cana gelado. Enterrei a cara no cheiro penetrante de lavanda no travesseiro, lamentando a falta de minha família: enfiar a cara no pescoço dela, beijar a mão dele. (Matar, 2007, p. 241).

Karina Sainz Borgo (2019) é a autora de “Noite em Caracas”, livro que narra o cotidiano de Adelaida, uma mulher venezuelana que tem sua vida revirada após o falecimento da mãe, do crescimento da violência e da desintegração governamental que Caracas sofria. Assim como Suleiman, Adelaida se vê obrigada a buscar uma nova casa, um refúgio em um outro país.

Nesse dia entendi do que são feitas certas despedidas. A minha, daquele monte de merda e vísceras, daquele litoral destruído, daquele país ao qual eu não conseguia devolver nem sequer uma lágrima.

Subi ao avião e ocupei meu assento. Desliguei o celular, e com ele, os nervos. Olhei pela janelinha. Tinha anoitecido e uma eletricidade de miséria e beleza percorria a cidade. Caracas parecia acolhedora e ao mesmo tempo terrível, o ninho aquecido de um animal que ainda me olhava com olhos de serpente raivosa em meio à escuridão.

Uma única letra separa a palavra “partir” de “parir”. (Borgo, 2019, p. 218-219).

Trazemos para a leitura estas três obras escritas por imigrantes e que de alguma maneira traduzem sentimentos e experiências de seus personagens de autoficção sobre o migrar e a casa enquanto ponto de enraizamento. Laferrière (2011) mantém seu sentimento de pertencimento mesmo após vinte anos de exílio; Matar (2007) relata memórias que evidenciam a falta que a casa traz para seu personagem em seu novo cotidiano; Borgo (2019) conduz sua leitura sobre o lugar através de sua aversão pelos acontecimentos que a levaram a migrar de sua casa e seu país.

Um outro ponto que carece explicitar é a questão étnico-racial que se mostrará onipresente nos espaços que os migrantes ocupam. A vulnerabilidade social do migrante se acentua com o racismo estrutural do Brasil, determinando as relações sociais dessas pessoas e os vínculos com os lugares que serão ocupados.

Esse enraizamento com o lugar se direciona nas relações existenciais com o espaço que Dardel (2015) denominou como **geograficidade** e que partem das conexões entre os diferentes tipos de espaço que compõem a totalidade do espaço geográfico.

Talvez se trate do que Wright em seu célebre texto “*Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia*” traz, estes atravessamentos e a necessidade de compreender como o lugar se dava para aqueles que migram parte de uma força motriz interior, dada especialmente pela imaginação.

O conhecimento geográfico nasce do imaginar os lugares, as *terrae incognitae* que o autor trabalha, pois “quanto mais brilha a luz de nosso conhecimento pessoal sobre uma região ou um problema, mais atraídos nós somos para a obscuridade dentro dela e de toda sua extensão” (Wright, 2014, p. 7).

Tomo essa narrativa prévia para que o leitor possa compreender a principal pergunta que esta pesquisa busca responder: **como são constituídos espaços de vida de migrantes internacionais no município de Campinas-SP?** Para que cheguemos à resposta desse questionamento irei apresentar a forma como ele se deu nesses três anos de pesquisa.

Desta forma, nossa pesquisa assumiu as seguintes etapas metodológicas: trabalhos de campo e coleta de entrevistas com os imigrantes participantes desse trabalho. Para nos guiarmos no decorrer de ambas as etapas seguimos alguns referenciais bibliográficos como os de Daniel Courgeau (1988, 1990, 2013), autor responsável pela noção de **espaços de vida**. Utilizamos autores como Abdelmalek Sayad (1998), Donatella Di Cesare (2020) e Zygmunt Bauman (2017) para compreensão do fenômeno migratório.

A primeira etapa metodológica partiu da realização dos trabalhos de campo no município de Campinas, a princípio os trabalhos ocorreriam em mais de uma localidade da cidade. Todavia, como poderá ser lido no decorrer desta pesquisa, o que ocorreu foi uma maior fixação do distrito de Barão Geraldo por dois motivos: a descoberta de uma igreja que ministrava cultos para haitianos e a impossibilidade de conseguir mais participantes para a pesquisa, o que me fez recorrer às entrevistas com estudantes imigrantes na Unicamp.

A segunda etapa da pesquisa se baseou na coleta de entrevistas com imigrantes residentes de Campinas. Optei por conversas semiestruturadas, uma vez que percebi que havia uma reticência nos contatos prévios que havia feito com os imigrantes. Logo, em todas as entrevistas realizadas entreguei um papel com as perguntas que seriam feitas para eles, da mesma forma que relatei que as conversas seriam gravadas para utilização de suas falas.

Em decorrência dessas etapas da pesquisa, decidi que a estrutura do trabalho que faria maior sentido para a escrita, como também para a leitura, partiria de dois aspectos fundamentais: o macro, com uma análise a respeito dos movimentos migratórios e da mobilidade enquanto um fenômeno concebido por ele próprio e pelos seres humanos; e o micro, conduzindo a pesquisa para o lugar e a casa enquanto casulo protetor destes migrantes internacionais.

Em vista disso, após a leitura da introdução desta dissertação de mestrado, temos a seguinte ordem de itens.

Primeiro capítulo: “**Mover-se sobre a terra: o migrar em um mundo líquido**”. Nele, busquei delinear os conceitos acerca dos movimentos migratórios em um mundo globalizado e fluidificado pelas redes e pela globalização. Temas que considero abarcar os aspectos que foram denominados por **macro**. Esse capítulo possui dois subcapítulos, sendo o primeiro intitulado “**Modernidade líquida e migração para Campinas – SP: caminhos para o xenorracismo**”, onde utilizamos as ideias de modernidade líquida e os movimentos migratórios Sul-Sul para evidenciar como os migrantes se deslocam para o Brasil, bem como demonstrar como o racismo estrutural os coloca em uma situação de marginalidade social. O segundo subcapítulo “**O movimentar em busca dos migrantes**” onde relato como se realizou a procura por imigrantes haitianos, em primeiro momento, e as dificuldades de aproximação com estas pessoas. Também há uma explicação a respeito das mudanças estruturais da pesquisa que necessitou se moldar para a coleta de entrevistas de outras nacionalidades de migrantes.

O segundo capítulo: “**Entre espaços de vida e lugares**”, tem como objetivo trazer para a discussão o conceito de espaço de vida trabalhado por Courgeau (1988, 1990, 2013), o qual será utilizado principalmente nos resultados obtidos por meio das entrevistas com os imigrantes. É por meio dessas discussões que entraremos nos aspectos **micro** da existência do Ser migrante. Nesse capítulo, temos dois

subcapítulos denominados: **“Onde entra o lugar?”** e **“O habitar e a casa como casulo protetor”**, onde buscamos compreender o papel do lugar na vivência cotidiana destes imigrantes, também relacionar como a casa mantém um suporte nos espaços de vida destes imigrantes.

O terceiro capítulo é chamado: **“Conhecendo os imigrantes”**, no qual apresento os oito imigrantes que participaram da pesquisa, relatando a vinda de cada um, bem como, os lugares que moram em Campinas. No primeiro subcapítulo **“Grupos migrantes da pesquisa”**, apresento os oito migrantes participantes, sendo eles cinco haitianos, dois congoleses e uma boliviana. No segundo subcapítulo **“Processos migratórios: trajetos e enraizamentos”** procurei adentrar brevemente nos processos históricos do Haiti e da República Democrática do Congo para ilustrar a fala dos imigrantes a respeito da situação política, social e econômica destes países. O terceiro subcapítulo intitulado **“Mover-se internamente”**, apresenta de forma breve os lugares ocupados pelos imigrantes participantes desta pesquisa.

O quarto capítulo: **“Espaços de vida de migrantes internacionais”** traz para a discussão os resultados obtidos até o momento a respeito da principal pergunta da pesquisa. É nele que demonstramos os lugares ocupados pelos migrantes em sua vida cotidiana, determinando-os como **lugares do casulo protetor, lugares do trabalho, lugares da memória, lugares de encontros, lugares de estudo, lugares de morada e lugares de lazer**.

O quinto capítulo **“Violência herdada: o xenorracismo como condutor das experiências”** traz uma discussão acerca da estrutura étnico-racial do Brasil e dos países colonizados, tendo por objetivo demonstrar que a vulnerabilidade social dessa população se intensifica quando ela é negra e migrante. Para que isso seja discutido com mais afinco foi realizada a divisão do capítulo em mais dois subcapítulos: **“Xenorracismo no cotidiano dos migrantes”**, em que trago a fala dos participantes da pesquisa e de momentos em que relataram acontecimentos relacionados à estrutura étnico-racial do Brasil; já o último trecho deste trabalho: **“(I)mobilidades condicionadas pelo racismo e xenofobia”** tem o propósito de concluir a pesquisa e relacionar as noções de vulnerabilidade, racismo, xenofobia, migração, espaços de vida e lugar.

Na conclusão deste trabalho denominada “**O deslocar daqueles que permanecem habitando**” obtivemos como resultado principal que a estrutura étnico-racial do Brasil submete a mobilidade dos migrantes entrevistados, uma vez que ficou evidente que as características de sua pele sobressaem às da nacionalidade. Outro ponto que ressaltamos é a presença e influência de Barão Geraldo no cotidiano destas pessoas, seja ela dada através das idas aos cultos ou da própria Unicamp para os migrantes estudantes, portanto, iniciaremos na próxima página as experiências compartilhadas entre o autor e os participantes desta pesquisa.

**MOVER-SE SOBRE A
TERRA: O MIGRAR EM
UM MUNDO LÍQUIDO**

“Quando vim da minha terra,
 não vim, perdi-me no espaço,
 na ilusão de ter saído.
 Ai de mim, nunca saí.
 Lá estou eu, enterrado
 por baixo de falas mansas,
 por baixo de negras sombras,
 por baixo de lavras de ouro,
 por baixo de gerações,
 por baixo, eu sei, de mim mesmo,
 este vivente enganado, enganoso.”

***A Ilusão do Migrante –
 Carlos Drummond de Andrade.***

Aqui traçaremos um panorama que conduza o leitor para dois aspectos do movimento migratório internacional, o que denominamos por **macro** e **micro**. Assim, o que entendemos por macro se traduz nos fluxos migratórios como um todo, nos estudos deste movimento enquanto um fenômeno polissêmico e que é estudado pelas mais diversas áreas. Esse arranjo complexo de estudos nos encaminha a chegar no micro: os espaços de vida de migrantes internacionais em Campinas; sendo estes determinados pela parte da vida cotidiana dos participantes desta pesquisa.

A migração é um fenômeno estudado pelas mais diversas áreas, grande foco dessas pesquisas se baseia nos contextos econômico e sociológico deste movimento. Desta forma, é comum que quando buscamos informações acerca dos fluxos migratórios contemporâneos, estes estejam vinculados aos contextos que envolvem a busca pela mão de obra barateada originada de países emergentes, a questão da procura pela qualidade de vida e a ideia do “sonho americano” reproduzida pelos meios de comunicação e difundida nas sociedades, sobretudo nos países ocidentais.

O que se conduziu por muito tempo dentro dos estudos migratórios foram as pesquisas sobre as migrações Sul-Norte, deslocamentos caracterizados pela mobilidade entre os países emergentes como os latino-americanos e africanos para os Estados Unidos e Europa.

Um dos braços destes estudos contemporâneos entre as migrações Sul-Norte reflete diretamente o conceito de “*brain drain*” ou “fuga de cérebros” e que é caracterizada pela migração da mão de obra de profissionais qualificados, ou seja,

trabalhadores que possuem uma formação extensa em suas áreas e que de alguma maneira não são valorizados em seu país de origem.

É curioso quando pensamos que este movimento se intensificou também com os pesquisadores brasileiros para com os outros países, uma vez que o mesmo ocorreu com determinadas nacionalidades para o Brasil. É concebível que a fuga de cérebros ocorre de outros países, em especial aqueles que possuem uma economia menos desenvolvida, para o território brasileiro, como é o caso de alguns migrantes que entrevistamos para esta dissertação.

Quando tratamos da migração precisamos nos ater que este é um movimento dado por meio de um **motivador**, estando ele vinculado as mais diversas razões. Contudo, boa parte dos estudos migratórios se relacionam às teorias economicistas, entendendo que sua principal motivação é dada através do benefício monetário e material, seja ele individual ou coletivo, tal como ocorre com homens que se mudam e encaminham parte de seus salários aos familiares que permanecem em sua terra natal.

Podemos relacionar que as teorias economicistas abordadas pelos estudos migratórios estão baseadas na visão do geógrafo E. G. Ravenstein, que concebeu onze leis onde o fenômeno migratório opera.

- (1) A maioria dos migrantes percorre apenas uma distância curta;
- (2) A migração acontece gradativamente;
- (3) Migrantes que percorrem longas distâncias têm preferência por grandes centros de comércio ou indústria;
- (4) Cada corrente de migração é compensada por uma contracorrente;
- (5) Pessoas nascidas em cidades [urbanas] são menos migratórias do que as pessoas das áreas rurais;
- (6) Mulheres migram mais que os homens dentro de seu país de origem, mas os homens se aventuram para além desse local com maior frequência;
- (7) A maioria dos migrantes são adultos: famílias raramente migram para fora de seu país de origem;
- (8) Grandes cidades crescem mais por migração do que por aumento natural [natalidade];
- (9) A migração aumenta em volume à medida que as indústrias e o comércio se desenvolvem e o transporte melhora;
- (10) A principal direção da migração acontece de áreas agrícolas para os centros de indústria e comércio;
- (11) As principais causas da migração são econômicas.¹ (Grigg, 1977, p. 42-43).

¹ Tradução livre do original: "(1) *The majority of migrants go only a short distance*; (2) *Migration proceeds step by step*; (3) *Migrants going long distances generally go by preference to one of the great*

Estas leis criadas por Ravenstein entre os anos de 1876 e 1889 deram escopo para compreensão da migração enquanto um fato relacionado à economia. Todavia, uma constatação que podemos relacionar às leis migratórias propostas por Ravenstein é que algumas delas se encontram defasadas e não necessariamente irradiam o fenômeno migratório contemporâneo.

Um dos exemplos claros que observamos é o que ocorre em relação à segunda lei proposta por ele: “A migração acontece gradativamente”. A normativa conduz nosso pensar à ideia de que os migrantes realizam seus movimentos de forma lenta, quase que de forma peregrina. Com o advento das tecnologias de transporte que auxiliam a mobilidade de forma veloz, alguns migrantes partem diretamente de seu local de origem para o local de destino de forma quase que instantânea, quando comparadas com a forma que este movimento se dava anteriormente.

Já no que diz respeito à oitava lei: “Grandes cidades crescem mais por migração do que por aumento natural [natalidade]”, é necessária a contextualização de como ocorre a natalidade e os fluxos migratórios para essas áreas urbanas. Ravenstein conduziu seu pensamento para as sociedades europeias da época, portanto suas leis determinavam um modelo que generaliza o fenômeno migratório.

Abdelmalek Sayad (1998) em sua obra “A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade” nos guia para a discussão econômica da migração ao relacionar a pessoa com a força de trabalho que ela produz. Para o autor, o migrante possui uma relação direta com a provisoriedade, em suas palavras: “Foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser” (Sayad, 1998, p. 55).

Para Sayad (1998), é graças ao trabalho que o migrante ganha sentido no que diz respeito à sua condição de habitante, de Ser dentro do lugar de destino, na medida que este trabalho tem seu fim, o migrante perde seu espaço, vira um

centres of commerce or industry; (4) Each current of migration produces a compensating counter current; (5) The natives of towns are less migratory than of rural areas; (6) Females are more migratory than males within Kingdom of their birth, but males more frequently venture beyond; (7) Most migrants are adults: families rarely migrate out of their county of birth; (8) Large towns grow more by migration than by natural increase; (9) Migration increases in volume as industries and commerce develop and transport improves; (10) The major direction of migration is from the agricultural areas to the centres of industry and commerce; (11) The major causes of migration are economic”.

estrangeiro, o que se relaciona com a origem etimológica deste termo: o migrante vira um **estranho**.

Esta visão do migrante parte de duas imagens que se colocam em contraposição na sociedade contemporânea: a primeira é do migrante enquanto a pessoa que vem temporariamente para suprir postos de trabalhos que estão vagos, assim ele possui o aval de se estabelecer ali de forma provisória. Já a segunda se baseia em um entendimento de que essas pessoas vêm para roubar o trabalho de nativos do lugar de destino, sendo “responsáveis pela redução dos níveis salariais do aumento da criminalidade, da sobrecarga para as infraestruturas, dos serviços locais e do receio da perda da coesão social e cultural” (Fernandez, 2013, p. 40).

Contudo, quando tomamos apenas o trabalho como fator determinante dos movimentos migratórios excluimos uma miscelânea de causas possíveis deste fenômeno. A migração é um fato, sabemos que as pessoas migram, elas se movem pela terra, atravessam territórios, fronteiras físicas e imaginadas, afundam nos oceanos, percorrem florestas e resistem contra a fome, doenças e a precariedade que acompanham seus trajetos. Porém, a migração está para além deste movimento físico, de forma síncrona, o migrante realiza seu deslocamento pela subjetividade de se mover.

Fernandez (2013, p. 40) afirma que “O migrante antes de ser um trabalhador, é um sujeito com sua cultura, sua subjetividade e experiências, e a cada momento, torna-se um agente produtor de lugares e de complexas espacialidades por meio de sua mobilidade”, assim, a migração torna-se não apenas a corporeidade física da pessoa que migra, como também parte de suas experiências e de sua existência no espaço geográfico. Reproduzindo o que compreendemos por territorialidades.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM), (em inglês *International Organization for Migrations* (IOM)) (2024) define que migrante é um termo guarda-chuva, ou seja, é através de uma noção principal que habitam outras denominações, significados e finalidades, portanto, o termo “migrante” não é apenas definido pelo direito internacional, como reflete o senso comum daquela pessoa que se afasta de seu local de origem.

Assim, a migração é um termo que abarca as mais diversas categorias de motivadores para acontecer, sejam eles de caráter político, econômico, ambiental ou

social. Independente de seus motivadores sua complexidade carrega inúmeras condições, seja ela caracterizada pelas migrações transnacionais, migrações de crise, refúgio ou econômicas.

As contradições que a globalização confere ao mundo contemporâneo criam uma série de transformações no espaço-tempo. Este modelo de produção em conjunto de sua internacionalização e a descentralização impactam de forma direta a mobilidade internacional.

Os estudos migratórios possuem um caráter de amplo espectro, entre os quais podemos relacionar o fenômeno através de uma polissemia que se encaminha para diferentes formas de pesquisas nas mais diversas áreas de conhecimento, cada qual com suas metodologias de análise deste processo. Sayad (1998, p. 56) ao analisar os estudos migratórios com seu campo de pesquisa na Sociologia se defrontou com a seguinte questão sobre os como estes estudos estavam sendo realizados:

Por muito tempo quase exclusiva das ciências jurídicas em todas as suas formas (notadamente no campo universitário, onde os primeiros trabalhos de pesquisa e as primeiras teses sobre a imigração são trabalhos de juristas e teses de direito, depois da demografia, seja ela proveniente de demógrafos propriamente ditos ou de historiadores (demografia histórica), ou, com maior frequência, de geógrafos – ciência do espaço e ciência da população, a geografia e a demografia estão ligadas no estudo da imigração, porquanto esta consiste no deslocamento de populações por todas as formas de espaço socialmente qualificadas (o espaço econômico, espaço político no duplo sentido de espaço nacional e de espaço da nacionalidade e do espaço geopolítico, espaço cultural sobretudo em suas dimensões simbolicamente mais “importantes”, o espaço lingüístico e o espaço religioso etc.) –, a imigração acabou, sob a influência de diversos fatores, por se constituir como “problema social” antes de se tornar objeto da sociologia.

No trecho acima, Sayad (1998) revela que a Geografia, enquanto análise do espaço, se relaciona com os estudos migratórios a partir de sua conexão com a Demografia, relacionando o fenômeno migratório com os números absolutos e relativos destas pessoas em movimento.

Desta forma, a migração, antes mesmo de se transformar em um objeto de estudo, já era considerada um problema social para os Estados-nações. Característica

negativa dada a esse movimento e que foi acentuada por meio das políticas de repressão e da xenofobia.

Ao relacionarmos o movimento migratório como um problema social podemos conectá-lo com o que Bauman (2017, p. 11) expõe em sua obra “Estranhos à nossa porta”, interpretando a crise migratória contemporânea a “um enorme salto no contingente de refugiados e pessoas em busca de asilo [...] esse salto foi causado pelo número crescente de Estados ‘afundando’, ou já submersos, ou [...] de territórios sem Estado, e portanto também sem leis”.

Essa aversão aos migrantes, sobretudo os internacionais, tem seu cerne não apenas na xenofobia, ela parte de uma violenta estrutura colonialista de reprodução do poder vigente. Ou seja, apesar de diferenças entre questões como a xenofobia e outros preconceitos, ambas possuem o mesmo objetivo: a marginalidade do corpo ali presente.

Singer (1995) aponta o migrante com a ideia da marginalidade social. Dentro de um contexto da sociedade capitalista a não-integração do migrante internacional o leva ao não pertencimento, seja ele de lugar ou de uma nação, o que se torna uma consequência direta da marginalidade social, econômica e territorial. Esta visão do migrante enquanto um problema social em conjunto da marginalidade se embasa, principalmente, nas migrações da América Latina.

Salientamos que a estrutura colonialista dos países emergentes reproduz uma concepção de padrões que perduram até a contemporaneidade. Ao nos defrontarmos com a migração enquanto uma problemática social, conduzimos o argumento para uma visão da xenofobia consequente desta estrutura.

Antes mesmo de encararmos a migração como um “problema social”, nos defrontamos com a migração enquanto deslocamento. Sabemos que o deslocamento humano é intrínseco às sociedades desde as antigas civilizações que partiam em busca de alimento e segurança até a contemporaneidade (Costa, Marandola Jr., 2023, p. 2).

Esse movimento foi acentuado com a Modernidade e com o progresso dos meios de transporte, as cidades industriais se transformaram em um chamariz, eram um ponto de interesse entre ambos os lados da mesma moeda, indústrias que precisavam de mão de obra e trabalhadores que necessitavam de renda, características que fortalecem o trabalho de Ravenstein.

A filósofa europeia Di Cesare (2020, p. 52), em seu livro “Estrangeiros residentes”, embasa a noção de que a migração está inscrita na Modernidade. É necessário situarmos que as discussões feitas por Di Cesare (2020) em sua obra são reflexo direto de como as migrações internacionais vêm ocorrendo no continente europeu.

A autora expõe uma crítica à falta dos estudos migratórios por parte da Filosofia, afirmando que “A filosofia escolheu a estabilidade, legitimou-a, compartilhou sua perspectiva. Por isso, apoiou as cercas e reforçou as barreiras, sempre sublinhou o limite entre dentro e fora, em busca de uma centralização, na tentativa de delinear uma ordem concêntrica” (Di Cesare, 2020, p. 38). O que pode ser evidenciado quando a autora revela que não existe uma filosofia da migração, consequência desta necessidade que a filosofia (sobretudo a ocidental e europeia) possui de manter seus estudos nesta ordem concêntrica.

Desta forma, Di Cesare (2020) propõe a criação de uma filosofia da migração, baseada nas contradições que o mundo contemporâneo possui, principalmente no que condiz ao ideal de cosmopolitismo e da ordem estadocêntrica global que limita a fluidez do mover cotidiano.

A globalização é o motor da grande máquina que opera a sociedade e a Modernidade. É por meio dela que a paisagem é alterada em uma dicotomia baseada na soberania e anarquia, pois expande para uma perspectiva ilimitada os conceitos de fronteira. Símbolos do poder e concretude que os territórios dos Estados-nação possuíam ficam de alguma maneira mais esgarçados pela fluidez. O que contribui para a intensificação do fluxo migratório. A soberania deixa de se encontrar no comando do território e vai para quem consegue ultrapassar seus limites de maneira mais veloz (Di Cesare, 2020, p. 35-36). Uma velocidade que é guiada pela Modernidade global.

A Modernidade é analisada por Giddens (2007) com base na globalização. Para o autor, o mundo está em descontrole, o que contradiz os estudos realizados anteriormente por pensadores como Max Weber, e que levavam a crer que se haveria um domínio maior do globo por meio da conexão “ilimitada” entre os territórios. Em contrapartida, graças à globalização acentuaram-se as contradições. Ao observarmos a Modernidade enquanto um acontecimento fica claro que sua fluidez é caracterizada pela globalização, e é um erro crer que ela se baseia apenas em fatores econômicos,

quando “a globalização é política, tecnológica e cultural, tanto quanto econômica” (Giddens, 2007, p. 21).

Essas contradições se perpetuam pelos territórios das nações do globo, uma vez que a Modernidade flui e atravessa suas fronteiras imaginárias e os conecta em uma imensa rede de transmissão de informações, mercadorias e pessoas. O que pretendemos retratar por meio dessa noção se baseia nas ideias de Bauman (2001) acerca da Modernidade Líquida.

Modernidade líquida e a migração para Campinas – SP: caminhos para o xenorracismo

O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman (2001, p. 2) retrata a sociedade através de seus escritos e a relaciona com a metáfora da liquidez pois, em suas palavras, os líquidos “‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’ são ‘filtrados’, ‘destilados’ diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos”. Sua decisão reflete as formas que a Modernidade abarca a sociedade, ela cria relações fluídas entre as pessoas e transmite informações como o leito de um rio, ao mesmo tempo que através de sua fluidez a superficialidade das relações toma forma, pois assim como uma folha que cai sob o leito de um rio e segue seu fluxo pela correnteza, as relações também. O que difere da Modernidade caracterizada pelo Fordismo e a estrutura social sólida que se concebeu através dela.

Essa fluidez contemporânea da Modernidade nos leva até a mobilidade enquanto um fenômeno, se a globalização não se basta nos fatores econômicos, como também nos políticos, tecnológicos e culturais seria ela é capaz de ampliar os movimentos físicos dos seres humanos? A resposta simplista para este questionamento é que sim.

O encurtamento das distâncias pela tecnologia garantiu uma maior velocidade de transmissão de informações, objetos e até mesmo de pessoas. Ao explorar sobre a mobilidade e a fluidez, Marandola Jr. (2008, p. 28) afirma que “a essência da fluidez é o movimento, contínuo e incessante. O movimento perpétuo é a liquidez fugidia que não se permite fixar, pausar. Se há liquidez é porque há

movimento, de todos os tipos”. Desta forma, os fluxos humanos se remodelaram pelas mudanças da Modernidade.

Ainda no que diz respeito à mobilidade, Lévy (2001) descreve que ela é caracterizada como um sistema de movimentos potenciais, o que ele denomina por virtualidades. Além disso, o autor a divide em três categorias: mobilidade como possibilidade; mobilidade como competência; e mobilidade como capital.

Lévy (2001, p. 9) afirma que a mobilidade como possibilidade é considerada “através da acessibilidade, isto é, da oferta de mobilidade através da oferta de transporte”, ou seja, ela se encaixa no aspecto da estrutura e da materialidade do espaço. A segunda categoria é abordada pelas possibilidades entre o espaço virtual e suas mobilidades realizadas efetivamente (Lévy, 2001, p. 10), nos levando para a capacidade deste movimento dentro do espaço. Já no que cerne a terceira e última categoria, o autor nos informa que essa se fundamenta na junção entre as outras duas, sendo ela o resultado de um capital social, “um bem que permite ao indivíduo desdobrar a sua melhor estratégia no interior da sociedade” (Lévy, 2001, p. 11).

Cresswell (2006, p. 3), em sua obra “*On the move: Mobility in the Modern Western World*”, conduz a discussão acerca da mobilidade através de três momentos que se relacionam entre si, para o autor

Primeiro, quando falamos de mobilidade humana, estamos falando de mobilidade como fato bruto – algo que é potencialmente observável, uma coisa no mundo, uma realidade empírica. Esta é a mobilidade medida e analisada por modeladores, teóricos da migração e planejadores de transportes. [...] Em segundo lugar, há ideias sobre mobilidade que são transmitidas por meio de um conjunto diversificado de estratégias de representação que vão do cinema ao direito, da medicina à fotografia, da literatura à filosofia. Essas representações da mobilidade captam e dão sentido a ela por meio da produção de significados frequentemente ideológicos [...] Terceiro, a mobilidade é praticada, é vivenciada, é incorporada. A mobilidade é uma forma de estar no mundo. A maneira como andamos, por exemplo, diz muito sobre nós.²

² Tradução livre do original: “*First, when talking of human Mobility, we are talking about mobility as a brute fact – something that is potentially observable, a thing in the world, an empirical reality. This is the mobility measured and analyzed by modelers, migration theorists and transport planners [...] Second, there are ideas about mobility that are conveyed through a diverse array of representational strategies ranging from film to law, medicine to photography, literature to philosophy. These representations of mobility capture and make sense of it through the production of meanings that are frequently ideological. [...] Third, mobility is practiced, it is experienced, it is embodied. Mobility is a way of being in the world. The way we walk, for instance, says much about us.*”

A mobilidade transpõe várias práticas, momentos e espaços em uma sociedade, sendo ela um ato de extrema importância para o cotidiano e para as pessoas, portanto essas diferentes práticas necessitam de uma análise interseccional de seus movimentos.

Sheller e Urry (2006) em seu texto “*The new mobilities paradigm*” trazem para a discussão da mobilidade a compreensão de que ela é determinada por um conjunto de diferentes modos de se mover. Contudo, um adendo precisa ser feito, esta concepção de um novo paradigma recebe duas principais críticas: “o primeiro deles é o fato de o paradigma surgir em uma realidade socioespacial bem específica, diferente das configurações dos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos” (Alves, D’Antona, Marandola Jr., 2020, p. 589), o que não lhe confere uma gama de diferentes formas que esta mobilidade ou imobilidade recebe. Se mover fisicamente ou navegar na internet acontecem de formas distintas em países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

A segunda crítica

se baseia na ausência do espaço nas discussões que utilizam o paradigma como eixo norteador, bem como a negação de categorias geográficas relevantes, característica relativamente comum nas ciências sociais, as quais vêm gradativamente incorporando o espaço em seus estudos (Alves, D’Antona, Marandola Jr., 2020, p. 589).

Consideramos que a mobilidade é um fenômeno no espaço, que ocupa não apenas o ato em si, mas transmite suas características através dele.

Portanto, o que mantemos em mente é algo que Fernandez (2013) constata em sua tese de doutorado que a migração é um fenômeno e transmissão de conteúdos, contradições, possibilidades que acontecem dentro do espaço. E este fenômeno se baseia na possibilidade de se mover, nas contradições entre essas mobilidades e imobilidades dentro do espaço. A migração é um acontecimento que cria enraizamentos.

Para Bauman (2017, p. 9), o fluxo migratório contemporâneo, é caracterizado como fluxo em massa, sendo guiado pelo modo de vida moderno que cria

pessoas redundantes. Este excesso de pessoas é vinculado diretamente ao que Baeninger (2016, p. 19) informa, que na atualidade

esse excedente populacional corresponde às necessidades geradas tanto na área de origem como na área de destino, compondo um movimento transnacional, que acompanha o capital e a inserção das localidades na divisão social e territorial do trabalho em âmbito nacional e internacional.

A condição do migrante dentro do espaço é trazida à tona pelo antropólogo Sayad (1998), que considera o fenômeno migratório como uma ambiguidade. O migrante está entre a provisoriedade (de seus direitos) e na definição (facticidade de sua condição). Sayad (1998, p. 45) traz em suas discussões uma visão de sua própria experiência, uma vez que o autor foi um migrante argelino na França. Esta instabilidade do migrante confere a ele uma contradição existencial e espacial.

Consideramos que essa condição de provisoriedade se apoia no pleno deslocar dos migrantes (Costa, Marandola Jr., 2023, p. 2) e que conduz nossa análise para uma concepção que Goetttert (2009) discorre. Ao se fundamentar na transitoriedade migratória (percurso entre a decisão do migrar e o ato propriamente dito), o autor nos leva à transitividade migratória, sendo ela “uma **condição subjetiva**, mas que deve ser compreendida como parte de uma dialética dos processos de subjetivação e de objetivação” (Goetttert, 2009, p. 60, destaques do original). Para ele, o movimento migratório não se encerraria na fisicalidade do corpo, pois existe a permanência na subjetividade existencial do migrante.

Correlacionamos esta transitividade do migrante com a dupla contradição que Sayad (1998) descreve, a provisoriedade do Ser migrante se faz neste lugar, pois “migrar quer dizer ir embora. Mas ir aonde? Qual a meta? Ou trata-se de uma simples errância?” (Di Cesare, 2020, p. 230), essas são as questões daqueles que se perdem em seus movimentos por entre os países, pois

migrar é esse contínuo debruçar-se para fora, que corresponde ao próprio compasso da existência, à sua inerente excentricidade. Seria possível dizer que o movimento se desenrola em círculos, de dentro para fora, não fosse o fato de que dentro e fora já são termos de uma dicotomia metafísica. O movimento é antes, aquele revoltear das

águas de um rio, em seu vertiginoso redemoinho. (Di Cesare, 2020, p. 231).

Di Cesare faz uma associação entre o ato de migrar com os movimentos de um redemoinho, curioso é analisarmos que esta associação pode ser cortejada também com a fluidez contemporânea da modernidade líquida de Bauman (2001). O movimento é dado pela autora como águas a revoltear, assim como a nossas relações agem da mesma maneira para o Bauman. Nossos movimentos, relações e cotidiano são fluídos.

Portanto, nos questionamos sobre a forma que a cidade de Campinas – SP se encaixaria nesta dinâmica das migrações e do mundo fluidificado da Modernidade. Primeiramente, é necessário que um parêntese seja feito acerca das migrações Sul-Sul que se intensificou durante os últimos anos.

Investigar os fenômenos migratórios contemporâneos nos leva a compreender que estes movimentos se transformaram com as novas formas da mobilidade (Lévy, 2001; Cresswell, 2006; Sheller, Urry, 2006). As migrações transnacionais que se caracterizavam pelo fluxo entre Sul-Norte, ou seja, aquelas de países emergentes do Sul para o Norte Global, se modificaram e os fluxos Sul-Sul se intensificaram.

As migrações Sul-Sul tomaram posto nos fluxos globais, desta forma países emergentes, sobretudo aqueles da América Latina, Caribe e África remodelaram seu movimento para outros países destas mesmas localidades, é através desta mudança de panorama na migração internacional que o Brasil ganha destaque.

De acordo com Reis (2011), o Brasil se encaixa nesta condição através de três principais formas: acordos de livre circulação, sobretudo entre os países pertencentes do Mercosul, a Bolívia e o Chile; acordos bilaterais entre outros países; e políticas que são destinadas às regiões fronteiriças, como é o caso observado por Handerson (2015a, 2015b, 2017) em seus estudos sobre os imigrantes haitianos que passaram por municípios como Brasileia (AC) e Tabatinga (AM).

Contudo, salientamos que o Brasil não é necessariamente um país de desejo para parte dos migrantes internacionais, uma vez que ele funciona como uma ponte, um caminho. Parte dos imigrantes vêm ao Brasil visando a possibilidade da entrada

em outros países, como é o caso dos haitianos que vêm ao Brasil no intuito de migrar para a França através da Guiana Francesa, território ultramarino do país europeu e que faz divisa com o estado brasileiro do Amapá (Handerson 2015a, 2015b).

A fluidez do movimento migratório contemporâneo gera uma recomposição da entrada e saída dos migrantes transnacionais, especialmente em áreas fronteiriças. Jarochinski-Silva e Baeninger (2021, p. 126) revelam que “De um lado, seguem como áreas de circulação e trânsito cotidiano, mas de outro lado, se tornam áreas de recepção de migrantes caribenhos, africanos e refugiados bem como áreas de trânsito para outros destinos no país e fora dele”.

Esta dinâmica migratória entre os países do Sul Global se faz evidente ao verificarmos que um dos maiores contingentes de vistos emitidos pelo governo brasileiro é de nacionalidades como Haiti, Angola, Cuba. Estes dados disponibilizados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) refletem apenas uma das características deste movimento migratório, uma vez que considera apenas os migrantes que receberam os vistos pelo governo federal, sabe-se que muitos outros permanecem indocumentados em território brasileiro.

Portanto, ao relacionarmos o trânsito migratório citado por Jarochinski-Silva e Baeninger (2021) evidenciamos que o migrar se relaciona pela dinâmica da provisoriedade dentro do espaço, uma vez que os migrantes podem se encontrar em solo brasileiro de forma temporária. Uma associação deve ser realizada através deste trânsito que fundamenta nosso recorte dentre os aspectos macro e micro dos estudos migratórios.

A mobilidade migratória se faz de forma cotidiana. Sabemos que o migrante se estabelece em um país, mas permanece provisoriamente no que diz respeito à sua experiência de viver o cotidiano neste novo território e lugar. Se os estudos migratórios compõem o que denominamos como aspecto macro, a decisão por se estabelecer em Campinas é o trajeto para o aspecto micro.

Alguns pontos de interesse precisam ser considerados pelo destaque que a cidade de Campinas – SP e sua Região Metropolitana (RMC) possuem como fator de atração de migrantes internacionais. Ribeiro e Baeninger (2024, p. 40) informam que a primeira característica é devido ao dinamismo econômico que a região possui e o outro fator é direcionado à proximidade da cidade com a capital paulista.

Portanto, este conceito da migração como algo fluído permeia nossa concepção de que esse movimento permanece de forma subjetiva no cotidiano dos migrantes, uma vez que apesar de sua integração com o lugar de destino, o migrante permanece neste estar-entre. O fluxo migratório, sobretudo aquele das populações haitianas, congolesas e bolivianas é conduzido pela dinâmica entre o permanecer nas grandes metrópoles brasileiras, como é o caso de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (Handerson, 2015a, 2015b).

Uma problemática surge com a escolha pelas grandes metrópoles: o custo de vida. As grandes metrópoles, apesar de possuírem como principal fator de atração a oferta de empregabilidade, também oferecem um custo de vida elevado, consequentemente a experiência do migrante é condicionada à marginalidade social que Singer (1995) expôs e que é relacionada diretamente com a migração da América Latina.

Ao tratarmos a marginalidade social do migrante, conduzimos esta pesquisa às condições enfrentadas pelas populações em vulnerabilidade social. Para além de sua provisoriade evidenciada por Sayad (1998), estas pessoas estão condicionadas a uma estrutura social que se embasa nas relações herdadas pelo colonialismo europeu, tendo como consequência o **racismo estrutural** e a **xenofobia**. Característica extremamente presente não apenas no cotidiano do Brasil, como também nos países colonizados.

Populações vulneráveis, sobretudo as de descendência afroameríndia se encontram em uma vivência determinada pela violência. Fanon (2022), em sua obra “Os Condenados da Terra”, relaciona que esta noção da violência enquanto moderadora do cotidiano das pessoas afroameríndias é coordenada pela colonização e por suas consequências. Para Fanon (2022, p. 34) é a colonização que cria os espaços, ou seja, desenha a cidade e faz com que ela se separe em duas: o mundo do colono e o mundo do colonizado. Esta cisão é estruturada pela fronteira, sendo ela um ponto em que a violência se reproduz de forma institucionalizada através dos quartéis e delegacias de polícia. São esses pontos que se reproduzem na paisagem das grandes capitais brasileiras quando observamos pontos de conexão entre os bairros periféricos e nobres.

Ao compararmos o que Fanon (2022) expõe sobre a estrutura da colonização e seu papel na criação dos espaços, temos a afirmação de Gonzalez (1988, p. 72):

Quando se analisa a estratégia utilizada pelos países europeus em suas colônias, verifica-se que o racismo desempenhará um papel fundamental na internalização da “superioridade” do colonizador pelos colonizados. E ele apresenta, pelo menos, duas faces que só se diferenciam enquanto táticas que visam ao mesmo objetivo: exploração/opressão.

Portanto, a exclusão territorial do corpo negro se mantém pelo desenvolvimento do pacto da branquitude, em que há “um componente narcísico, de autopreservação, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’” (Bento, 2022, p. 18).

Desta forma, o que buscamos passa pelos aspectos macro e micro que foram determinados previamente, uma vez que os movimentos migratórios permanecem ocorrendo de forma intensa, principalmente aqueles caracterizados pelos fluxos Sul-Sul. Em contraponto ao dinamismo migratório há dois pontos que precisam ser refletidos, sendo eles a xenofobia e o racismo, ambos herança da colonização europeia.

Nosso principal objetivo com esta pesquisa se traduz pelo seguinte questionamento: como se dão os espaços de vida de imigrantes na cidade de Campinas – SP? Para responder esta pergunta utilizaremos como embasamento a compreensão de que os espaços destes imigrantes são determinados não apenas pela sua nacionalidade, visto que ela não é uma característica latente, e sim pela questão étnico-racial, em virtude de os participantes voluntários serem imigrantes oriundos de países como Congo, Haiti e Bolívia.

O movimentar em busca dos imigrantes

Iniciaremos este subcapítulo com um breve relato sobre como se deram os trabalhos de campo em busca de imigrantes. Ao me confrontar com as lembranças deste segmento da pesquisa sinto a urgência em narrar como se deram os percalços enfrentados para obter o contato de haitianos.

Esta pesquisa se iniciou com apenas uma nacionalidade de migrantes: **haitianos** e nosso recorte espacial eram, a princípio, os municípios de Campinas (Figura 1.1) e Limeira. Uma problemática percorreu nosso caminho, não sabíamos como encontrar os imigrantes, onde eles estavam no município? De qual maneira poderíamos chegar até eles?

A primeira pista para a solução destes questionamentos surgiu em uma manhã gelada de Barão Geraldo. Durante meu período como mestrando na Unicamp. Fui contemplado com uma vaga na Moradia Estudantil da Universidade, assim, morei sempre no Distrito de Campinas e próximo ao *campus*.

Por ser um estudante membro do Laboratório dos Riscos e Resiliência (LAGERR), localizado na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) em Limeira, se tornava necessário que eu pegasse um ônibus concedido pela própria universidade para me deslocar e participar de reuniões e eventos.

Contudo, quando as reuniões aconteciam no período da manhã havia a necessidade de utilizar aplicativos de transporte privado (Uber ou 99) para ir até o local e adentrar o ônibus. Algumas coisas acontecem de maneira inesperada e quando já estava aflito na procura de haitianos, pedi uma corrida por um desses aplicativos. Neste dia em questão, ao entrar no carro e cumprimentar o motorista com um bom dia percebo algo: havia um sotaque em sua voz, não parecia nenhum sotaque brasileiro, seria ele um imigrante?

Engatei uma conversa, relatei minha pesquisa e que estudava a migração haitiana. Como diria minha avó: joguei verde e colhi maduro! O motorista era haitiano! Era exatamente o que eu precisava, perguntei se ele não gostaria de falar sobre sua vinda para Campinas e senti um receio vindo de sua voz. Me contou sobre seu trajeto, que veio até o Brasil, pois seu irmão já se encontrava no país.

Localização do município de Campinas em sua Região Metropolitana



Elaboração: Nicolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum SIRGAS 2000



Nosso primeiro personagem nesta pesquisa não quis me dar mais informações, mas em troca de sua negativa me deu uma localização: “tem uma igreja para os haitianos aqui em Barão, é perto da Praça do Coco. É só você pegar e ir até o final da praça, perto do banco Santander, lá você consegue conversar com mais pessoas”.

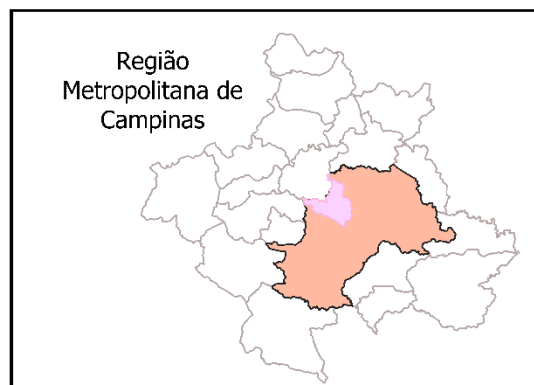
Através desta informação parti em minha busca. A Praça José Barbutti, também conhecida como Praça do Coco fica entre meu trajeto diário da Moradia Estudantil para Unicamp (Figura 1.2), passo por ela dentro do ônibus que leva os alunos residentes da moradia para a universidade. Muito arborizada, assim como boa parte da região onde se localiza a Unicamp, a praça tem uma forma esguia com quiosques e *playgrounds* (Figura 1.3).

Ao andar pela ciclovia que corta a praça ao meio observava duas escolas públicas, gritos de criança vinham até meus ouvidos. Havia um quiosque que contava com uma escultura de um coco imenso, era a fruta que dava nome à lanchonete, algumas famílias estavam ali com seus filhos pequenos a brincar no escorregador. Um fato que acho interessante relatar é que no decorrer deste quase um quilômetro percorrido observei três igrejas neopentecostais, uma com a arquitetura clássica da Congregação Cristã do Brasil, já as outras duas se pareciam com galpões, construções quadradas e que remetem diretamente a essas novas formas de louvar.

Julguei que seria fácil conseguir haitianos para possíveis entrevistas, estava completamente enganado. Em minha primeira busca pela igreja, conversei com trabalhadores dos quiosques da praça, fui até o local próximo ao banco que o motorista havia me falado, mas não encontrava nada. Ninguém tinha informações a respeito da “igreja de haitianos”.

Aqui entra uma personagem breve que solucionou a dúvida que impedia meu trajeto. Na porta de uma das casas se encontrava uma senhora de cabelos brancos, um vestido azul florido e óculos na ponta do nariz. A mulher me cumprimentou e eu o fiz, me apresentei enquanto ela falava: “meu nome é Maria, meu filho”. Dona Maria me indicou que no final da rua todo domingo enquanto ela caminhava “escutava um povo cantando em uma língua **estranha**”.

Trajeta diário entre a Moradia Estudantil e a Unicamp realizado pelo ônibus



Elaboração: Nicolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum SIRGAS 2000

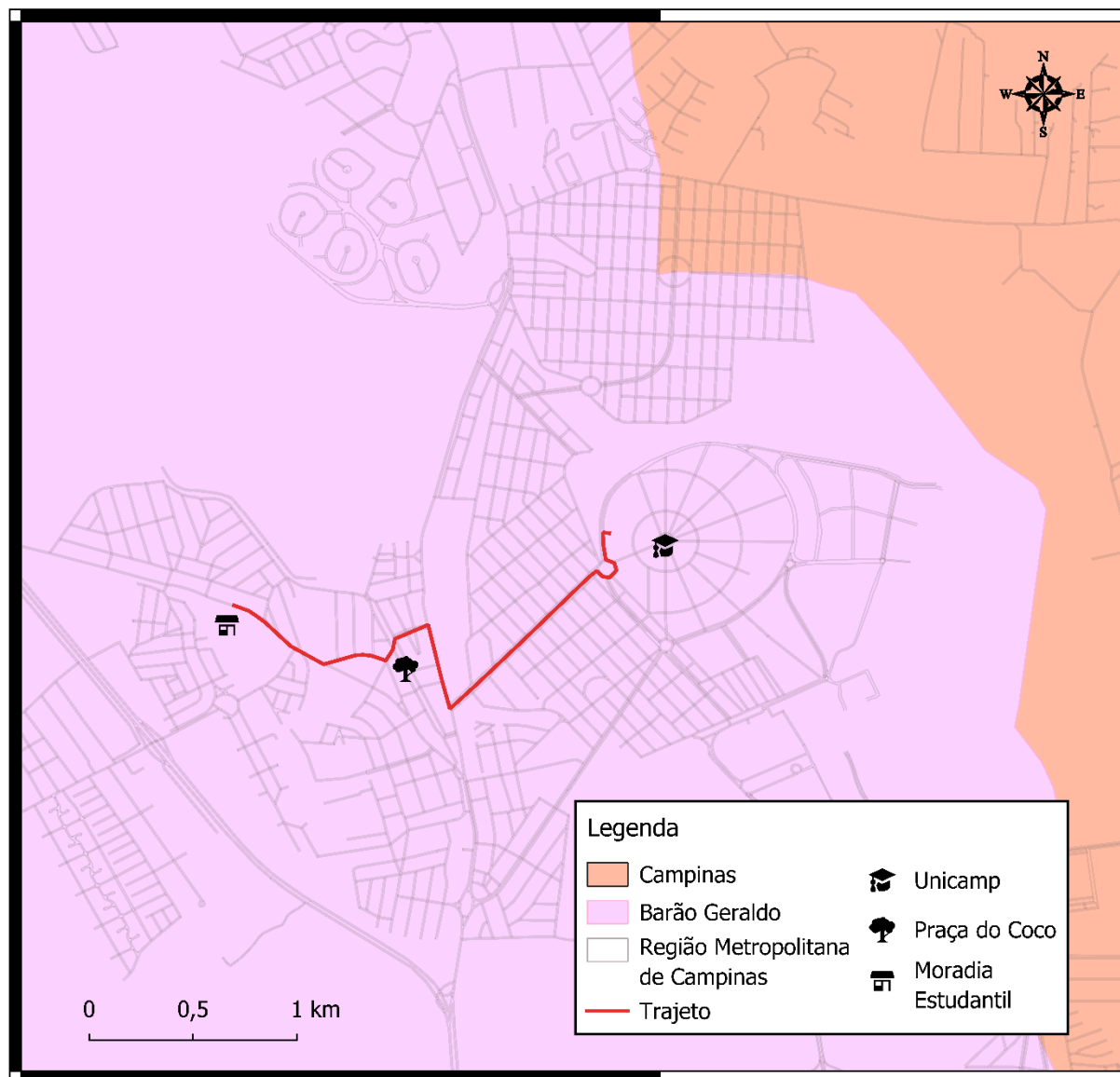


Figura 1.3 – Ciclovia interna da Praça José Barbutti (Praça do Coco), Barão Geraldo, Campinas



Autor: Nicolas Vieira da Costa (2023).

Agradecido pelas informações, segui pela rua e me deparei com um grande galpão retangular. Daqueles que relatei acima. Se tratava de uma igreja neopentecostal, contudo era claro que havia uma nova apropriação deste espaço que antes poderia muito bem ter sido qualquer coisa, menos um templo evangélico. A única informação que determinava que aquele galpão se tratava realmente de uma igreja era um banner com sua nomenclatura (Figura 1.4). Suas portas estavam fechadas e assim permaneceram por todas as vezes que fui até lá.

Fui até a igreja por mais duas vezes, sempre de portas fechadas, procurei informações online e encontrei um telefone e um perfil no Instagram. Minhas tentativas de ligação também eram frustradas e só me restava a rede social, a resposta que eu precisava chegou no meu último recurso, recebi o contato de pastor e me apresentei por e-mail. Novamente fiz todo o percurso de explicar a pesquisa, mas

recebi um retorno de que já havia uma pessoa da Unicamp estudando os imigrantes haitianos da igreja e que se eu realmente quisesse ir até lá, deveria ser em um culto ministrado por ele, já que toda a celebração ocorria em *créole*, língua nativa dos haitianos.

Era um entrave, não me senti bem recebido neste lugar, suas portas físicas e espirituais estavam fechadas para mim. Decidi que iria em um destes cultos ministrados pelo pastor em questão, mas o próximo ocorreria apenas no outro mês. De acordo com as informações que obtive das pessoas que trabalham na igreja, este culto ocorre semanalmente todos os domingos, mas minha presença atrapalharia, pois os pastores ao me ver tentariam traduzir seus sermões para o português.

Figura 1.4 – Fachada da igreja onde ocorrem os cultos em *créole*



Autor: Nicolas Vieira da Costa (2023).

Sendo assim, novamente iniciei minha busca, andava por Barão Geraldo, Campinas, mas os imigrantes simplesmente não surgiam. Era um imbróglio. Naveguei por sites e em redes sociais, liguei em associações de imigrantes, grupos no Facebook,

mas as respostas não chegavam. O tempo corria e ao seu lado estava eu andando em passos lentos, mesmo que incessantes.

O último recurso era a Prefeitura de Campinas, mas o contato repetidamente levou mais tempo do que pensei. Liguei nos números disponíveis, mandei e-mails, comentei da possibilidade de me deslocar até o Cepir (Coordenadoria Setorial da Promoção da Igualdade Racial), órgão público que continha as informações que eu precisava, mas sempre recebia respostas vazias de que ir até o lugar não resolveria.

Me sentia em uma enrascada, não sabia mais a quem ou onde recorrer. Todos os meus contatos não me respondiam, metaforicamente ainda me encontrava em frente às portas trancadas da igreja.

Durante esse período de buscas malogradas (primeiro semestre de 2023), eu estava como estagiário da turma de Geografia do Instituto de Geociências (IG), atuei como PED (Programa de Estágio Docente) na disciplina “Estudos Populacionais”. Em uma das monitorias que havia feito um dos alunos me informou que tinha um colega haitiano que fazia pós-graduação na Unicamp e poderia me passar o contato para conversarmos. Em contrapartida, o coordenador do Cepir também me passou o contato de outro haitiano, este que era o líder de uma associação para haitianos na região de Campinas. Saliento aqui que já havia tentado entrar em contato com esta associação, mas não obtive sucesso.

Como a pesquisa se deu? Precisamos esclarecer esta questão antes de nos adentrarmos nos resultados obtidos até então. A dificuldade de conseguir haitianos para participação das entrevistas fez com que a pesquisa tivesse que ser alterada. Desta forma, decidimos ampliar nossas buscas para outras nacionalidades de migrantes dentro de Campinas. Resultando em oito conversas realizadas, sendo com cinco haitianos, dois congoleses e uma boliviana.

Da mesma maneira o recorte espacial teve de ser alterado, uma vez que a dificuldade de contato com imigrantes em Campinas fez com que a pesquisa se atrasasse. Por esse motivo decidimos que seria melhor retirar Limeira e manter apenas Campinas como lugar de análise.

Após este prelúdio, podemos nos adentrar nas experiências migrantes, bem como, conceber seus trajetos até o Brasil e os lugares em que moram atualmente.

**ENTRE ESPAÇOS DE VIDA
E LUGARES**

*“Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.”*

Impressionista – Adélia Prado.

Elucidar os espaços de vida para essa pesquisa de mestrado é o objetivo central deste capítulo. Espaço de vida é um conceito trabalhado por Daniel Courgeau (1988, 1990, 2013) dentro da Demografia e que em sua época de concepção consistiu em uma nova forma de compreender o movimento humano a partir da junção de dados temporais e espaciais, “Essa noção responde à necessidade de repensar os modelos explicativos tradicionais da mobilidade” (Marandola Jr., 2008, p. 147).

Em sua tese, Marandola Jr. (2008) apresenta que Courgeau concebeu esta teoria para incorporar abordagens quantitativas e qualitativas dos estudos demográficos. O demógrafo desenvolve esta noção para compreender as diferentes formas em que a mobilidade contemporânea acontece, para isso, Courgeau integra o “‘espaço’ enquanto conceito, trazendo o significado e a importância da dimensão espacial nos fenômenos demográficos” (Marandola Jr., 2008, p. 148).

Desta forma, o conceito de espaço de vida nos orienta a pensar em lugares e atividades cotidianas dos indivíduos, assim como permite que vejamos a interligação entre esses lugares através da mobilidade (Lira, 2017).

Relacionamos que Marandola Jr. (2008) desenvolve em sua tese a concepção de espaços de vida no contexto da metrópole, realizando um estudo de cidades que compõem a Região Metropolitana de Campinas (RMC). Nesta pesquisa iremos manter nossos estudos apenas no município sede dessa região.

Assim, para Courgeau (1988, p. 16) o espaço de vida é aquele “que abrangerá a parte do espaço onde o indivíduo realiza suas atividades”³ cotidianas. Ele é composto pelo percurso de vida dos indivíduos e se orienta por quatro tipos de evolução deste

³ Tradução livre do original: “*qui va couvrir la portion d’espace où individu effectue ses activités*”.

espaço: 1) difusão ou extensão, 2) deslizamento, 3) transplantação, e 4) contração ou recuo⁴ (Courgeau, 1988).

O espaço de vida como difusão ou uma extensão em direção a novos pontos do espaço configura-se quando o indivíduo começa a trabalhar, conservando os lugares de afeição/ligação anteriores. O segundo tipo realiza-se quando há um deslizamento de posições, ou seja, com a incorporação de novos lugares ao espaço de vida, há uma perda de posições anteriores. A transplantação pode ser uma consequência do deslizamento, se nenhuma posição anterior tiver sido mantida, havendo uma mudança completa da implantação do indivíduo no espaço. E por fim, a contração ou o recuo no espaço de vida pode ocorrer se houver a perda de posições anteriores, como no caso da aposentadoria. (Marandola Jr., 2008, p. 148, destaques do original).

Este diálogo trazido à tona por Courgeau (1988) permite que se crie uma relação entre a Demografia e a Geografia. Quando Courgeau (1988) cria esta noção dentro da Demografia, ele relaciona que o ser humano se encontra no cerne dos mais diversos sistemas sociais, podendo ou não se identificar com tais sistemas. Isso significa que o indivíduo “pode estar envolvido no sistema familiar como coabitante e pai de uma criança; no sistema econômico como engenheiro de uma indústria automotiva; no sistema político como vereador de sua comunidade; no sistema religioso como um católico não praticante” (Courgeau, Lelièvre, 2001, p. 15)⁵.

Levantamos aqui uma possibilidade dentro desta teoria criada por Courgeau (1988, 1990): esta noção permitiria que os espaços de vida de imigrantes pudessem ser compreendidos para além da mobilidade interna dentro da metrópole? Para além da questão do imigrante, a noção desenvolvida pelo autor permitiria se relacionar com a vivência das populações negras?

Tomamos como ideia de que o migrante experiencia o espaço de vida enquanto deslizamento a partir de sua necessidade de migrar, incorporando estes novos lugares ao espaço de vida. Como consequência surge a transplantação, sendo o novo enraizar deste migrante em seu novo lugar.

⁴ Tradução livre do original: “1) *diffusion* ou *extension*, 2) *glissement*, 3) *transplatation*, e 4) *contraction* ou *repli*”.

⁵ Tradução livre do original: “*puede estar implicado en el sistema familiar como coabitante y padre de un niño; en el sistema económico como ingeniero en la industria automotriz; en el sistema político como consejero municipal de su comuna; en el sistema religioso como católico no practicante*”.

Para que possamos compreender como o lugar tem influência na percepção do espaço de vida, iremos recorrer a Frémont (1980) e seu conceito de espaço vivido. O geógrafo francês utiliza a metodologia de escalas espaciais que se combinam e geram o que ele denomina como espaço vivido. Diferentemente do espaço de vida de Courgeau (1988), o espaço vivido de Frémont (1980) se relaciona ao movimento de forma subjetiva (Marandola Jr., 2008; Lira, 2017).

Os lugares, no entanto, formam a trama elementar do espaço, constituem numa superfície reduzida e em redor de um pequeno número de pessoas as combinações mais simples, mais banais, mas talvez também as mais fundamentais das estruturas do espaço: o campo, o caminho, a rua, a oficina, a casa, a praça, a encruzilhada... Como bem o diz a palavra, através dos lugares *localizam-se* os homens e as coisas. (Frémont, 1980, p. 121-122, destaques do original).

Marandola Jr. (2008) destaca ainda que para Frémont, a relação que o homem tem com o espaço habitado é um interesse para os geógrafos. Portanto, o conceito do gênero de vida foi criado e vinculado ao de *habitat*, “que para os geógrafos ia além da simples habitação, mas continha as condições para a existência” (Marandola Jr., 2008, p. 171).

O lugar entra como fator preponderante para a análise de Frémont (1980) e Courgeau (1988). Lira (2017, p. 27) afirma que existem similitudes em ambas as concepções, apesar de um distanciamento enquanto suas formas de analisar a mobilidade, pois enquanto um dos conceitos preza por uma noção quantitativa o outro se embasa no qualitativo para medição da importância dos lugares.

Desta forma, acreditamos que uma mescla entre ambos os conceitos nos auxiliaria na produção deste texto, bem como no entendimento de como se dão os espaços de vida dos imigrantes, bem como a influência que os lugares ocupam na vida dessas pessoas. É a partir dos espaços de vida que os lugares se formam, as experiências humanas são determinantes na criação de nossos lugares de afeição, contudo, onde entra o lugar no discorrer dessa pesquisa? O que é o lugar para os imigrantes entrevistados?

Onde entra o lugar?

Diante disso, nos dirigimos para o entendimento do lugar enquanto categoria de análise para esta pesquisa. Demos como direção inicial uma análise do aspecto macro dos movimentos migratórios e da mobilidade guiada pela modernidade.

Assim, agora trabalharemos com o que denominaremos como aspecto micro, acreditamos que seja necessário ponderar uma informação, quando abordamos como micro estamos relacionando esse termo enquanto algo que se realiza de forma interna dentro dos indivíduos. Para isso nos baseamos em uma linha de pensamento humanista com a experiência ontológica do ser-no-mundo.

Esta visão do lugar está vinculada com autores da Geografia Humanista, como Yi-Fu Tuan (1980, 2011, 2013, 2018), Anne Buttimer (1982, 2015), Edward Relph (1979, 2008) e Eric Dardel (2015). É a partir de suas concepções a respeito da temática que, nas palavras de Marandola Jr. (2008, p. 58), passaremos a “entender o lugar como a menor célula espacial, na escala do corpo, que se relaciona com a casa, o confinamento, a proteção e a identidade”.

Entendemos o lugar como originado a partir da experiência, integrando as escalas individuais, coletivas, assim como se concretizando a partir dos fenômenos sociais, físicos e identitários. O geógrafo Yi-Fu Tuan (1980, 2013, 2018) em seus estudos a respeito do lugar relaciona essa categoria com a experiência. O autor (2011, 2018) relata ser a partir da familiaridade que o espaço (categoria caracterizada através da liberdade) se transforma no lugar, esta familiaridade é dada pelo ordenamento desse espaço, o que possibilita sua habitação pelo Ser.

O lugar é um centro de significado construído pela experiência. É conhecido não apenas através dos olhos e da mente, mas também através dos modos de experiência mais passivos e diretos, os quais resistem à objetificação. Conhecer o lugar plenamente significa tanto entendê-lo de um modo abstrato quanto conhecê-lo como uma pessoa conhece outra. [...] Para a maioria das pessoas no mundo moderno, os lugares situam-se em alguma parte na extensão intermediária da experiência. Nesta extensão, os lugares são construídos fora de tais elementos como odores distintivos, qualidades textuais e visuais no ambiente, mudanças sazonais de temperatura e cor [...] (Tuan, 2018, p. 5-6).

Assim, temos que o lugar é familiar a partir da vivência com o espaço, uma característica existencial do ser-no-mundo. Para Tuan (2013, p. 12), em sua obra “Espaço e lugar”, a criação dos lugares é feita através dos “centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”, o que é relacionado diretamente com o repousar do movimento e com as experiências que o Ser possui no espaço. A experiência se encontra no campo do aprendizado, e se relaciona, com a realidade que pode ser conhecida e que é constructo da experiência, “uma criação de sentimento e pensamento” (Tuan, 2013, p. 18).

São nossas experiências que determinam nosso vínculo ou aversão com os lugares que ocupamos. Tratamos aqui da experiência enquanto criadora de lugares não apenas de caráter individual, como também coletivo, pois até mesmo os locais públicos se relacionam com a historicidade, memória e identidade de um grupo (Marandola Jr., 2008, p. 58).

Essa relação da experiência enquanto fundadora de lugares só se faz possível pela nossa leitura da conexão do Ser com a Terra. Uma cumplicidade que foi trabalhada por Eric Dardel (2015) em sua obra “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica” e é denominada por **geograficidade**.

A geograficidade é um conceito que nos é de extrema importância, uma vez que ele abarca a essência entre o Ser e a experiência geográfica. “Enquanto base da existência, a associação entre geograficidade, lugar e paisagem têm sido fértil, permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica” (Marandola Jr., 2015, p. 12), experiência que é guiada por meio do espaço geográfico.

Dardel (2015) afirma ainda que o espaço geográfico “é dotado de características que lhe imprime qualificações, estas podem limitar ou não a mobilidade e vivência dos seres humanos” (Costa, Marandola Jr., 2023, p. 6). O espaço geográfico para o Dardel é caracterizado pela junção de diferentes espaços, o que o diferencia do espaço geométrico que era tão utilizado em estudos de sua época e que parte da ideia do espaço abstrato.

Em outras palavras, Dardel (2015) conduz a concepção do espaço geográfico como algo que não é abstrato, composto por seis diferentes tipos: **espaço material** que “não é, de forma alguma, uma ‘coisa’ indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a

liberdade humana” (Dardel, 2015, p. 8), é dado pela materialidade. **Espaço telúrico** que consiste na experiência do Ser com a terra, de forma íntima e concreta, “um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica” (Dardel, 2015, p. 15, destaques do original). **Espaço aquático** que se traduz por ele próprio, é todo espaço composto pelas águas dos oceanos e mares, “o espaço aquático é um espaço *líquido*. Torrente, riacho ou rio, ele corre, ele coloca em movimento o espaço” (Dardel, 2015, p. 20, destaques do original). **Espaço aéreo** que é a atmosfera, é por ele que se transmite a luz, os odores, as sensações do vento ao passar por nossa pele (Dardel, 2015, p. 26). **Espaço construído** que é todo o espaço modelado pela ação antrópica. E a **paisagem** que se constrói pela percepção do que os seres humanos veem e sentem.

Portanto, a geograficidade “expressa a razão de ser do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser-no-mundo” (Holzer, 2013, p. 20).

No que diz respeito ao ser-no-mundo, Holzer (2013, p. 21) declara que os fenomenólogos ao se referirem a esse termo falam da essência do existir. Para o autor somos seres-em-situação, como já dito anteriormente neste trabalho. Estamos em situação, em uma coletividade compartilhada por bilhões de pessoas dentro do mundo que é vivido e estruturado pelas experiências individuais e coletivas, especialmente no que diz respeito à vivência que compartilhamos através da estrutura social.

Esse é o mundo-da-vida (*Lebenswelt*), conceito desenvolvido por Edmund Husserl, pensador considerado o pai da fenomenologia e que é utilizado em alguns estudos voltados à análise humanista do espaço, “É aquele mundo do contexto da experiência humana, sendo instância primária e necessária para o entendimento da relação do homem com o meio ambiente” (Fernandez, 2013, p. 98).

Anne Buttmer (1982, p. 172) afirma que o mundo para o fenomenologista “está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal”. Este é o mundo em que temos nossas primeiras experiências, desvinculado de um olhar científico e positivista, “é a expressão das atitudes diárias das pessoas que o habitam e que lhe dão sentido, sendo o modo pré-consciente que emerge da experiência” (Fernandez, 2013, p. 98).

Assim, se os lugares emergem da experiência (Relph. 1979; Tuan 1980, 2013; Buttimer, 1982), eles podem determinar pontos de afeição ou aversão com o espaço. Podemos afirmar que os lugares não são apenas os espaços onde se criam as aversões e afeições, como também são os palcos de lutas e tensões diárias que partem da existência humana.

Lugar é experiência. Brito e Serpa (2020, p. 34) em seu estudo sobre o conceito de corpo-lugar, trazem a experiência como uma moldadora do espaço, para eles o corpo é um

acumulador de experiências de vida, experiências trocadas e vividas a partir de sua relação com os lugares e com quem vive esses lugares. Experiências estas que vão se tornando repertório de sensações, emoções e memórias guardadas no corpo, prontas para serem sentidas e expressas no momento em que esse corpo se coloca diante de um lugar capaz de acioná-las. Assim, as experiências de vida se transformam na medida em que são revividas como uma espécie de repetição atualizada pelas emoções sentidas.

Buttimer (1982, p. 176-177) ao confrontar a experiência enquanto influenciadora na compreensão de espaços diz que

A pessoa (corpo, mente, emoção, vontade) e mundo estão engajados nos processos e padrões observáveis no comportamento evidente. [...] Pelo menos três caminhos gerais de pesquisa podem ser identificados. Primeiro, o espaço foi construído como um mosaico de lugares especiais, cada qual estampado pela vontade, valor e memória humana. Segundo estudos do espaço social investigaram a experiência do mundo que é filtrada através de sistemas de referência social e de redes de interação. Terceiro, o espaço foi estudado em termos de processos ecológicos e organização funcional, seu caráter objetivamente mensurável, mais como contexto do que expressão humana. Nestes três caminhos principais, os geógrafos têm lutado com tensões entre modos de conhecimento subjetivo e objetivo, entre perspectivas individuais e coletivas e entre facetas temporal e espacial da experiência.

A visão de Buttimer (1982) a respeito da experiência enquanto formadora dos lugares pode ser relacionada com a discussão que Brito e Serpa (2020, p. 36) a respeito do corpo-lugar. Para os autores o corpo-lugar nasce no momento em que o nosso Ser se relaciona com o mundo ao seu redor e se movimenta através dele.

Portanto, pensar no espaço e lugar de forma fenomenológica parte da experiência humana no mundo e “implica em reduzir a ciência e seus temas no sentido ontológico, epistemológico e metodológico, repercutindo as implicações desse caminho em todos estes campos” (Marandola Jr., 2008, p. 69), pois, “a fenomenologia nos permite ver o homem de uma maneira integrada, independente de todos os fenômenos de diferentes naturezas e escalas que concorram para a sua constituição e formação” (Marandola Jr., 2008, p. 101).

Buttimer (1982, p. 177-178) informa que a pessoa enquanto indivíduo é considerada o “ponto zero de seu sistema de referência”, ela possui um lugar **natural**, sendo assim

Cada pessoa está rodeada por ‘camadas’ concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação. Além disso, pode haver “lugares privilegiados”, qualitativamente diferentes de todos os outros, tais como o “lugar de nascimento do homem, ou as cenas de seu primeiro amor, ou certos lugares da primeira cidade estrangeira que visitou quando jovem”.

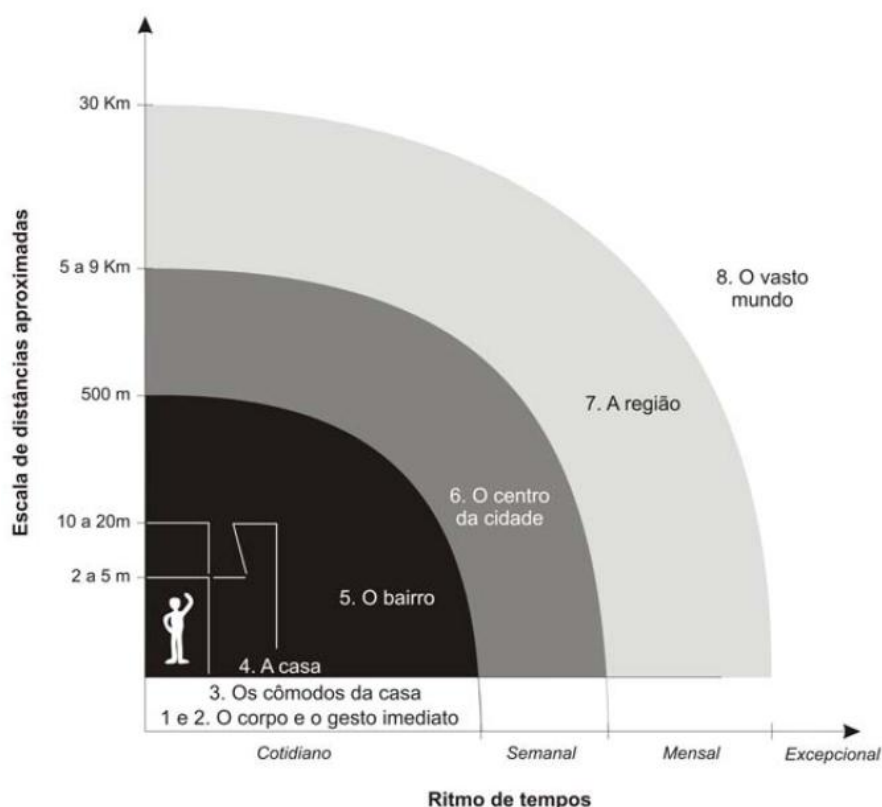
A concepção de Buttimer (1982) a respeito das camadas de espaço vivido possui semelhanças com o que Frémont (1980) conduz a respeito das “conchas do homem”, conceito definido por Moles e Rohmer (1964) e que nos leva a captar que o corpo (trabalhado como Ego, pelos autores) está no ponto central de uma sequência de lugares vividos (Figura 2.1). Estes lugares vividos pelo homem são determinados por oito “conchas” que se traduzem através do

corpo próprio, o gesto imediato do ‘tudo ao alcance da mão’, a sala da casa ou apartamento, a casa/o apartamento, o bairro, a cidade centrada, a região e o vasto mundo –, embora mais identificadas com os modos de vida da sociedade urbano-industrial, podem servir, de uma maneira mais geral, como a expressão de um agir e um pensar em escala, agir e pensar embasam uma Geografia do dia a dia sem necessariamente serem identificados como ação e pensamento racionais e conscientes, já que essa Geografia se constitui muitas vezes de modo reflexo e através de experiências vividas. (Brito, Serpa, 2020, p. 40).

Ao expor que as pessoas são formadas por um agrupamento de lugares, Buttimer (1982, 2015) nos dá uma visão diferenciada a respeito da composição do lugar

para a fenomenologia. Diferentemente de Tuan (1980, 2011, 2013, 2018), a autora relata que o lugar não é apenas um ponto de repouso do corpo, como também pode abranger diferentes níveis de constituição e até mesmo de tamanho, uma vez que uma pessoa pode considerar tanto sua casa como seu país seus lugares.

Figura 2.1 – Conchas de Moles e Rohmer (1964), segundo Frémont (1976)



Fonte: Marandola Jr. (2008, p. 96).

Buttimer (2015, p. 6) reforça esta concepção ao afirmar que

Existem muitas dimensões de significados atribuídos ao lugar: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. As pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação.

Relfh (2008) em sua obra *“Place and placelessness”* busca uma outra concepção de lugar. O autor pensa em diferentes medidas de relação entre os lugares e

na sua própria constituição, entende-se aqui que constituição é a forma em que este lugar é concebido.

Marandola Jr. (2008, p. 59) afirma que Relph (2008) vai priorizar a produção do espaço pela ação do poder público,

estes, quando representam uma descontinuidade em relação à historicidade da comunidade, rompem com a relação orgânica de produção da cidade e de construção de lugares, passando a constituir, para o autor, uma atitude inautêntica, manifesta pela ruptura e pela não preocupação com o sentido de lugar.

Para Relph (2008, p. 42-43) o lugar é

um centro de ação e intenção, é “um foco onde vivenciamos os eventos significativos de nossa existência”. [...] Os lugares são contextos ou planos de fundo para objetos ou grupos de objetos e eventos definidos intencionalmente, ou podem ser objetos de intenção em sua própria forma [...]

A essência do lugar está na intencionalidade amplamente consciente que define os lugares como centros profundos da existência humana.⁶

Esta visão humanista do lugar enquanto categoria geográfica nos permite ler como ele se funda na essência do existir de cada ser-no-mundo. Logo, o que buscamos é como esse lugar se dá para imigrantes, uma vez que a essência da concepção de lugar se dá através do movimento (Holzer, 2013, p. 23).

Assim, é impossível dissociar o lugar enquanto experiência para os imigrantes e dentro destes lugares, temos os espaços de vida que compõem uma dinâmica entre as mobilidades e imobilidades internas dessas pessoas. Portanto, necessitamos nos adentrar em um conceito que irá percorrer estes espaços de vida: o habitar.

⁶ Tradução livre do original: “a centre of action and intention, it is “a focus where we experience the meaningful events of our existence”. [...] Places are the contexts or backgrounds for intentionally defined objects or groups of objects and events, or they can be objects of intention in their own right. [...]

The essence of place lies in the largely unselfconscious intentionality that defines places as profound centres of human existence.”

O habitar e a casa como casulo protetor

Entendemos que o ser-aí (*Dasein*) é determinado pelo que Heidegger concebe como “**topologia do ser**”, sendo esta noção o fundamento de seu pensamento acerca do lugar. Assim, “O *Dasein* como modo de existência do ser humano é abertura, orientado para o mundo – uma radical contraposição a um sujeito autoconsciente” (Marandola Jr., 2020a, p. 26).

Marandola Jr. (2008, p. 73) afirma que “o geográfico é dinâmico, assim como os lugares e a experiência destes [...] O movimento se dá pela localização, proximidade, distância, distribuição e extensão”. O autor nos fala que para a compreensão do *Dasein* precisamos nos ater à proximidade.

Heidegger fala de uma proximidade direcionada, composta pelo distanciamento (o distanciar fundado na possibilidade de aproximar ou diminuir distâncias), pela região ou circundade (ambiente onde uma coisa particular pode mover-se) e pela orientação (o norteador do ser-no-mundo) (Marandola Jr., 2008, p. 73, destaques do original).

Dessa forma, partimos para o conceito que orbita esse trabalho: o habitar (*dwelling*). Di Cesare (2020, p. 222) descreve que o habitar chega tardiamente nos estudos filosóficos, para ela “é paradoxal: justamente quando a terra parece uma moradia familiar, seus habitantes, que poderiam por fim sentir-se em casa em qualquer lugar, não estão em casa em lugar algum” (Di Cesare, 2020, p. 222-223). A autora relaciona este fato do não estar em casa com o processo de desterritorialização que vem ocorrendo de forma intensa na modernidade líquida (Bauman, 2001).

O latim *habito* é uma forma frequentativa do verbo *habeo*: habitar significa “ter habitualmente, continuar a ter”. No habitar, insinuam-se desde a origem a propriedade e o pertencimento. É a ideia ancestral da posse semeando a semântica. A frequência vira hábito e, por sua vez, o hábito dá origem a dominação e a domínio. Principalmente do lugar. Possuir, permanecer, instalar-se, estacionar, tornar próprio, identificar-se, legar a si, ligar-se – a tudo isso o habitar é comumente remetido, entendido como uma reelaboração do mundo circunstante. O sujeito, protagonista do habitar, escava profundamente e traça em torno de si os limites da apropriação. O corpo instala-se em um espaço, mergulha nele quase a ponto de se fundir, de se tornar uma unidade. (Di Cesare, 2020, p. 223-224, destaques do original).

Di Cesare (2020) relata que é a partir de Heidegger com sua obra “Ser e tempo” que a ideia do habitar sofre uma reviravolta, desvinculando-se do *habito* enquanto posse. Marandola Jr. (2008, p. 76) expõe que para Heidegger existem pelo menos quatro sentidos básicos que compõem o habitar: “(1) construir é propriamente um habitar; (2) habitar é o modo como os mortais são e estão sobre a terra; (3) demorar-se; e (4) resguardar”. Logo, habitar envolve uma totalidade de experiências que se integram, é através da construção deste habitar que a relação do homem-lugar se faz. “Ser-no-mundo não quer dizer estar dentro do mundo, ocupando um posto, mas implica uma relação que se manifesta na permanência no mundo, em uma estreita intimidade” (Di Cesare, 2020, p. 226).

Heidegger (2008, p. 128, destaques do original) afirma que “não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos *como aqueles que habitam*”. Fica claro aqui que o habitar se encontra nas experiências do ser-no-mundo, neste vínculo que o homem produz com o espaço.

Em seu ensaio “Construir, habitar, pensar”, Heidegger (2008, p. 133) ao refletir os sentidos sobre espaço e lugar cria uma referência à ponte, segundo ele “a ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar”. É pela ligação (espaçado) entre dois espaços que a ponte relaciona que o lugar se forma, pois, “o espaçado é o que, a cada vez, se propicia e, com isso se articula, ou seja, o que se reúne de forma integradora através de um lugar, ou seja, através de uma coisa do tipo da ponte. *Por isso os espaços recebem sua essência dos lugares e não ‘do’ espaço*” (Heidegger, 2008, p. 134, destaques do original).

Criamos então uma correlação da ponte heideggeriana com o Brasil. Como dissemos no capítulo anterior, o Brasil não é necessariamente um país de destino para os migrantes internacionais, é uma ponte, portanto é através dele que surgem os lugares possíveis, o desejo de (de)morar, habitar um país destino. Desta forma, o Brasil é uma passagem que dá espaço a novos lugares e novas possibilidades dentro de um trajeto

O habitar para Heidegger se inicia com o *Dasein*, visto que ele “é a própria essência do habitar que, por sua vez, é a determinação do ser-homem” (Marandola Jr., 2008, p. 77). Reforçamos que há uma necessidade de se desvincular a ideia de posse do habitar, é preciso que façamos uma reflexão sobre o modo de ser-no-mundo, somos

mortais que passam pelos espaços e os habitam, os transformam em lugares de convívio e proteção (Di Cesare, 2020, p. 227), em nosso casulo protetor. **Nossa passagem é transitória no mundo, assim, habitar também é movimento, é migração.**

Ao relacionarmos a casa com o termo casulo protetor trazemos para este trabalho a concepção de Giddens (2002), para o autor o casulo protetor é a defesa primária contra ameaças ou perigos, também denominado por carapaça defensiva. O casulo protetor nasce da **segurança** transmitida pelo enraizamento do ser com o lugar e que se relaciona ao medo imediato daquilo que muitas das vezes não é visível, e que está vinculado à liberdade que o espaço possui (Tuan, 1980, 2011).

“Habitar é um migrar que evoca um curso de um rio”. A partir desta afirmação, Di Cesare (2020, p. 228) nos leva para uma outra análise, para isso tomaremos o leito de um rio como lugar do Ser. Encaramos que habitar é migrar, pois se condiz no movimento do Ser no mundo, nesta transitoriedade que é caracterizada pela existência determinada através do viver no espaço. Portanto, há sentido em encarar que o lugar do Ser é como o leito de um rio, há movimento e vida. Por conseguinte, não há sentido quando se utilizam como legitimidade o solo e o sangue para afirmar o habitar no mundo, “a corrente [do rio] arrasta com ela todo título de posse, toda pretensão de herança. No balanço do rio fica somente a promessa de uma estadia provisória” (Di Cesare, 2020, p. 229).

A provisoriedade conduz a experiência do migrante, em contrapartida a casa é nosso centro gravitacional, uma vez que é nela que embasamos a vida cotidiana dos imigrantes. Para que compreendamos como a casa possui um poder central nesta pesquisa, adentraremos em um caminho sobre o experienciar o espaço e como a afeição e a casa se tornam um núcleo para a vida humana.

Entendemos que a casa é o ponto mais íntimo dentro da geograficidade que é expressa pelo ser-no-mundo. Em vista disso, esmiuçamos os movimentos migratórios e sua mobilidade, o lugar e o habitar para enfim chegarmos no ponto de tensionamento: a casa como espaço de vida, sendo encarada como um núcleo para os imigrantes.

O filósofo francês Gaston Bachelard em sua obra “A poética do espaço” (2000) traduz um dos sentidos da casa, ele diz que para assimilarmos os estudos mais

íntimos do Ser e de seu espaço interior é indispensável que deixemos de “considerar a casa como um ‘objeto’” (Bachelard, 2000, p. 23). Porque, a casa antes de tudo “é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?” (Bachelard, 2000, p. 24).

Marandola Jr. (2008, p. 169) afirma que para Bachelard “o sentido da casa é o do aconchego materno, aquele que está associado à proteção profunda, às raízes, às forças telúricas e divinas da proteção. Casa é abrigo, memória e refúgio”.

O coletivo também atribui sentido à casa, quando ouvimos imigrantes se referir ao seu lugar de origem como “minha casa” essa fala evoca o mesmo sentimento que a casa de Bachelard (2000) provoca. Buttimer (2015) em seu artigo “Lar, horizontes de alcance e sentido de lugar” nos lembra que as migrações transatlânticas do final do século XIX e início do XX marcaram uma nova reestruturação do lugar, assim como da casa.

Os migrantes europeus frequentemente cantavam louvores de seus lugares natais. Àqueles para os quais a viagem rumo ao oeste era definitiva, o anseio pelo lar resultou em uma virtual enxurrada de sentimentos sobre lugares e suas identidades. Muitos grupos de fato tentaram encarar suas imagens de “lar” não apenas na vida social e política, mas também em suas escolhas de trabalho, vida e padrões de lazer. (Buttimer, 2015, p. 5).

Buttimer (2015) propõe duas concepções para se pensar no lugar: lar e horizontes de alcance. Ambos se encontram fundados em um “centramento”, que “sugere um processo contínuo de vida, [...] o centramento é um processo essencialmente criativo das próprias pessoas. Os significados de lugar para aqueles que vivem nele têm mais a ver com a vida e os afazeres cotidianos do que com o pensamento” (Buttimer, 2015, p. 9).

Assim, para a autora (2015, p. 9) aquele que observa o lugar, observa a casa, enquanto quem reside naquele lugar vive o processo de habitar. Ela ainda evidencia que este conceito de lar “deveria idealmente ter aquelas qualidades de meu próprio lar – tranquilidade, odores, espaciosidade, fluxo rítmico de luz e sombra, inverno e primavera” (Buttimer, 2015, p. 14).

É fácil relacionarmos esta visão de Buttimer (2015) com a casa bachelardiana, apesar da noção da autora não estar fundada apenas na casa e sim no conjunto de características que o espaço possui e que o qualifica enquanto lar.

A casa se torna centro da vida quando relacionamos ela não apenas ao espaço físico construído, com paredes levantadas para separar nossa intimidade da liberdade e do medo da rua. A casa que queremos buscar aqui se traduz pela inquietação da necessidade destes migrantes em se adequar ou não a uma nova realidade e um novo espaço. A casa que relacionamos nesta dissertação possui vínculo direto à ideia do aconchego materno, da terra-mãe. Para Bachelard (2000) a casa natal é a casa de origem, é nosso centro da vida, sua materialidade nos afeta, atravessa e constitui (Sebinelli, Costa, 2023, p. 2).

Criar ou não memórias? Enraizar-se neste novo país, nesta nova cultura? Qual será a minha (i)mobilidade a partir da casa neste novo lugar? Como a casa se dá, como se cria?

Como se dá o movimento para o Brasil? As experiências individuais se entrelaçam com o fenômeno coletivo da migração internacional, especialmente aquele que nos atemos nesta pesquisa, desta forma nos adentraremos nas experiências dos participantes dessa dissertação.

CONHECENDO OS IMIGRANTES

*“Estou aqui, na frente dessa
 mesa bamba, debaixo dessa
 mangueira, tentando falar
 uma vez mais da minha
 relação com este incrível país,
 do que ele se tornou, do que eu
 me tornei, do que todos nós nos
 tornamos, desse movimento
 incessante que pode até nos
 enganar e dar a ilusão de uma
 inquietante imobilidade.”*

País sem chapéu – Dany Laferrière.

Damos início à experiência migrante com uma breve contextualização dos participantes da pesquisa. Como dito anteriormente o trabalho se deu com oito pessoas que aqui serão introduzidas, para isso seguiremos a ordem de realização das entrevistas: haitianos, congoleses e boliviana.

As entrevistas ocorreram em diversos pontos que serão importantes para captarmos os espaços de vida destes imigrantes, assim como buscamos realizar perguntas estruturadas, mas com a possibilidade de uma abertura para que as experiências dos imigrantes se conduzissem para nós. Portanto, nesta divisão de subcapítulo iremos fazer uma breve apresentação de todos os oitos imigrantes que compõem esta pesquisa.

Optamos pela decisão de selecionar nomes diferentes dos participantes, visando sua privacidade, contudo o leitor observará que algumas informações permaneceram, como os nomes dos locais de trabalho e institutos da Unicamp que os migrantes estudam e vivenciam cotidianamente. A utilização destes dados foi informada pelo autor da dissertação, bem como a permissão da divulgação foi concedida pelos participantes.

Grupo de migrantes da pesquisa

Haitianos

Conheci Luis através do aluno que fazia parte da disciplina de Estudos Populacionais. Luis é um homem de 39 anos, sem filhos, com alta estatura, de cabelo crespo, pele retinta e um sotaque que não esconde suas raízes haitianas. Nosso primeiro participante veio ao Brasil em 2011, logo após o terremoto de 2010.

A conversa aconteceu brevemente na Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Retomaremos novamente para esta biblioteca, uma vez que ela se fará de extrema importância para o cotidiano de dois haitianos.

Luis é estudante de Doutorado em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos Literários (IEL) da Unicamp e também cursa Doutorado em Estudos Literários na UNESP.

Agora vamos nos adentrar na vida de mais três migrantes haitianos. Marcos, Rita e seu filho Lucas. A entrevista com essas três pessoas aconteceu exatamente um dia após nossa conversa com Luis.

Era um dia quente do início da Primavera, Marcos insistiu que eu me dirigisse até sua casa para conversarmos. Confesso que a princípio me senti incomodado com a possibilidade de me adentrar em um espaço que pertencia primeiramente àquela família. Sou um *outsider*. Marcos é o líder da associação de haitianos da região de Campinas e o seu contato me foi concedido pelo Coordenador do Cepir.

Após uma breve conversa com Marcos através do WhatsApp, ele solicita que vá até sua casa em um horário próximo às 17:00 horas. Chamo um carro de aplicativo e conforme encaminhava pelas ruas e bairros de Campinas era possível observar a mudança das arquiteturas das casas. A viagem entre a Moradia Estudantil e o destino: Vila Marieta, levou cerca de 30 minutos, havia um fluxo grande de trânsito, assim como também encontrei alguns semáforos fechados em meio ao trajeto.

Sua casa possuía uma grande estrutura, daquelas casas antigas que são construídas em terrenos enormes. Encontro um homem sentado em um sofá na varanda, com o celular na mão ele ri alto enquanto vê um vídeo narrado em francês,

bato palmas e ele se levanta ao encontro. Marcos abre o portão e cumprimenta com um forte aperto de mãos.

Na poltrona ao lado de Marcos se encontra uma senhora de cabelos brancos, sua pele negra brilha na luz do final da tarde, assim como fiz anteriormente dou a mão para cumprimentá-la: “ela não fala português”, diz o anfitrião, a idosa abre um sorriso e diz com a voz baixa: “*bonne soirée*”⁷. Respondo com um “*salut*”⁸, poucas coisas restaram dos meus anos estudando a língua francesa. O homem se vira e informa que aquela é sua sogra, retorna os olhos para ela e fala algo em *créole* haitiano.

Uma segunda mulher, essa mais nova que a anterior sai da residência e a leva para dentro. “Minha esposa, ela vai falar com você também e meu filho também”. A princípio fico anestesiado, pois a conversa iria ser apenas com Marcos, mas de surpresa ele havia conseguido mais pessoas para participar.

Sua mulher retorna e se senta ao seu lado, novamente faço meus cumprimentos e me apresento. Rita informa que vai participar, mas que sua condição é que possa responder tudo junto de seu marido. Marcos e Rita, estão com idades de 51 e 52 anos respectivamente, sua vinda ao Brasil ocorreu em 2014 e 2016. Ambos estão casados há mais de vinte anos, possuem seis filhos, sendo que os três mais velhos permaneceram no Haiti e os demais estão no Brasil. Lucas é um deles, o jovem possui 21 anos e veio para o Brasil junto à mãe em 2016.

O último haitiano que concedeu a entrevista se chama Carlos, seu contato foi intermediado por Marcos, o líder da associação. Como Luis, sua migração ocorreu em 2011. Carlos decide que a conversa poderia acontecer em frente à Biblioteca do IFCH, nos sentamos e a iniciamos.

Carlos é um homem de 38 anos, diferentemente de Luis, ele possui um filho pequeno com uma brasileira que se relacionou anteriormente. Um ponto em comum precisa ser considerado uma vez que, assim como Luis, Carlos é estudante de pós-graduação, cursando Doutorado em Sociologia no IFCH.

⁷ “Boa tarde”. Tradução livre.

⁸ “Olá”. Tradução livre.

Congolese

Como foi dito anteriormente, a pesquisa precisou se readequar e ampliar as nacionalidades dos imigrantes entrevistados. Portanto, inicia-se nesta divisão a apresentação dos dois congoleses que tive a oportunidade de conversar. Se faz necessário avisar ao leitor que o autor dessa pesquisa possui uma experiência mais aprofundada com ambos, uma vez que conviveu com os dois na mesma residência da Moradia Estudantil.

Desta forma, suas apresentações ocorrerão de acordo com o tempo de convivência. Quando me mudei para a moradia, foi preciso realizar a tarefa hercúlea de encontrar uma casa que houvesse disponibilidade de vaga e que os moradores me aceitassem. Assim, encontrei meu lugar em Campinas, fiz meu enraizamento e criei vínculos com pessoas que hoje chamo de amigos.

Nossa casa era masculina, ou seja, apenas homens moravam dentro daquelas paredes, éramos quatro: eu, Rogério, Thiago e João, é neste último que iremos iniciar a apresentação.

João é um homem congolês de 21 anos, veio ao Brasil em 2020, é estudante de graduação do curso de Música do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Apesar de nos conhecermos desde março de 2022, nunca havíamos tido uma conversa aprofundada sobre sua vida e seus motivos para vir ao Brasil.

Escolhemos o Ginásio Multidisciplinar da Unicamp (GMU) como local de encontro e ali mesmo permanecemos toda nossa conversa.

Conheci Felipe através de João, o segundo congolense desta pesquisa entrou no meu cotidiano através de uma rede de migrantes. Ou seja, Felipe conheceu João por conta da nacionalidade como fator comum. Veio ao Brasil em 2019, mas só chegou em Campinas em 2023. Felipe tem 25 anos e mora conosco na moradia, portanto nossa casa foi o palco de diversas conversas que tivemos ao longo destes meses.

Boliviana

A última participante desta pesquisa é uma boliviana. Maria tem 30 anos, é uma mulher de pele parda, cabelos lisos e castanhos. Nosso encontro foi mediado por vozes e pela chuva que sem aviso decidiu cair de forma intensa por Barão Geraldo.

Maria e eu já nos conhecíamos pelas redes de amizade que a Unicamp produz. Ex-moradora de uma república de Barão Geraldo que tem a reputação de abrigar imigrantes (República dos Franceses), eu e ela nos encontramos em algumas festas internas de sua casa.

Contudo, conhecer a pessoa anteriormente não se mostrou como uma facilidade para nossa conversa acontecer. Nos encontramos no “Belo”, uma lanchonete interna da Unicamp que fica localizada no Instituto de Biologia (IB) e em frente à Praça Central.

Havia um barulho persistente das vozes de alunos, o rádio tocava uma música em alto som, estávamos visivelmente incomodados com toda a situação, mas a chuva incessante nos impedia de ir para outros lugares. Assim, conversamos pouco a respeito de sua história.

Processos migratórios: trajetos e enraizamentos

Para que possamos compreender os processos migratórios que serão relatados nas falas dos imigrantes é necessário que nos recordemos de que estes acontecem de forma individual. Contudo, esse movimento tem o caráter coletivo, dizemos isso pois dois dos haitianos relataram como principal motivador deste fluxo dois pontos: a busca pelos estudos e o terremoto de 2010. Os demais haitianos entrevistados trouxeram como motivador a busca pela melhoria de vida.

Já no que diz respeito aos congolese, ambos informaram que sua vinda tem como motivação os estudos, porém mencionam também o caos político e econômico, bem como a guerra civil que assola a República Democrática do Congo há anos. A boliviana tem como motivador sua relação com os estudos.

Um breve contexto da mobilidade haitiana

A colonização do Haiti foi um processo histórico que se vincula de modo direto com a colonização europeia sob o continente americano, na chamada Era das Grandes Navegações. Caracterizada, sobretudo, pela escravização e migração forçada de milhares de africanos para os territórios colonizados nas Américas, a utilização da mão de obra escravizada expõe um modelo de colonização violento, onde os povos originários foram massacrados.

James (2010, p. 9) em sua obra “Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos” nos diz que em 1789, o Haiti, ainda uma colônia francesa denominada por São Domingos era uma parte importante da economia francesa, bem como a maior colônia do mundo, sendo estruturada pela migração forçada da população africana e de sua escravização.

Este foi o cenário da única revolta de escravos bem-sucedida da História (James, 2010). A Revolução Haitiana teve início em 1791 com a tomada de poder dos escravizados e a tentativa da criação de uma nação, primeiramente por Toussaint L’Ouverture⁹ “que queria libertar-se da escravatura, pela negociação com os colonos franceses e o de Jacques Dessalines¹⁰ [...] que militou em favor de um Estado nação forjado pela exclusão absoluta dos cidadãos brancos” (Rosa, Pongnon, 2013, p. 463). Este panorama histórico é importante para evidenciar que a formação política e econômica do Haiti se deu através de crises, sanções e invasões de países terceiros.

Para além de sua estrutura histórica, no dia 12 de janeiro de 2010, os relógios marcavam 16:53 horas no Haiti (15:53 horas no Brasil), um forte tremor de 7.3 graus na escala Richter atinge Porto Príncipe, capital do país. 230 mil pessoas morreram e mais de 1 milhão ficaram desabrigadas (Memória Globo, 2021). A capital do Haiti, Porto Príncipe ficou sob escombros, diversos bairros empobrecidos tiveram suas casas demolidas pelo tremor (Figura 3.1).

⁹ Toussaint L’Ouverture foi o maior líder da Revolução Haitiana, se tornando o Governador de São Domingos, atual Haiti.

¹⁰ Jacques Dessalines foi um líder da Revolução Haitiana se proclamando como Imperador em 1804.

Figura 3.1 – Casas destruídas em um bairro empobrecido de Porto Príncipe após o terremoto de janeiro de 2010



Fonte: ONU/Logan Abassi. Disponível em: <https://unicrio.org.br/seis-anos-apos-terremoto-no-haiti-onu-mostra-avancos-no-desenvolvimento-urbano/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

Handerson (2015a, 2015b, 2017) em seus trabalhos evidencia que apesar de o terremoto não ter sido a principal razão da vinda dos haitianos ao Brasil, “é evidente que uma tragédia da dimensão como foi, teve impacto na vida das pessoas e pode ter precipitado a decisão de sair e impedido os planos de outros afetados que pensavam em migrar e não puderam fazê-lo” (Handerson, 2015a, p. 49).

Contudo, é preciso ser levada em consideração uma característica fundamental do processo migratório haitiano para essa pesquisa. De acordo com Handerson (2017), o Haiti é um país que possui a mobilidade como característica fundamental de sua cultura, assim observamos que quatro fluxos migratórios compõem sua história.

Este aspecto histórico-cultural do Haiti é revelado a nós por Handerson (2017, p. 3) que relata que países como República Dominicana, Estados Unidos,

França, Guiana Francesa e agora o Brasil são destino de diversos imigrantes em seus fluxos.

O primeiro grande fluxo de (e)migração de haitianos para o exterior constituiu-se no período no qual as forças armadas americanas ocuparam o Haiti (1915-1934) e República Dominicana (1912-1924) simultaneamente. Como desde o final do século XIX e o início do século XX, o crescimento das indústrias americanas de cana-de-açúcar no Caribe, particularmente em Cuba e na República Dominicana produziu uma escassez de mão de obra para trabalhar nas plantações de ambos países, essa lacuna foi preenchida, em larga medida, pelos camponeses haitianos enquadrados em políticas específicas e temporárias [...] (Handerson, 2017, p. 8).

Fica evidente que este primeiro grande fluxo (e)migratório, como Handerson denomina, é movido pela necessidade de mão de obra barateada, algo que pode ser relacionado diretamente com o que Ravenstein trabalhou em suas leis no século XIX. Outro fato que pode ser correlacionado com o que o geógrafo determinou é que esta mobilidade se deu em uma distância relativamente curta, uma vez que o Haiti e a República Dominicana estão localizados em uma mesma ilha em meio ao Caribe.

O segundo fluxo de (e)migração haitiana, segundo Handerson (2017, p. 9) é conduzido pela aproximação dos Estados Unidos com o Haiti, de acordo com o autor este movimento se intensificou a partir do momento que a língua inglesa foi incluída nas escolas haitianas, assim como com o aumento considerável das igrejas protestantes em território haitiano. É nesta época que o período ditatorial de François Duvalier¹¹ (1957-1971) irá ocorrer e é com ele que o segundo fluxo migratório irá se intensificar para as demais camadas sociais do país. Tínhamos um movimento que se caracterizava pelo envio de jovens de classe média e alta da sociedade haitiana para os Estados Unidos, a partir da década de 1960 “foi reconfigurada a emigração em termos de amplitude, composição e orientação dos fluxos das pessoas oriundas de diferentes camadas sociais, gerações e regiões” (Handerson, 2015, p. 9). Ainda, conforme Handerson (2015a; 2015b, 2017) descreve é neste período que há uma intensificação do fenômeno denominado por *boat people*, imigrantes que saíam de seus países em pequenas embarcações com pouca ou nenhuma condição de sobrevivência, algo que

¹¹ Em alguns textos François Duvalier pode ser lido com a denominação de Papa Doc, apelido dado ao ditador haitiano.

ocorre até hoje e pode ser verificado com intensidade nos fluxos migratórios que ocorrem no Mar Mediterrâneo.

Handerson (2015a, 2015b, 2017) conta que o terceiro fluxo é dado como consequência direta ao golpe de Estado e deportação do ex-presidente Jean-Baptiste Aristide na primeira década de 1990. Muitos destes migrantes realizaram o trajeto através das embarcações, porém um fluxo considerável também ocorreu de ônibus para a República Dominicana.

O quarto registro de fluxo de mobilidade haitiana iniciou-se a partir de 2010. Diante dos diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área da saúde e do saneamento básico, todas elas decorrência do quadro empobrecido e precário do Haiti, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de janeiro do referido ano, a mobilidade haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeitos e circuitos no espaço migratório internacional. (Handerson, 2017, p. 11).

Fica evidente que há uma intensificação deste movimento para o Brasil em 2010 (Handerson, 2015a, 2015b, 2017; Cogo, 2014, 2015), contudo é indispensável que tenhamos em mente que este movimento se dá para o território brasileiro antes mesmo do terremoto. O retorno de Aristide ao poder através do financiamento de uma intervenção militar estrangeira fez com que se desse início as políticas neoliberais no país, o que beneficiava diretamente os interesses estadunidenses e desagradava a população haitiana. Aristide deixou o poder em 2003 e levou o Haiti à uma crise econômica e política aguda (Costa, 2021).

Quando dissemos que a mobilidade haitiana se dá para o Brasil anteriormente ao terremoto fazemos uma ligação direta à Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH)¹², produto direto desta crise política e econômica a MINUSTAH tem um papel de extrema importância para o fluxo haitiano ao Brasil.

De acordo com Handerson (2017, p. 14) a MINUSTAH é um dos grandes motivadores da mobilidade haitiana para o Brasil, uma vez que o país era o grande

¹² A MINUSTAH teve sua fundação em 10 de setembro de 2004 e encerramento em 15 de outubro de 2017. Foi sucedida pela Missão das Nações Unidas para Apoio à Justiça no Haiti (MINUJUSTH) que teve sua fundação em 16 de outubro de 2017 e encerramento em 15 de outubro de 2019, a missão foi substituída pelo Escritório Integrado (BINUH).

responsável por conduzir as ações militares em território haitiano. Para além disso, o autor enumera alguns outros motivadores, dos quais: 1) o Brasil é a porta de entrada para demais países como Estados Unidos, Canadá ou França, por este motivo diversos migrantes utilizam o Brasil como um corredor; 2) o país possuía um papel político de relevada importância; 3) a abertura e hospitalidade do Governo Brasileiro eram uns dos atrativos; 4) a ideia de que o Governo necessitava de mão de obra para a construção de estádios de futebol, devido à Copa do Mundo que viria acontecer em 2014; 5) a concepção de que o Brasil é um país sem discriminações raciais e xenofóbicas; 6) ao chegar, o imigrante haitiano receberia moradia e alimentação gratuita, assim como uma remuneração aproximada a 2.000 e 3.000 dólares americanos.

O fluxo migratório haitiano para o Brasil pode ser considerado como uma migração de crise (Baeninger, Peres, 2017, p. 138), uma vez que este fluxo está condicionado aos problemas econômicos, sociais, políticos, civis, religiosos e humanitários que a população haitiana vive em seu cotidiano desde sua formação enquanto Estado. Outro aspecto que podemos levantar com o contexto da migração haitiana para o Brasil é a intensificação do fluxo migratório Sul-Sul, que gera como consequência o grande contingente de haitianos em território brasileiro.

Onde estavam os haitianos?

É neste cenário de desolação política e econômica que se encontravam os cinco primeiros imigrantes participantes desta pesquisa. Informamos anteriormente que tanto Luis quanto Carlos vieram ao Brasil em 2011 após o terremoto de 2010, em suas palavras: “eu cheguei aqui em 2011, agosto de 2011, com o principal objetivo de continuar meus estudos que foram interrompidos pelo terremoto de 2010” (Luis).

Assim como Luis, em sua fala Carlos evidencia que seu motivador foram os estudos, para além disso ele nos informa que esta mobilidade ocorreu através de um pedido de intercâmbio e bolsa de estudos.

“o Brasil abriu o programa e a gente tentou, e através desse programa eu vim aqui para estudar, era intercâmbio, mas era um

ano só, um ano e meio, depois eu tinha que voltar, mas a gente brigou e continuou fazendo o estudo aqui” – Carlos.

Ambos os haitianos realizaram seu percurso acadêmico na Unicamp, Luis como dito anteriormente é estudante de Doutorado. Contudo, antes de sua vinda ao Brasil iniciou sua graduação em Letras Modernas na *Université d'État d'Haiti* (UEH), em Porto Príncipe. Após, cursou Bacharelado e Licenciatura em Letras e Estudos Literários.

Carlos é estudante de Doutorado, mas cursou Pedagogia anteriormente e mudou para Sociologia na pós-graduação. Diferentemente destes dois imigrantes, temos do outro lado a família de Marcos que realizou sua mobilidade para o Brasil por motivações econômicas. Em nossa conversa com o casal Marcos e Rita é exposto que o principal motivador de sua mobilidade é a busca pela sonhada melhoria de vida.

Assim, “os fatores mobilizadores da chegada dessas pessoas ao Brasil são diversos. Ficava claro não serem apenas motivações econômicas, mas também, políticas, educacionais, culturais, estratégias geográficas e sociais, sobretudo” (Handerson, 2017, p. 13). Quando Handerson relata a respeito das estratégias geográficas e sociais está relacionando aos imigrantes que utilizam o Brasil como um corredor, pois a imigração para países como os Estados Unidos e sobretudo, a França, é mais fácil através de território brasileiro.

Dentre os fatores que contribuíram para esse recente crescimento das migrações no país estão o endurecimento das políticas de imigração nos países do hemisfério norte, a crise econômica global que atingiu os Estados Unidos e a Europa e a realização, no país, de obras de infraestrutura relacionadas a grandes eventos, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. (Cogo, 2019, p. 429).

Um adendo precisa ser feito ao relatarmos como se deu a mobilidade dos cinco haitianos entrevistados, todos eles vieram ao Brasil por transporte aéreo. Esta forma de mobilidade nos invoca uma consideração: os haitianos que nos concederam suas histórias chegaram até o país de forma legalizada e direta, ou seja, quatro destas pessoas vieram diretamente para Campinas como destino final. O que difere entre eles é Lucas, o filho do casal realizou uma primeira parada em seu trajeto.

“eu fui primeiro para Porto Alegre, pois minha madrinha, minha tia, ela morava em Manaus e aí foi para Porto Alegre e a minha avó foi com ela, aí como ela [avó] não falava português e nem espanhol eu fui com ela para ajudar na comunicação. [...] Vim para Campinas depois de dois, três meses” – Lucas.

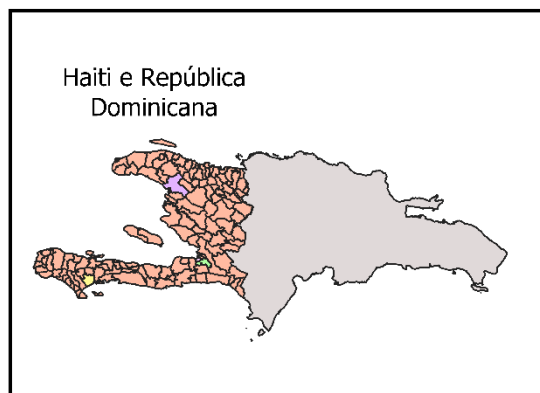
Este ponto em comum entre os cinco haitianos não reflete por completo o movimento migratório desta população ao Brasil, uma vez que muitos vêm até o país de forma indocumentada. Handerson (2015a, 2015b, 2017) relata que este trajeto, muita das vezes se inicia em outros países, em suas pesquisas o autor nos conta que estes imigrantes têm como rota a República Dominicana, Panamá, Equador, Peru e Bolívia.

Os haitianos indocumentados, segundo Handerson (2015a, 2015b, 2017) têm como local de entrada para o Brasil os municípios de Tabatinga no Estado do Amazonas e Brasileia no Estado do Acre¹³. Já dentro do território brasileiro sua mobilidade é condicionada para áreas metropolitanas e grandes centros urbanos do país como São Paulo e Rio de Janeiro, também para regiões metropolitanas como é o caso dos haitianos entrevistados.

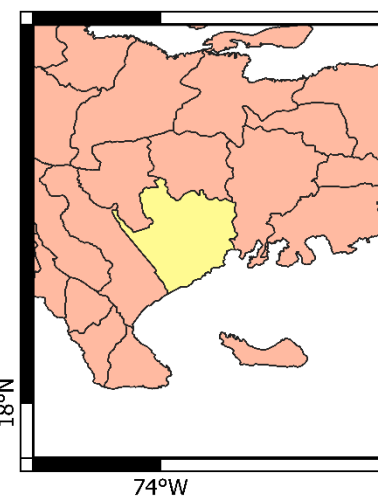
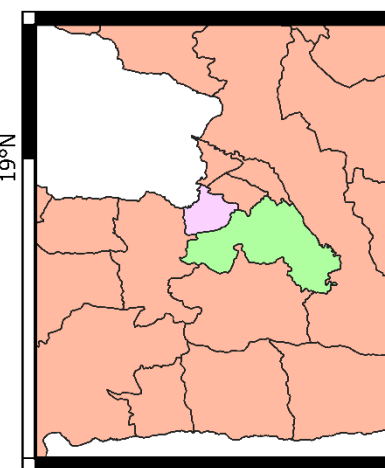
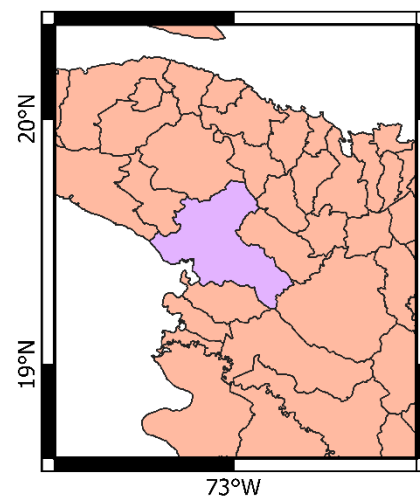
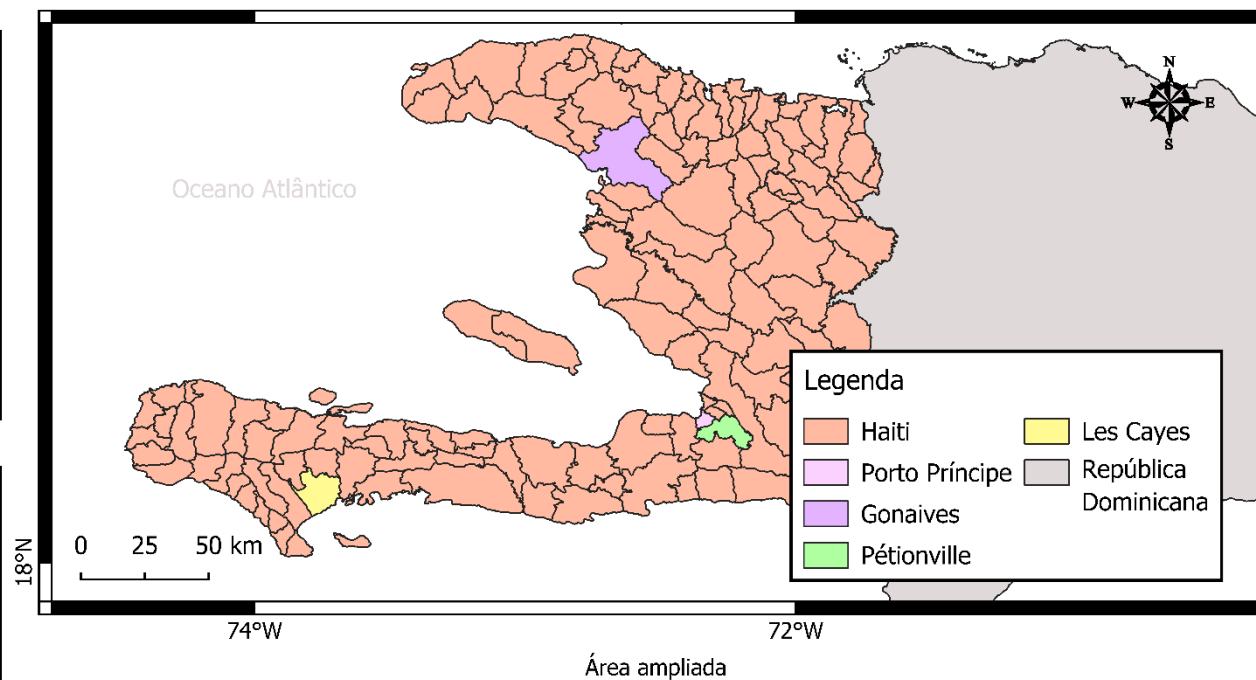
No que cerne os lugares habitados pelos haitianos entrevistados antes de sua vinda ao Brasil temos três comunas relatadas: Luis era morador da comuna de Gonaïves, localizada no departamento de Artibonite; Carlos era da comuna de Les Cayes, a capital de seu departamento; já a família de Marcos tem sua origem em Pétionville, comuna próxima de Porto Príncipe, capital do Haiti (Figura 3.2).

¹³ Evidenciamos que o município de Brasileia é porta de entrada de diversas nacionalidades de migrantes internacionais, uma vez que possui um posto para solicitação de visto pela Polícia Federal.

Localização de Gonaïves, Les Cayes, Pétionville e da capital Porto Príncipe, Haiti



Elaboração: Nicolás Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Centre National de l'Information
 Géo-Spatiale (2018); GeoPortal (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum SIRGAS 2000



As três comunas possuem um ponto em comum: a proximidade com o litoral, a única delas que não é banhada pelo Oceano Atlântico é Pétionville, mas Marcos relata que devido sua proximidade com Porto Príncipe “tudo é praticamente a mesma coisa” (Marcos). Sua visão aérea demonstra que Pétionville (Figura 3.3) se encontra em uma área montanhosa, fato que é comprovado pelas inúmeras casas que recordam a paisagem das favelas cariocas.

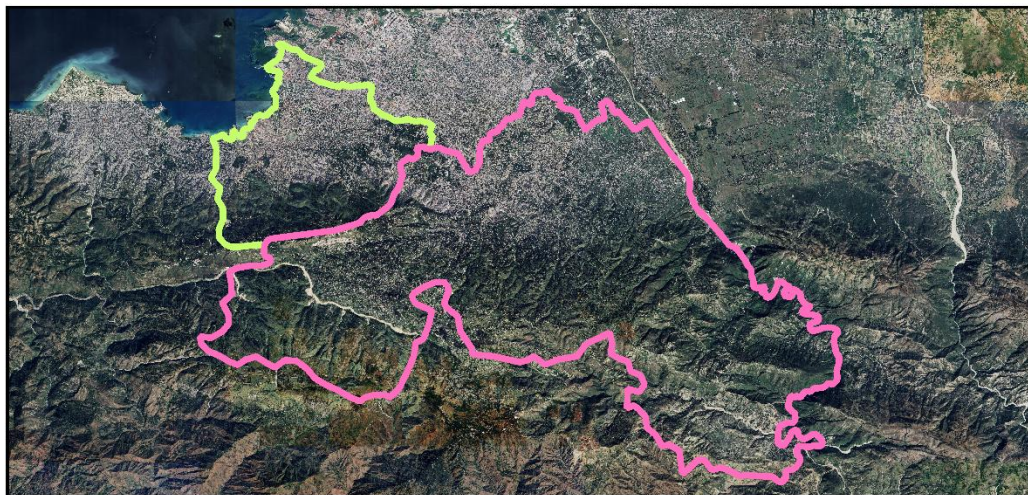
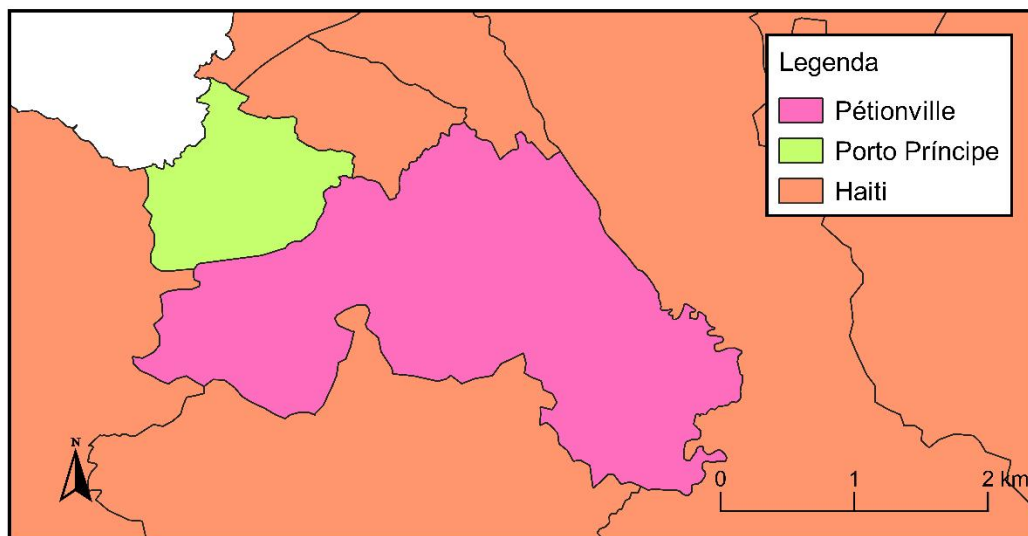
Diferente de Pétionville, as visões aéreas de Les Cayes (Figura 3.4) e Gonaïves (Figura 3.5) ilustram a proximidade da área urbanizada das comunas com o litoral haitiano. Outro aspecto interessante é o relevo plano característico das planícies litorâneas.

Informamos anteriormente que Marcos e sua família residem na Vila Marieta, na região Noroeste de Campinas, contudo esta não foi sua primeira escolha de bairro para morada. Em nossa conversa sou informado que eles moravam em Barão Geraldo e que sua mudança para o novo bairro é motivada pela proximidade com seus trabalhos e os valores das habitações que são alugadas.

“Aqui é caro, exemplo, uma casa 1.700 a 1.600 reais é caro aqui. [...] é muito caro porque é Campinas, mas tem lugar com casa barata, mas se você precisar cuidar do filho e da sua vida precisa morar em um lugar calmo, porque tem uma filha e dois filhos pra trazer também [do Haiti], precisava morar em um lugar para amanhã não ficar doido da cabeça” – Marcos.

Já Luis informa que permanece no mesmo bairro desde sua chegada a Campinas: “eu moro na Cidade Universitária, desde que cheguei eu morei aqui nessa região [...] perto da Unicamp” (Luis). De certa maneira o mesmo ocorreu com Carlos até pouco tempo, morador da Cidade Universitária desde sua chegada decidiu se mudar para outro bairro por conta de seus estudos. Hoje Carlos mora no Jardim Florence, localizado na região Sudoeste do município, sua decisão foi consequência da quantidade de haitianos que moravam no bairro.

Vista aérea da Comuna de Pétionville, departamento do Oeste, Haiti



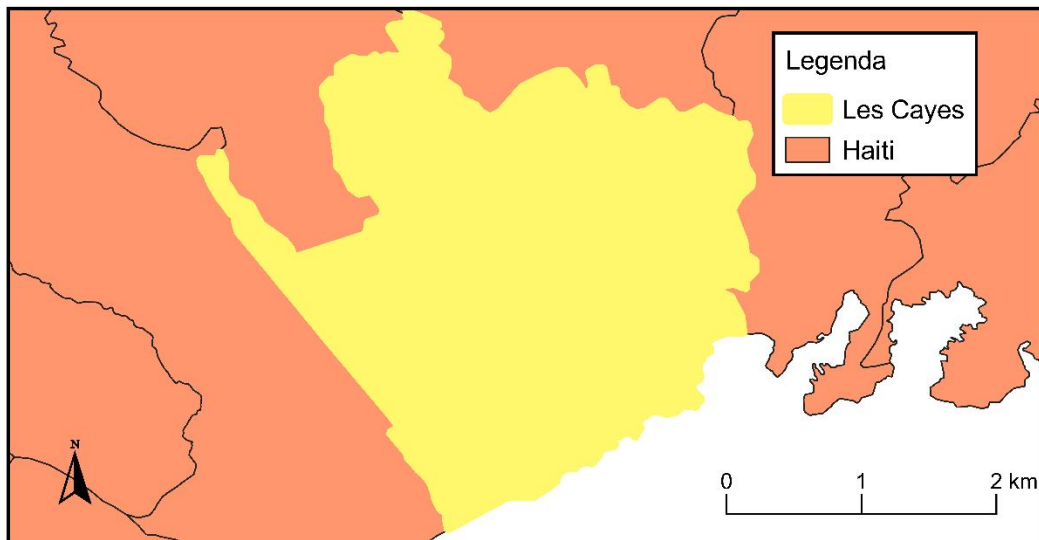
Elaboração: Nicolas Vieira da Costa
(2025)

Fonte de dados: Centre National de
l'Information Géo-Spatiale (2018);
GeoPortal (2022); Google (2024); Andrew
Wiseman (2011)

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum SIRGAS 2000



Vista aérea da Comuna de Les Cayes, departamento do Sul, Haiti



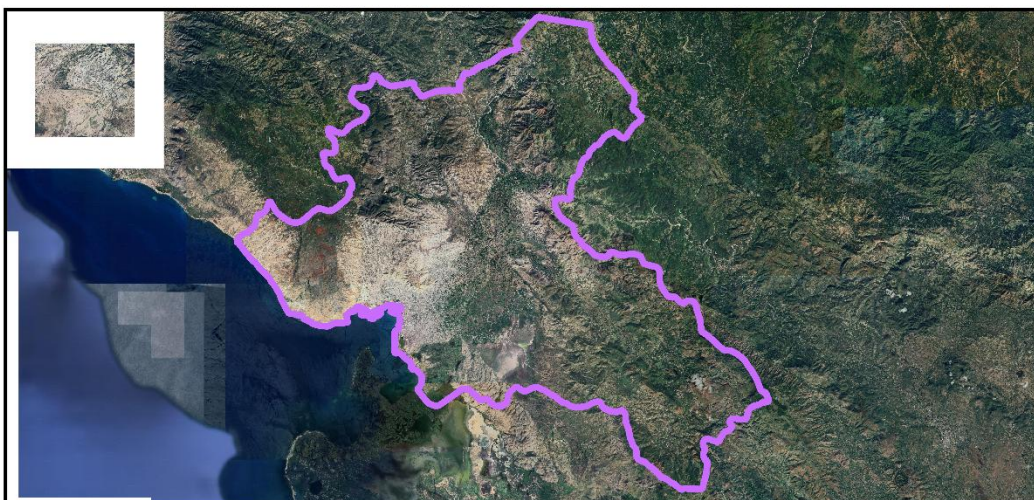
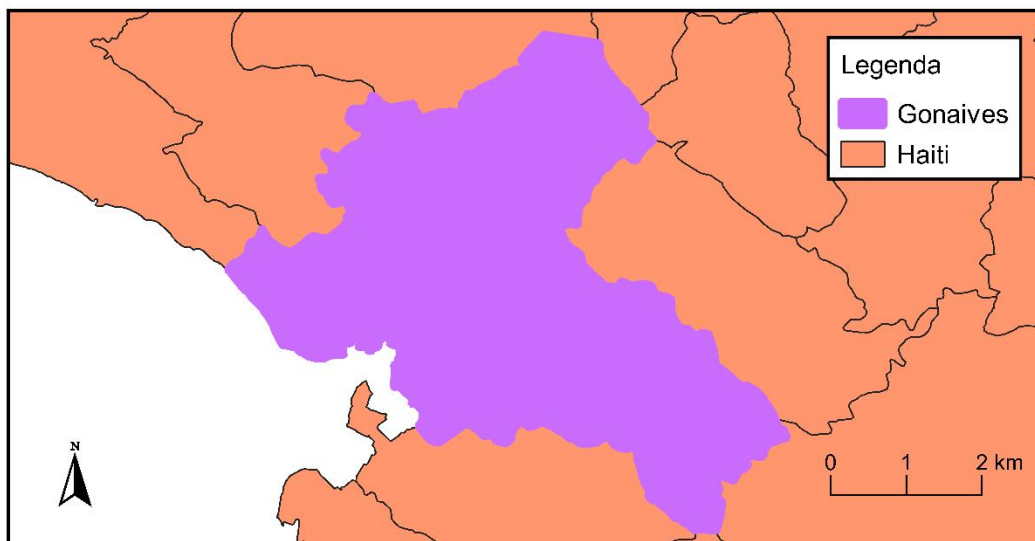
Elaboração: Nicolas Vieira da Costa
(2025)

Fonte de dados: Centre National de
l'Information Géo-Spatiale (2018);
GeoPortal (2022); Google (2024); Haiti
Fandom (2025)

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum SIRGAS 2000



Vista aérea da Comuna de Gonaives, departamento de Artibonite, Haiti



Elaboração: Nícolas Vieira da Costa
(2025)

Fonte de dados: Centre National de
l'Information Géo-Spatiale (2018);
GeoPortal (2022); Google (2024); René
Durecher (2016)

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum SIRGAS 2000



Um breve contexto histórico da República Democrática do Congo

Como ocorre com o Haiti, para que possamos compreender como os movimentos migratórios congolese se dão é necessário que nos adentremos, de forma breve, em seu contexto de formação histórica. A República Democrática do Congo (RDC) tem sua formação histórica e política caracterizada por diversas crises e guerras que afetaram diretamente na mobilidade congolese.

Ao analisarmos sua formação é necessário que uma linha do tempo seja reproduzida: a divisão administrativa da África pela Conferência de Berlim em 1885 instituiu o então Rei Leopoldo II como governante do território que viria se chamar RDC; sua independência ocorre apenas em 1960 e o conduz para uma crise que “foi impulsionada pela descolonização da Bélgica, momento de colapso da colônia e de suas estruturas” (Santos, 2018, p. 50). A Primeira Guerra do Congo (1996 a 1997) que se caracterizou pela queda do até então presidente Mobutu Sese Seko¹⁴ e o Genocídio de Ruanda¹⁵; e a Segunda Guerra do Congo (1988 a 2003) (Vieira, 2015; Santos, 2018).

Precisamos colocar em evidência a Segunda Guerra do Congo, também chamada como Grande Guerra do Congo, seu início se deu pela retirada da RDC de oficiais e burocratas de Burundi, Ruanda e Uganda. Dentro deste tabuleiro de xadrez o ex-presidente Kabila¹⁶ foi acusado por auxílio no Genocídio de Ruanda ao apoiar os *hutus* que participaram do massacre. Assim, temos o “surgimento e fortalecimento de grupos armados com atuação em território congolês, que se instalaram principalmente na região leste do país” (Santos, 2018, p. 53). A autora ainda nos informa que esse contexto favoreceu as ondas de deslocamento de congolese que deixavam o país pelas mais diversas motivações.

Vieira (2015, p. 48) relata que diversos fatores corroboram para que os conflitos e crises se intensifiquem na história da RDC, tais como sua posição dentro do continente africano e sua área territorial, sua língua oficial ser o francês, mas ao mesmo

¹⁴ Mobutu Sese Seko foi presidente da República Democrática do Congo durante os anos 1965 a 1997. Seu governo foi marcado por escândalos de corrupção e enriquecimento pessoal, vale salientar que sua tomada ao poder foi incentivada inicialmente por países como França, Bélgica e Estados Unidos.

¹⁵ O Genocídio de Ruanda foi um massacre em massa de pessoas de grupos étnicos *tutsis*, *hutus* e *tuás*, ocorrido entre os dias 7 de abril e 15 de julho de 1994. Estima-se que cerca de 1.000.000 ruandeses perderam sua vida.

¹⁶ Laurent-Desiré Kabila foi presidente da República Democrática do Congo durante os anos 1997 a 2001, sendo assassinado pelo em seu último ano de mandato durante a Segunda Guerra do Congo e sucedido por seu filho Joseph Kabila que permaneceu no poder de 2001 a 2019.

tempo possuir inúmeros dialetos e etnias, e o mais importante em nossa opinião é o solo repleto de minerais importantes, como cobre, urânio, prata, ouro, diamantes, cobalto e até mesmo petróleo.

Os problemas neste país não se esgotam por aí, pois tantos outros ganham força a partir da insurgência de confrontos, da falta de acesso à educação, à saúde, ao saneamento básico e à moradia. Afora os problemas relativos aos saques às produções agrícolas de subsistência de famílias agricultoras, às colheitas em péssimas condições climáticas, além do precário acesso à água e à alimentação, e da violência imposta às crianças, que ficam anos sem ir à escola, e às mulheres (estupradas diariamente) (Vieira, 2015, p. 48-49).

Estes deslocamentos congolesees são qualificados como migrações forçadas, uma vez que são demarcados pela violência armada e perseguições. É neste contexto que nasce a Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo (MONUC)¹⁷ para auxiliar em um cessar-fogo “manter” a paz dentro do território congolês.

Recentemente, os conflitos permanecem na região Leste do país, principalmente em duas províncias: Kivu do Sul e Kivu do Norte. De acordo com os Médicos Sem Fronteiras (2024) “desde março de 2022, mais de 1,6 milhão de pessoas já foram forçadas a deixar suas casas, em uma região do país já devastada por 30 anos de conflito”. Estes confrontos acontecem principalmente em detrimento da busca por recursos minerais e próximos à fronteira com Ruanda.

Os deslocamentos trazem consigo uma série de problemáticas relacionadas à habitação destes migrantes congolesees, muitos que criam acampamentos improvisados (Figura 3.6) e que sofrem com a falta de água, alimentação, saneamento básico, bem como com a insegurança e a vulnerabilidade social que isso acarreta.

¹⁷ Atualmente a MONUC foi renomeada para Missão das Nações Unidas para a Estabilização na República Democrática do Congo (MONUSCO).

Figura 3.6 – Acampamento de pessoas deslocadas em Goma, na província de Kivu do Norte. Fevereiro de 2024



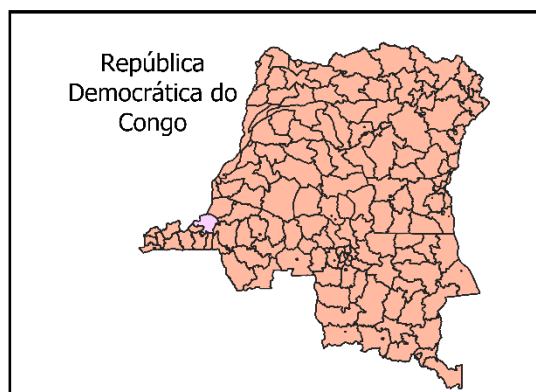
Fonte: Marion Molinari/MSF. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/conflitos-na-republica-democratica-do-congo-quatro-questoes-para-entender-a-situacao/>. Acesso em: 08 de jun. 2024.

Onde estavam os congoleses?

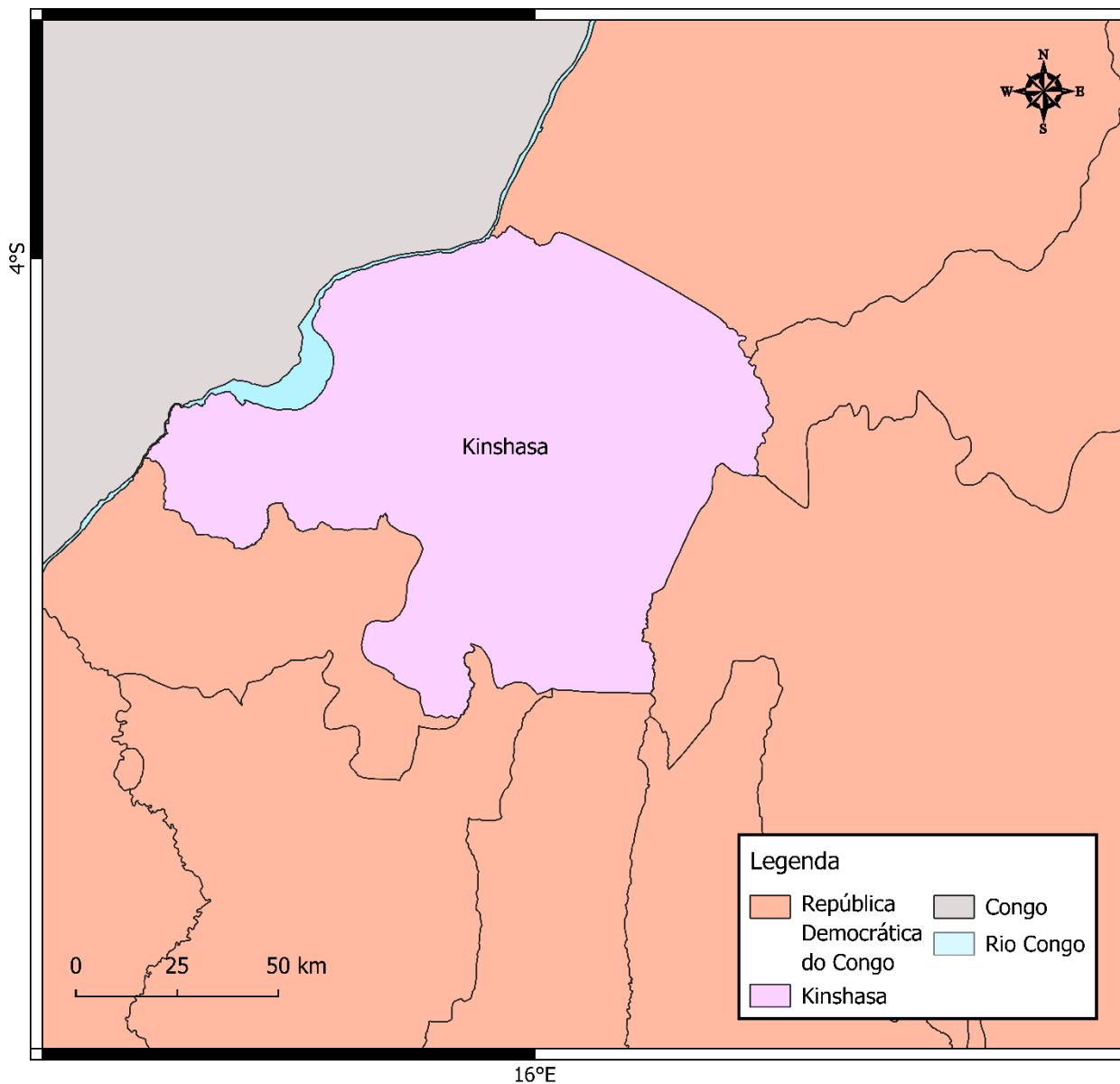
Trazemos todos estes conflitos bélicos internos da República Democrática do Congo para contextualizar falas dos dois congoleses entrevistados durante a pesquisa. Apesar de ambos não terem como origem as regiões em que estes confrontos ocorrem diariamente em suas falas eles nos contaram um pouco como é viver em um país em constante guerra.

Tanto Felipe quanto João são de Kinshasa (Figura 3.7), capital da República Democrática do Congo e em nossa conversa, Felipe me informa que viver lá era bom, mas “infelizmente na mídia só passa coisa ruim, mas na realidade a vida é boa lá também, tem gente passando fome, sem dúvida, mas tem gente boa lá” (Felipe).

Localização de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo (RDC)



Elaboração: Nicolás Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Referenciel Geographique Commun (2019)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: WSG84



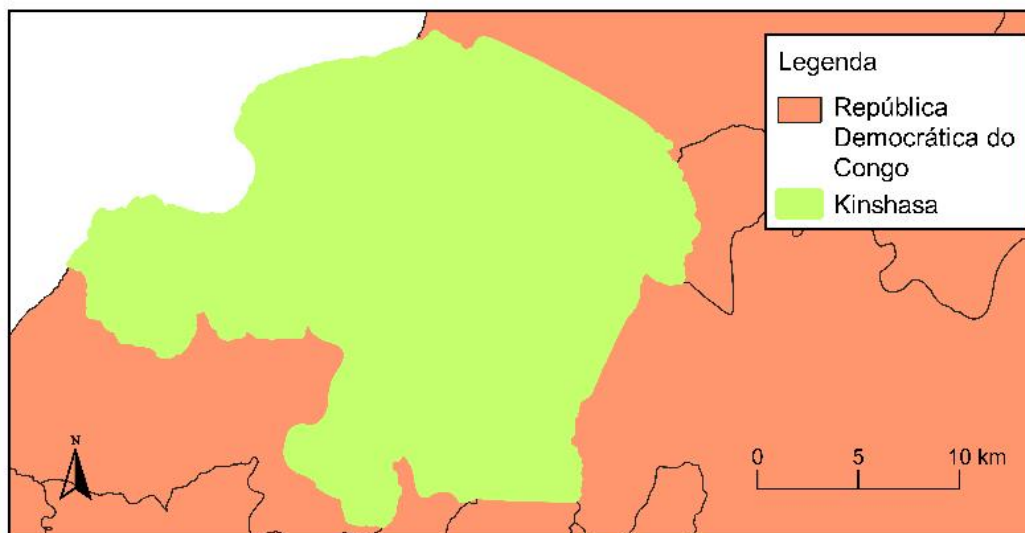
“Então, o Congo tem essa coisa de guerra, uma guerra de 27 anos e que não tá acabando, na parte Leste do país, a parte mais rica, tem muitos minerais e coisas naturais. Assim, Ruanda que é o país exterior tenta entrar para roubar, massacrar e violentar as mulheres, tem muito desse negócio, eu nunca passei por isso, eu não sei o que é a guerra, o que é a fome, eu tava na capital então era sempre mais estável as coisas, já passou por um pouco de guerra civil e essas coisas, mas nada além disso, guerra desse nível” – João.

Através da visão aérea de Kinshasa (Figura 3.8) observamos que apesar de sua área territorial extensa, grande parte da capital da República Democrática do Congo faz parte da Floresta do Congo, sendo ela uma floresta equatorial, tal qual a Floresta Amazônica, o que garante o clima quente e úmido da região. A área urbanizada está localizada no extremo oeste da capital e faz divisa com Brazzaville, capital do Congo.

A mobilidade dos dois congoleses para o município de Campinas não ocorreu de forma direta. João veio para o Brasil no ano de 2019, com uma passagem por Brasília durante um período de mais de um ano, consequência da pandemia de COVID-19. Ele relata que sua decisão da vinda para o Distrito Federal é decorrente de seu pai ser morador da cidade a oito anos e ter uma nova família brasileira.

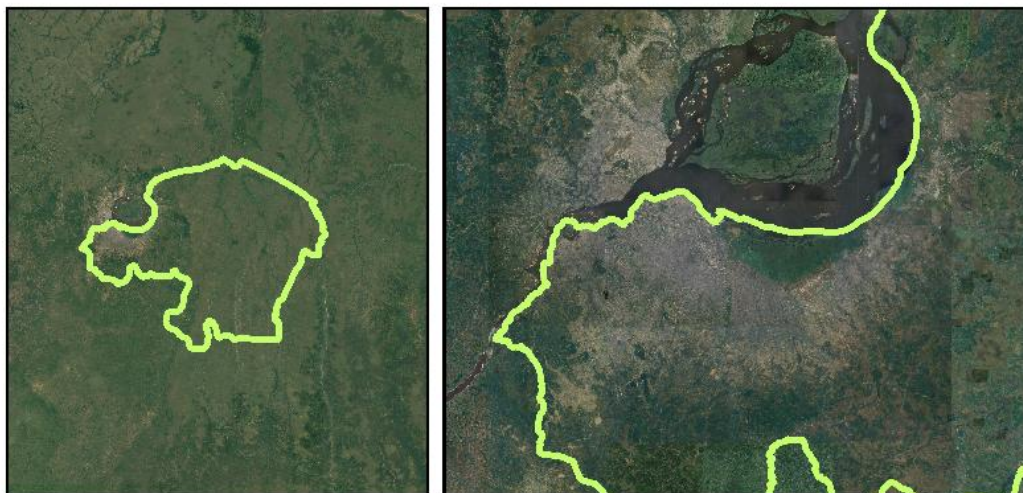
Sua dinâmica em Brasília consistia apenas nos estudos da língua portuguesa e em suas idas semanais aos cultos neopentecostais, hábito que compartilhava com seus familiares na RDC e que mantém com amigos no Brasil.

Vista aérea de Kinshasa, República Democrática do Congo (RDC)



Elaboração: Nicolas Vieira da Costa
(2025)

Fonte de dados: Referencial
Geographique Commun (2019); Google
(2024); Abel Kavanagh (2015)
Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum WSG84



“Eu cheguei em novembro [2019] e em março começou a pandemia, então fiquei praticamente todo o tempo em casa porque meu pai tava (sic) lá, [...] eu não falava português, meu pai me auxiliava e pagava aulas, [...] só sei que comecei a fazer aulas de português na UnB [Universidade de Brasília], a única rotina que eu tinha era ir para a igreja perto de casa, ia todo o domingo” – João.

Tal como João, Felipe veio ao Brasil sem aprender a língua. Sua viagem ocorreu primeiramente para Belém, capital do Estado do Pará. Felipe relata que sua vinda aconteceu em 2018 e assim como João sua principal motivação para migrar era determinada pelos estudos. Felipe iniciou seu Ensino Superior na RDC, estudava Nutrição e quando surgiu a oportunidade de vir ao Brasil a agarrou com unhas e dentes.

“Isso é o sonho de quase todo mundo, eu falei: tá, vou seguir nesse caminho. Larguei a faculdade lá no Congo e vim pra cá, sabe?” (Felipe). João nos diz que veio ao Brasil com o sonho de cursar Medicina, mas se encontrou em uma área completamente diferente da primeira: música. Dentro destas trajetórias temos similitudes da forma como a migração se deu para estes congolese.

“Acontece o seguinte, lá no Congo a gente participa, eu não sei outras pessoas, mas o meu caso foi o seguinte: a gente participa de uma prova, tipo o Enem, mas não é exatamente o Enem, e é lá na embaixada, tem uma prova de francês, matemática e de muita coisa, mas a gente participa dessa prova e quem consegue ganha um ponto a mais, não tem direito ao visto, mas ganha um ponto a mais, sabe? Porque tem o processo e precisa chegar até o final, aí eu passei na prova e em todas as etapas, só aí eu consegui meu visto, [...] é tipo intercambista, mas não era na Unicamp, era no Pará” – Felipe.

Esta prova que Felipe nos informa é a mesma que permitiu a vinda de João, este conta que ao finalizar seu Ensino Médio na RDC existe uma avaliação que permite que os migrantes tentem uma vaga nas universidades brasileiras. Ao pesquisarmos a respeito desta prova, Felipe nos conta que se chama Celpe-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) (2024) o Celpe-Bras¹⁸ tem por objetivo certificar a proficiência da língua portuguesa enquanto língua estrangeira.

O trajeto percorrido por Felipe demonstra um fato interessante de como os processos migratórios atuam na contemporaneidade. Felipe veio ao Brasil antes de João, estavam há milhares de quilômetros de distância e de alguma maneira seus caminhos se cruzaram em 2022, a principal causa? As redes migratórias.

As redes migratórias são determinantes para que as migrações permaneçam ocorrendo, sendo conduzidas pelo migrante de retorno que traz consigo um novo mundo de possibilidades, ou com o aspecto identitário que a nacionalidade confere aos migrantes (Campos, 2015). Estas conexões entre migrantes, também denominadas como “redes sociais”, “possuem uma dimensão espacial, cuja ‘marca’ no território sugere a existência de ‘regiões de migração’ ou ‘redes de lugares’” (Campos, 2015, p. 1).

Felipe nos conta que decidiu vir para Campinas realizar seu sonho de cursar o Mestrado em Nutrição na Unicamp, mas como falamos anteriormente, sua vinda havia ocorrido de forma direta para Belém e não possuía vínculos com pessoas que morassem no município.

É neste ponto que a rede migratória toma forma:

“Para ser sincero eu não conhecia ninguém nessa cidade, lá em Belém eu tinha um amigo que morava em São Paulo, liguei para ele e perguntei se ele não conhecia ninguém que morava em

¹⁸ O Celpe-Bras fundamenta-se na ideia de proficiência como uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo. O exame considera aspectos textuais e, principalmente, aspectos discursivos: contexto, propósito e interlocutores envolvidos na interação. Para certificar diferentes níveis de proficiência, o Celpe-Bras baseia-se na premissa de que participantes de todos os níveis certificados são capazes de desempenhar ações em língua portuguesa. O que pode variar é a qualidade do desempenho, dependendo do nível de proficiência. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

Campinas. Pelo menos se ele conhecesse alguém eu poderia vir e morar com ele e começar os estudos, só que eu não conhecia ninguém. Aí aquele meu amigo me falou que não conhecia ninguém que morava em Campinas, mas conhecia alguém que já estudou na Unicamp e ele ia ver se ele conhecia alguém que morava aqui, esse amigo do meu amigo conhecia o João” – Felipe.

Esta relação entre os dois congoleses foi determinada principalmente pela nacionalidade em comum de ambos, porém Campos (2015, p. 4) afirma que os indivíduos se relacionam configurando laços de proximidade, assim, as redes migratórias se constituem com “as relações de indivíduos, famílias e organizações envolvidas direta ou indiretamente com o processo migratório. Ou seja, seriam redes sociais adaptadas à migração”

Para além da questão da nacionalidade de ambos os imigrantes, temos como fator comum o Ser migrante entre eles (Marandola Jr., Dal Gallo, 2010; Costa, Marandola Jr., 2023). Suas conexões foram determinadas pela nacionalidade, mas também pelo contato deles com outros congoleses no Brasil, formando uma rede de contatos diretos e indiretos.

Os dois congoleses atualmente moram em Campinas, João é estudante de Música, como dito anteriormente e dividia uma vaga na Moradia Estudantil com o autor desta dissertação. Moramos juntos por um pouco mais de um ano. Já Felipe veio para Campinas realizar o Mestrado, contudo, ainda não ingressou como estudante, tendo que trabalhar em um mercado do bairro e morar de forma irregular também na Moradia.

João até o momento da finalização da escrita nos revela que se mudou para uma pequena kitnet próxima à Moradia, pois seu irmão veio para o Brasil estudar e assim como ocorreu ele ainda não possui proficiência da língua, desta forma, iniciou seus estudos de português para pleitear uma vaga na Unicamp.

Onde estava a boliviana?

Maria é natural de Sucre (Figura 3.9), localizada na região Centro-Sul da Bolívia, sendo a capital constitucional de seu país e de seu departamento: Chuquisaca; enquanto La Paz é a capital administrativa.

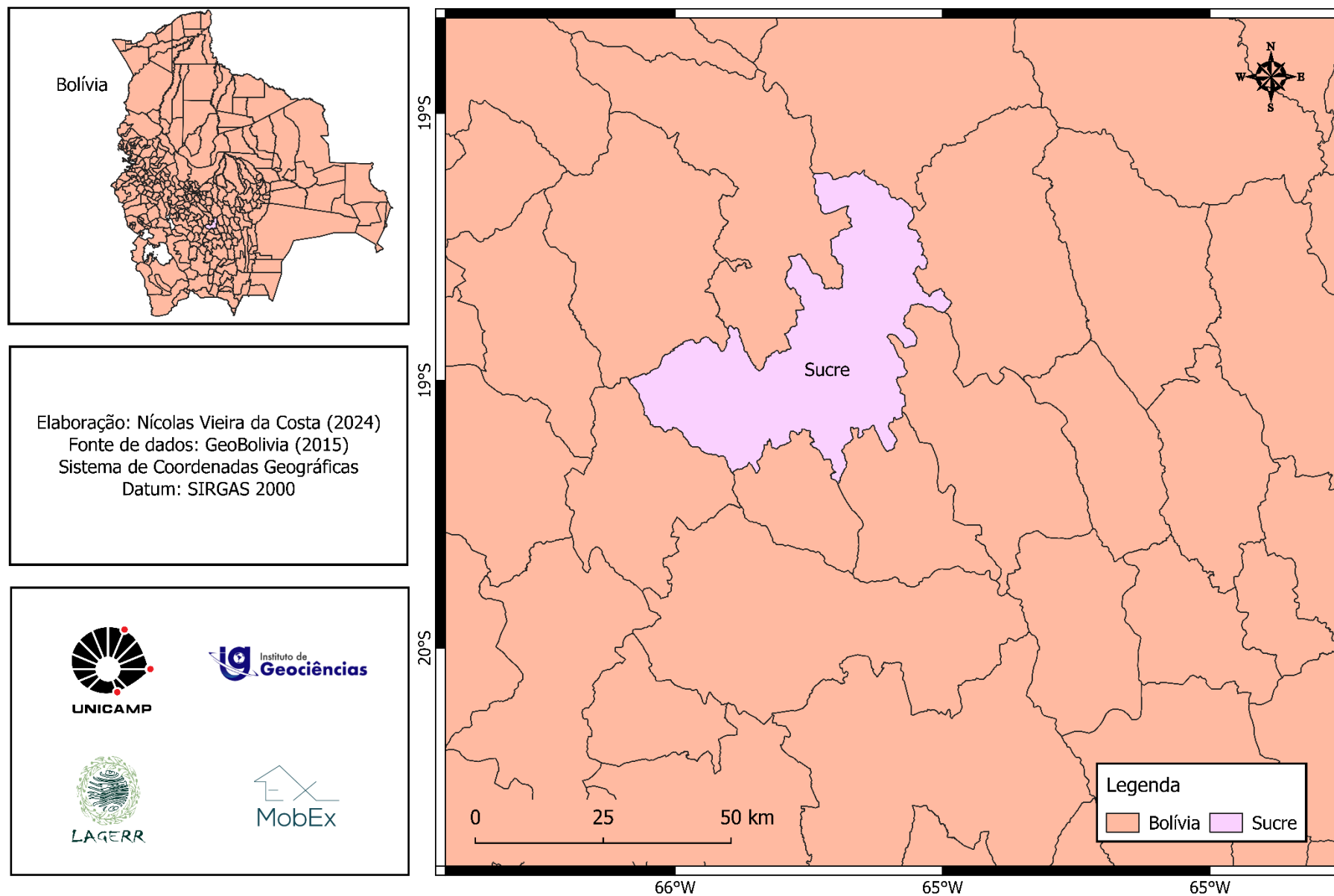
Uma semelhança ocorre na migração de Maria com a da grande maioria dos entrevistados para a pesquisa, sua mobilidade tem como principal motivador os estudos. Formada em Biologia na Bolívia, Maria veio ao Brasil para realizar seu Mestrado em Biologia Molecular e Morfofuncional na Unicamp.

Em nossa pequena conversa ela me relata que seu mundo está em volta de Barão Geraldo, toda a sua rotina, trabalho, estudos, assim Maria escolheu o distrito para morar desde 2019, o que ela mesma denomina como uma bolha.

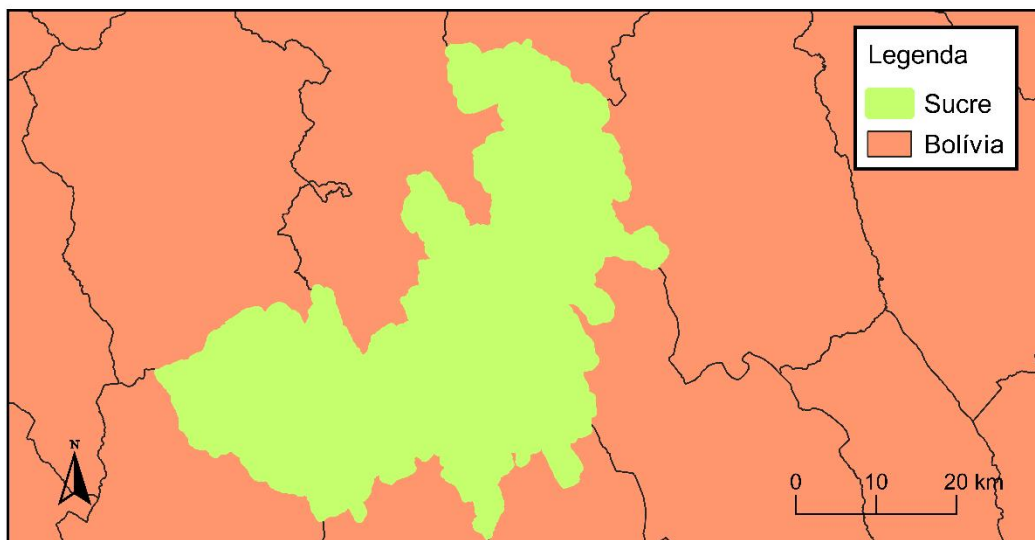
“tipo eu cheguei aqui e não sei de quase nada que acontece fora daqui, talvez se eu estivesse em qualquer outro lugar do Brasil seria diferente, mas talvez por ser aqui um lugar de estudantes, não tem tanto estresse e a pressão do dia a dia, é tudo muito descontraído, saio de chinelo e não tem essa coisa toda” – Maria.

Sucre está localizada em uma região montanhosa da Bolívia, por meio de sua vista aérea (Figura 3.10) observamos as linhas feitas pelo intemperismo físico do derretimento da neve, escavando cicatrizes no solo e ilustrando os caminhos dos rios que nascem na região.

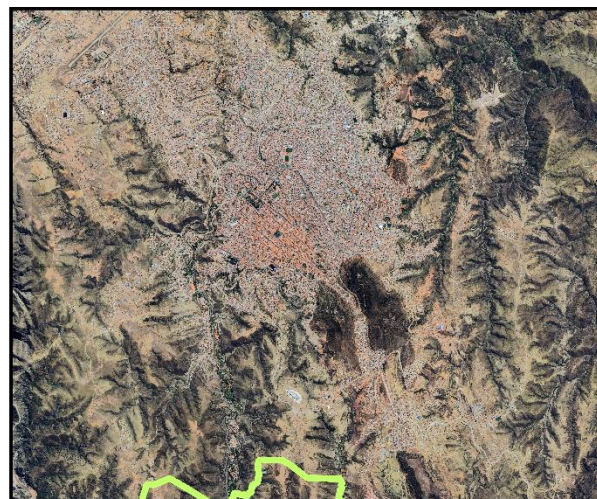
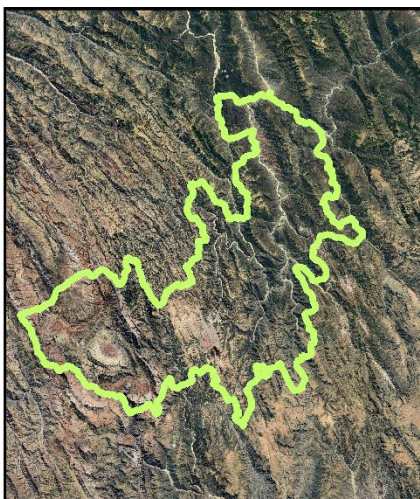
Localização de Sucre, capital constitucional da Bolívia



Vista aérea de Sucre, Bolívia



Elaboração: Nicolas Vieira da Costa
(2025)
Fonte de dados: GeoBolívia (2015);
Google (2024); Micah MacAllen (2005)
Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum SIRGAS 2000

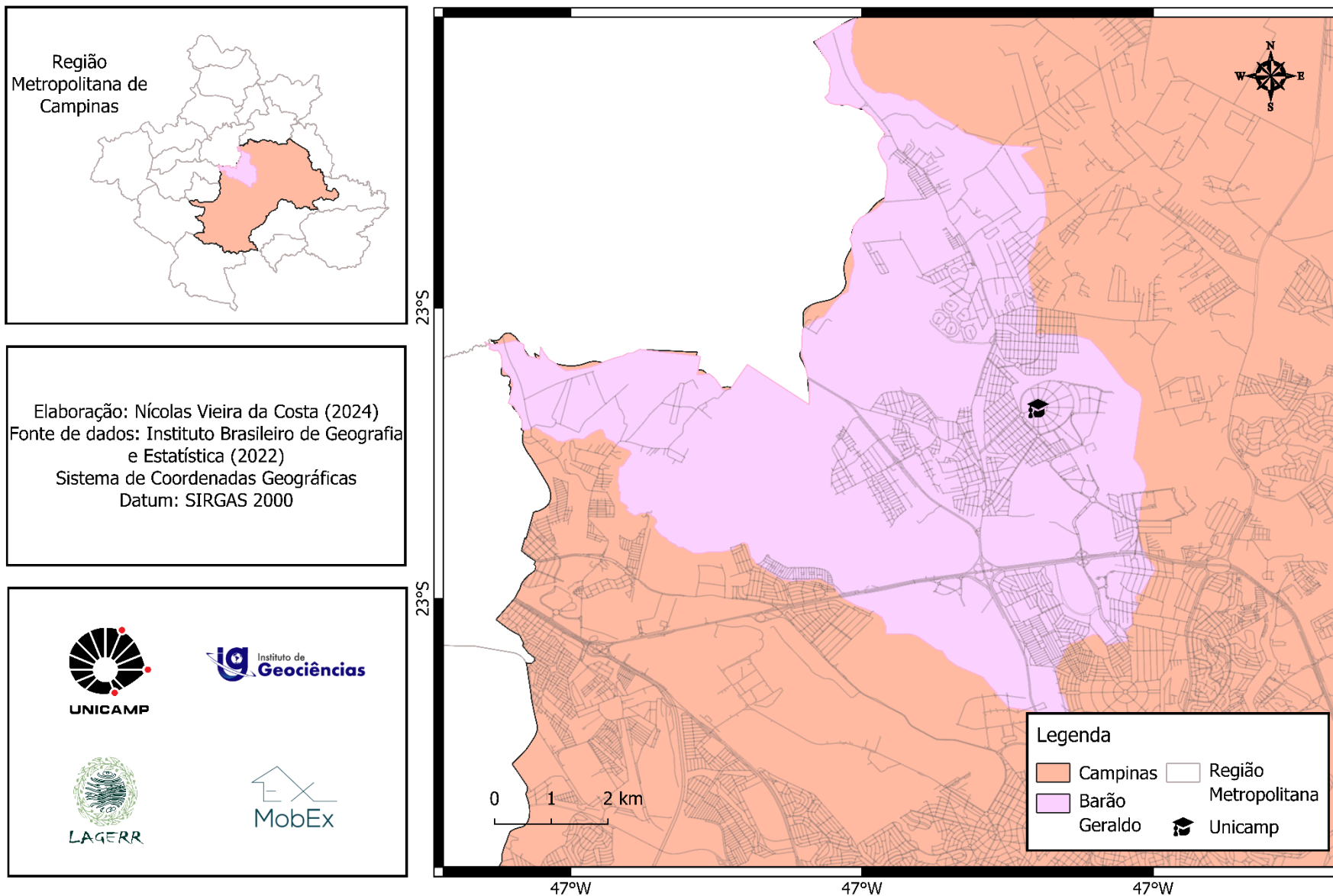


A partir do esclarecimento acerca dos lugares que os migrantes internacionais que foram entrevistados obtivemos três localidades importantes para compreensão de seus espaços de vida: o distrito de Barão Geraldo (Figura 3.11) e os bairros Vila Marieta e Jardim Florence (Figura 3.12).

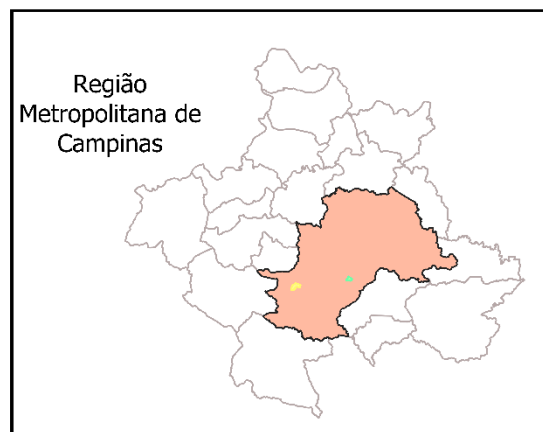
Contudo, suas trajetórias, como também seus espaços de vida gravitam por Barão Geraldo, em especial pelo bairro Cidade Universitária. Mesmo aqueles que não moram por lá, de alguma maneira estão vinculados aquele território de Campinas.

A partir da mobilidade internacional dos participantes da pesquisa conseguimos realizar o mapeamento de origem-destino (Figura 3.13). Neste mapa observamos os países como Haiti, República Democrática do Congo e Bolívia, bem como linhas que demonstram o fluxo destes migrantes para o Brasil.

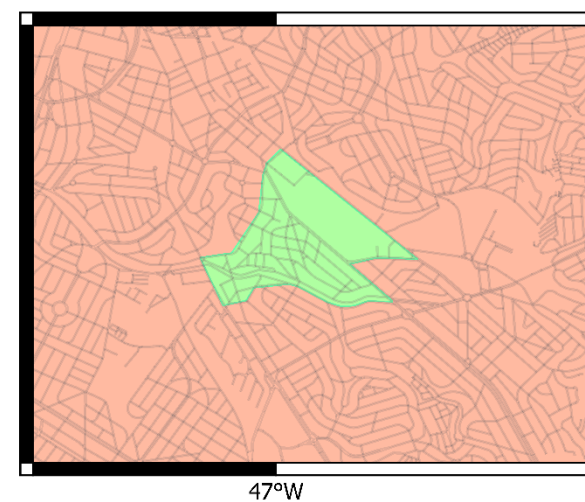
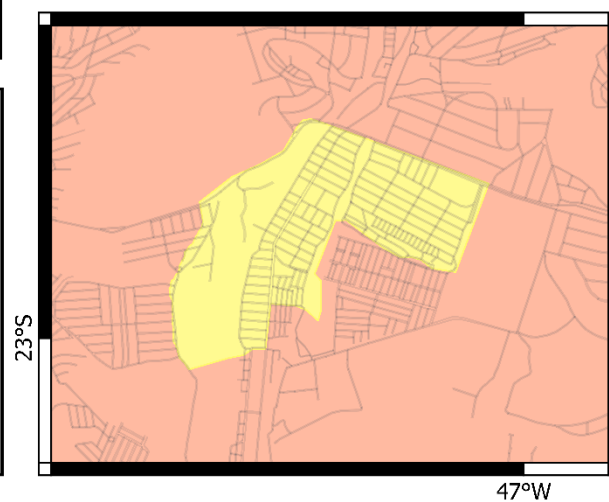
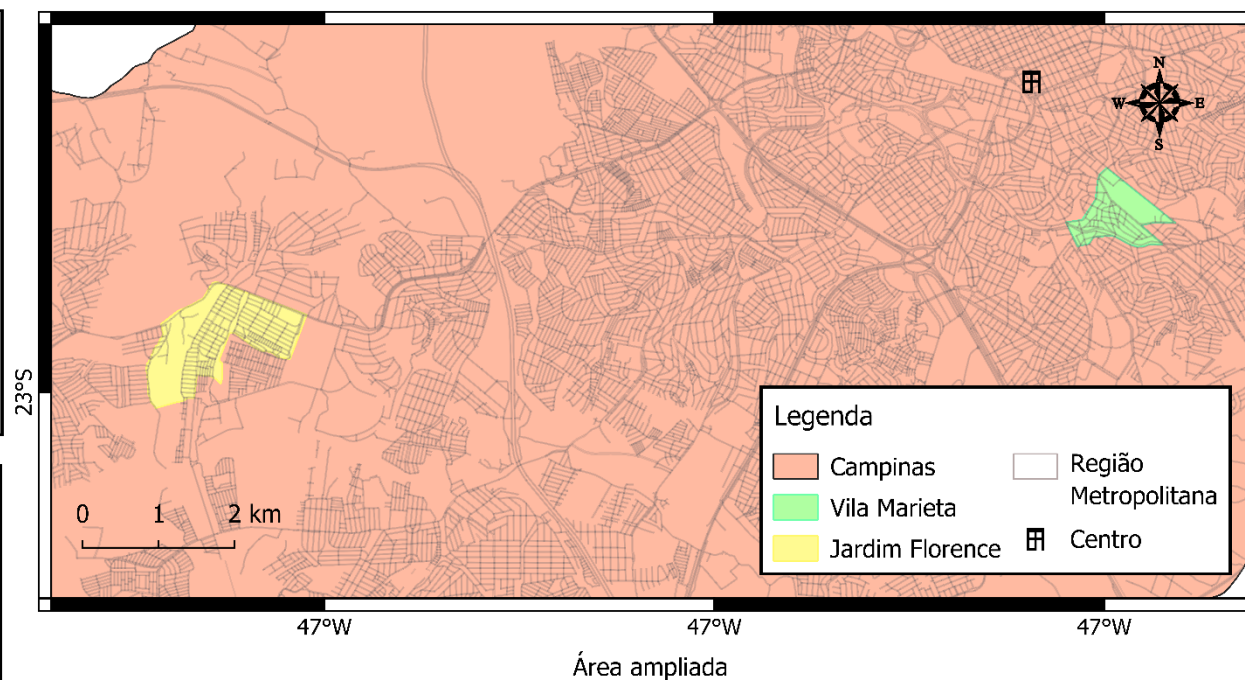
Localização do Distrito de Barão Geraldo, Campinas - SP



Localização dos bairros Vila Marieta e Jardim Florence, Campinas - SP



Elaboração: Nícolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



Mapa de origem e destino dos migrantes

Legenda

Origem

República Democrática do Congo

Haiti

Bolívia

Destino

Brasil

Elaboração: Nícolas Vieira da Costa
(2024)

Fonte de dados: Natural Earth Data
(2022)

Sistema de Coordenadas
Geográficas
Datum WGS84



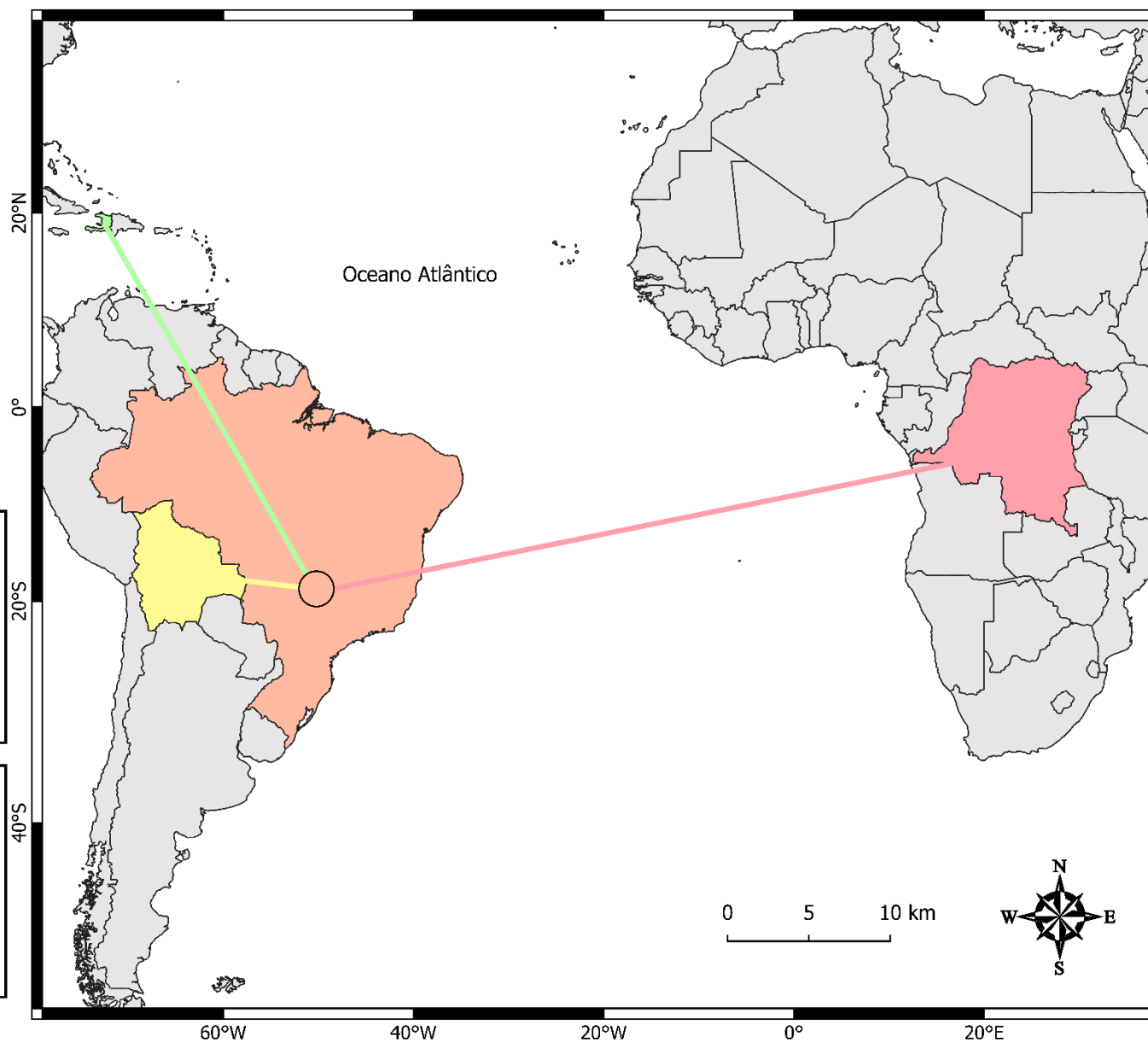
UNICAMP



LAGERR



MobEx



Mover-se internamente

Para compreender as motivações dos imigrantes entrevistados em escolher Campinas como lugar de destino de seu fluxo, fica evidente que suas escolhas foram guiadas por dois pontos principais: os **estudos**, tanto pela interrupção de suas formações devido ao terremoto do Haiti, quanto pela qualidade do ensino; e a **economia**, como é o principal caso da família haitiana entrevistada.

Estes trajetos realizados pelos imigrantes, em sua maioria se deu de forma direta para Campinas. Através de transporte aéreo e com vistos, todos os oito entrevistados ingressaram ao Brasil de forma legalizada.

Seus trajetos em território brasileiro se caracterizaram por uma mobilidade direcionada, ou seja, dos oito entrevistados, cinco vieram diretamente de seus países para o município de Campinas como é o caso de Luis, Carlos, Maria, Marcos e Rita. Os três demais percorreram diferentes caminhos, Lucas primeiramente aterrissou em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, com o intuito de permanecer por dois meses na casa da tia e trazer sua avó (a senhora que se encontrava ao lado de Marcos no dia da entrevista) para casa de seu pai.

João veio ao Brasil e permaneceu com seu pai por pouco mais de um ano em Brasília, no Distrito Federal, lugar em que aprendeu a Língua Portuguesa. E Felipe chegou em Belém, no Estado do Pará no ano de 2018, cursou Nutrição na Universidade Federal do Pará (UFPA) e se mudou para Campinas em 2022.

Assim, obtemos o mapeamento de origem-destino dos três migrantes no Brasil (Figura 3.14). Nele é observado os estados do Pará, Rio Grande do Sul e o Distrito Federal como pontos de origem, enquanto a cidade de Campinas, no Estado de São Paulo é o lugar de destino final.

Mapa de origem e destino dos
migrantes dentro do território
brasileiro

Legenda

Origem

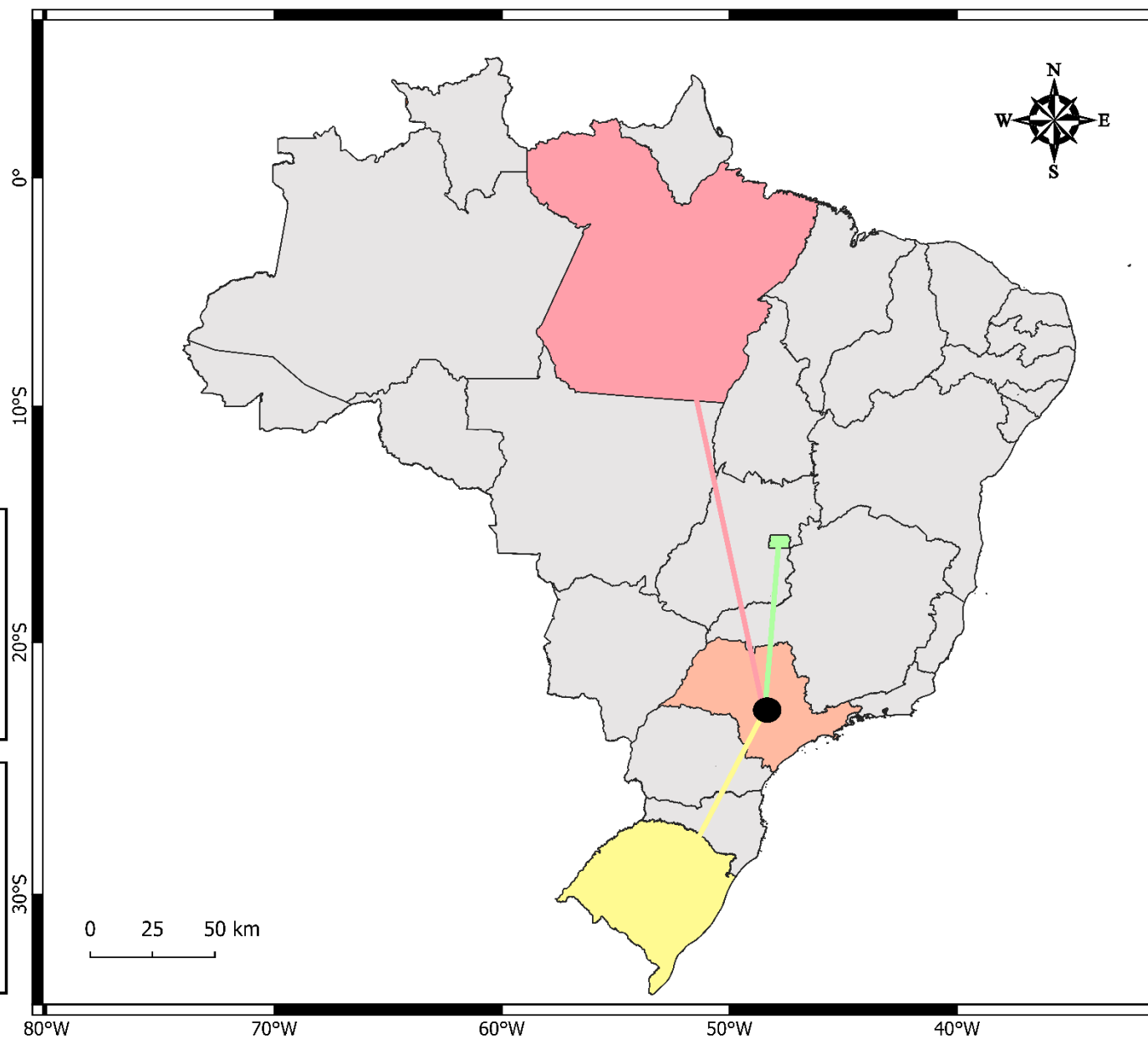
- Belém - PA
- Brasília - DF
- Porto Alegre - RS

Destino

- Campinas
- São Paulo

Elaboração: Nícolas Vieira da Costa
(2024)

Fonte de dados: Instituto Brasileiro
de Geografia e Estatística (2022)
Sistema de Coordenadas
Geográficas
Datum SIRGAS 2000



**ESPAÇOS DE VIDA DE
MIGRANTES
INTERNACIONAIS**

*“Longe da minha terra, minha cultura
Exilado, longe da minha família
E perdido num país desconhecido,
Das migalhas do patrão sobrevivendo*

*Discriminado, raro ser bem tratado
Do nativo, mal sabe seu estado
Muitas vezes sinto vontade de bradar,
Gritar o sofrimento que faz-me chorar*

*Lamento sim, lamento a amargura
Que vai deixando esta aventura
Ser refugiado, não foi uma escolha.*

*Sou imigrante, emigrante, migrante
Guardo fé, esperança, não sou errante.
Apenas quero viver as maravilhas.”*

Lamento de um refugiado – Maxenal Edouard

Neste capítulo iremos adentrar nos resultados obtidos por meio dos campos e das entrevistas realizadas. Como dissemos anteriormente, o presente trabalho ocorre no município de Campinas, em especial no distrito de Barão Geraldo, assim, obtivemos uma diversidade limitada dos espaços de vida dos migrantes internacionais.

Marandola Jr. (2008, p. 198) afirma que tanto as histórias, quanto os espaços de vida se organizam na espacialidade. Desta forma, ao analisarmos os espaços de vida dos imigrantes entrevistados obtivemos um recorte da vida cotidiana e de como a mobilidade interna influencia na criação de seus lugares.

Contudo, fica evidente que estes espaços de vida não se caracterizam apenas um espectro das divisões que iremos tomar, o mesmo lugar pode possuir diferentes características que o representaria em diferentes momentos da vida cotidiana destes imigrantes, logo, o que é um lugar de socialização para uns, pode ser um lugar de trabalho para outros.

Portanto, tomamos a seguinte divisão de espaços de vida: **lugares da memória; lugares de trabalho; lugares de estudo; lugares de encontros; lugares de lazer; lugares da morada; lugares do casulo protetor**. Para uma melhor compreensão do leitor sobre estas divisões que foram feitas foi criada a Tabela 1, nela foi relacionado cada espaço de vida e as características que foram impressas a eles nas falas dos imigrantes participantes.

Tabela 1. Relação entre os espaços de vida e suas características

<i>Espaços de vida</i>	<i>Características</i>
<i>Lugares da Memória</i>	Lugares que fizeram parte de um determinado momento da vida da pessoa e não necessariamente permanecem em suas atividades cotidianas, podendo ser caracterizadas como suas antigas residências
<i>Lugares de Trabalho</i>	Lugares determinados pela relação entre os imigrantes e sua fonte de renda, podendo ou não serem caracterizados através de trabalhos formais e informais ou pelas pesquisas que os imigrantes possam realizar dentro da Unicamp, no caso dos estudantes de pós-graduação
<i>Lugares de Estudo</i>	Lugares onde os imigrantes realizam seus estudos, relacionando-se com os períodos de graduação e pós-graduação na Unicamp
<i>Lugares de Encontros</i>	Lugares determinados como aqueles onde os imigrantes se reúnem com os colegas de trabalho ou para reuniões, podendo ou não estarem vinculados aos locais de trabalho e estudo
<i>Lugares de Lazer</i>	Lugares onde os imigrantes vão para se divertir em momentos de relaxamento, vinculados às praças e bares de Barão Geraldo
<i>Lugares da Morada</i>	Lugares onde os imigrantes habitam, mas não os descrevem com afeição, sendo atribuído apenas a noção de descanso e não do casulo protetor
CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA	

CONTINUAÇÃO

Lugares do Casulo Protetor

Lugares selecionados através das falas dos imigrantes, sendo relacionados às casas, Moradia Estudantil ou aos lugares de maior afeição, onde as pessoas criam seus vínculos e estabelecem sua dinâmica cotidiana

Autor: Nicolas Vieira da Costa, 2024.

Assim, o mapeamento dos espaços de vida dos migrantes se dará através de pontos que representem estes lugares citados na tabela acima. Também demonstraremos o território onde sua mobilidade cotidiana se torna mais presente, denominamos esta área como **território vivido**. É necessário que se faça um adendo de que alguns destes lugares informados pelos imigrantes não se encontram dentro do território vivido. Optamos por não os relacionar com a área, pois nas falas dos participantes fica evidenciado que estes lugares são ocupados de forma eventual, ou seja, em momentos específicos da vida destas pessoas.

A criação destes lugares se dá pela experiência do corpo com o mundo, a família haitiana entrevistada é moradora da Vila Marieta, como foi relatado anteriormente. Ao chegar no bairro fui imediatamente transportado para minha infância. A arquitetura das casas possuía a mesma estrutura das residências de onde cresci, as casas grandes com pequenas plantas e árvores (Figura 4.1), as ruas calmas me deslocavam para memórias de um passado recente. A casa de Marcos me recordava a casa das minhas avós.

O seu bairro calmo seguia na contramão dos espaços mais urbanizados e de classe alta de Campinas. Ao relacionar as residências lá presentes com as casas das minhas avós, não digo apenas da estrutura arquitetônica (Figura 4.2) destes lares, mas também da calma e da possibilidade de vivenciar a rua. Quando digo sobre viver a rua, trago a memória dos sons das crianças gritando atrás de uma bola de futebol, das casas com portões abertos e sem a preocupação da vigilância e segurança, da risada de minha avó ao assistir as novelas das 18 horas na Globo.

Figura 4.1 – Fachada de uma casa na Vila Marieta, Campinas



Fonte: Google (out. 2019).

Figura 4.2 – Fachada da casa de meus avós paternos, julho de 1997



Autor: José Inácio da Costa (1997).

O papel da memória na criação dos lugares é essencial quando exponho que àquelas casas e suas estruturas me transportaram para minha infância em uma cidade do interior. Portanto, faço um parêntese que acredito ser importante para demonstrar um ponto: aquele espaço que vivi no início dos anos 2000 é evidentemente outro quando posto em relação ao da década de 2020.

Meus lugares da memória já não são mais os mesmos. Não existem mais as crianças que antes jogavam futebol acompanhados de seus parentes sentados nas calçadas, a rua virou um sinônimo do perigo que espreita a todos, perigo do desconhecido, um lugar de aversão (Tuan, 2013). As árvores tão presentes na antiga Rua Cuba, em Sorocaba (Figura 4.3), foram retiradas com a desculpa de “atrapalhar a fiação elétrica e causar prejuízos às calçadas”. Aqueles familiares que se sentavam ao fim do dia já não fazem parte da paisagem, alguns se mudaram, outros partiram para outro plano. Eu cresci, continuo vivendo a rua das minhas avós, mas hoje àquela que tinha um apreço não existe mais. Talvez sejam as perdas decorridas da modernização desenfreada das cidades médias, do crescimento exacerbado e da verticalização dos espaços que ocupam o céu do fim da tarde, impedindo o sol alaranjado de se despedir todos os dias; ou talvez seja minha memória que me prega peças e romantiza um espaço que se moldou através de suas necessidades.

Por meio da entrevista com Marcos e sua família ficou evidente que seus espaços de vida se resumem em alguns pontos em comum. Porém, a decisão de Rita em realizar sua entrevista conjunta de seu marido pode ter influenciado na delimitação de seus espaços. Ambos ocupam os mesmos lugares e se relacionam com eles da mesma maneira.

Marcos e Rita possuem uma mobilidade conduzida pela experiência cotidiana do trabalho e casa, ou seja, seus movimentos são realizados sempre na dinâmica de acordar cedo para ir ao trabalho e voltar no final do dia para sua residência.

Ambos entrevistados trabalham em uma padaria no bairro Cambuí (**Lugar de Trabalho**), localizado na Zona Central do Município e sendo um dos bairros considerados de alto padrão. Seu deslocamento é realizado através de um ônibus coletivo municipal que faz seu trajeto diretamente de um bairro ao outro.

Figura 4.3 – Rua Cuba atualmente, março de 2025



Autor: Nícolas Vieira da Costa (2025).

Marcos relata que quando veio ao Brasil se instalou primeiramente em Barão Geraldo, seu espaço de vida era determinado, principalmente, pelo deslocar interno do distrito. “Quando eu cheguei aqui tava morando em Barão Geraldo e é muito calmo, em 2018 eu morei lá perto do Shopping Unimart [que] é calmo e tranquilo também, em 2019 vim aqui [Vila Marieta]” (Marcos).

A família haitiana, natural de Pétionville, teve sua vida moldada pelas crises políticas do Haiti. Marcos informa que seu principal motivo da vinda para o Brasil se fundamenta na necessidade da busca de uma vida melhor para sua família, desta forma, embarcou para território brasileiro em 2014. Logo em seguida, sua esposa e três de seus seis filhos migraram para o país. Mais tarde ao conversar com Lucas descubro que na verdade seu pai se caracterizaria como um refugiado político, uma vez que possuía um cargo público no Haiti o que consequentemente o fez se deslocar ao Brasil, todavia quando questionado, Marcos não corrobora com esta informação.

Em nossa conversa com o casal buscamos compreender acerca das dificuldades no que diz respeito à conquista do visto brasileiro, contudo os três familiares não me respondem, apenas dizem que possuem o visto e que estão trabalhando e/ou estudando.

A figura 4.4 expressa os espaços de vida do casal Marcos e Rita. Ao referimos acerca dos lugares ocupados pelo casal haitiano, podemos relacioná-los com os mesmos locais, uma vez que tanto Marcos, quanto Rita informam pouco a respeito de sua mobilidade interna. A vida do casal possui como núcleo central a sua casa (**Lugar do Casulo Protetor**).

Marcos ao contar um pouco mais a respeito de sua trajetória desde 2014 diz que conhece mais de Campinas quando comparado à esposa. O haitiano diz que ao chegar no município se alocou primeiramente em um kitnet (**Lugar da Memória**) próximo ao Shopping Unimart, em Chácara da República, bairro que fica a cerca de 13 minutos da Vila Marieta, bairro atual de morada.

Outro ponto que é interessante informarmos é a presença de Barão Geraldo na vivência de Marcos e sua família. O haitiano revela que após a saída da primeira kitnet, ele se mudou para uma residência no distrito campineiro, agora com sua família não havia a possibilidade de conviver em um espaço pequeno. Portanto, Barão Geraldo se torna mais um **Lugar da Memória** nas experiências de Marcos e também de sua família, correlacionado com a Antiga Sede da Associação Dos Haitianos de Campinas e Região (AHCRD).

Apesar da concepção de lugar de memória nos remeter ao passado, a família haitiana permanece com suas idas semanais para o distrito, visto que os haitianos vão aos cultos realizados pela igreja na Praça do Coco. Eles relatam que a decisão por ir aos cultos realizados nesta igreja (**Lugar de Encontros**) é a facilidade da compreensão da celebração religiosa, dado que só é utilizada a língua créole durante todo o culto.

Barão Geraldo possui um centro gravitacional na vida desta família. Seus encontros com outros haitianos refletem um cotidiano que os leva novamente ao Haiti, ponto que pode ser analisado ao nos recordarmos que Marcos é o líder da AHCRD. Marcos conta que suas reuniões não se bastavam apenas nos cultos dominicais da igreja, como também ocorriam esporadicamente na própria residência, visto que ela

funcionava como sede da associação. Hoje, as reuniões da AHCRD se encontram em pausa, contudo sua sede foi transferida para a atual residência na Vila Marieta.

A casa da família haitiana possui um papel fundamental na dinâmica destas pessoas dentro do município de Campinas. O que percebemos é que os espaços de vida destas pessoas se mesclam em mais de um sentido, o que é fundamental para que o cotidiano destes imigrantes se desenvolva. A Vila Marieta não é apenas o lugar do casulo protetor, como é o lugar dos encontros da associação dos haitianos.

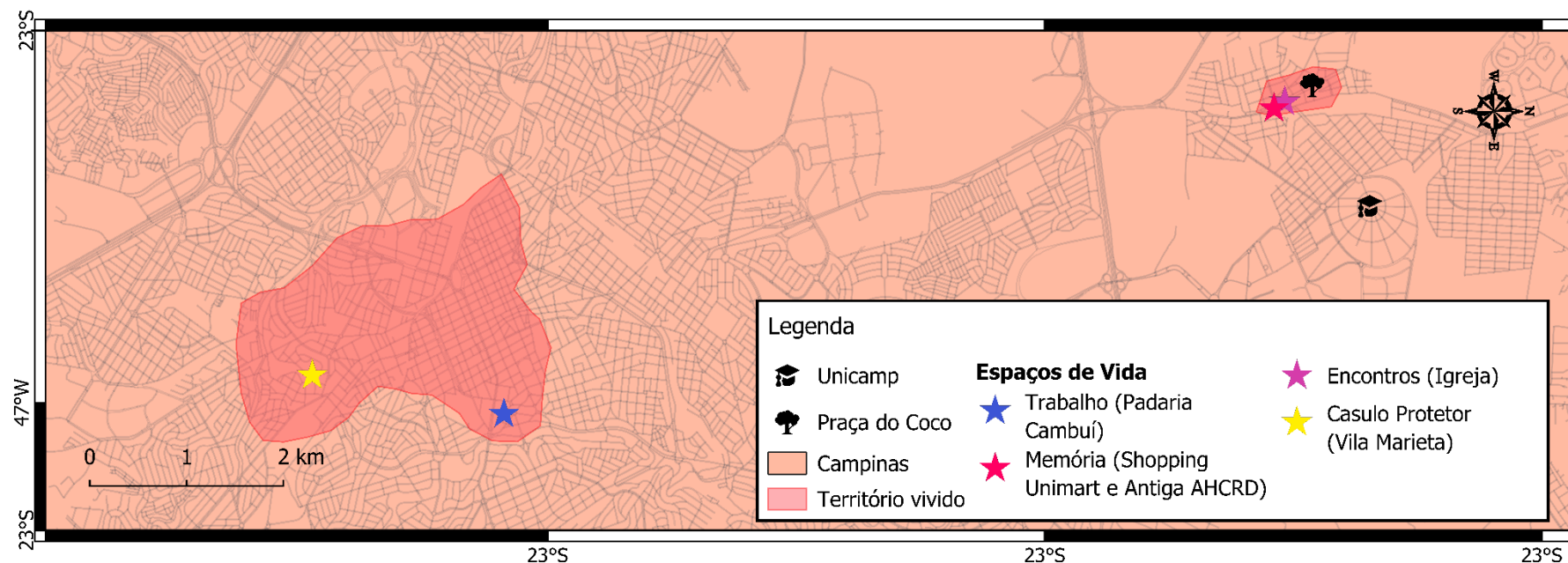
Diferentemente de seus pais, Lucas traz em sua fala uma gama maior de lugares. Ao narrar sobre sua trajetória para o Brasil e suas vivências no país, ele me conta que já se formou no ensino básico e iniciou um curso de graduação à distância de Relações Internacionais.

Lucas chegou em Campinas em 2016, apenas dois anos depois de seu pai, contudo, ele demonstra que usufrui de uma maior quantidade de lugares e como consequência de espaços de vida. Além dos espaços que divide com sua família como a sua casa (**Lugar do Casulo Protetor**), a antiga sede da AHCRD (**Lugar da Memória**) e a igreja (**Lugar de Encontros**), o jovem possui outros locais de convívio, como pode ser observado na Figura 4.5.

Em sua totalidade, são 3 lugares que diferenciam as vivências de Lucas com os de seus pais. Os pontos de maior concentração de espaços de vida estão localizados diretamente na Vila Marieta, onde podemos analisar que existe um novo **Lugar da Memória**, sendo ele a escola pública onde fez todo o ensino básico. Lucas, ao relatar sobre suas experiências em Campinas, revela que a escola teve um papel fundamental na sua integração enquanto imigrante na sociedade brasileira, bem como foi através da escola que Lucas aprendeu a Língua Portuguesa. Ao narrar sobre as dificuldades de recomeçar ao se tornar um imigrante, Lucas nos diz:

“assim, quando você viaja [migra], querendo ou não, você tem que começar do zero, eu nem tanto porque não trabalhava e não tinha uma vida adulta para falar: ‘pô, nossa eu conquistei muitas coisas, deixei tudo de lado e vim começar do zero’, mas meus pais sim” – Lucas.

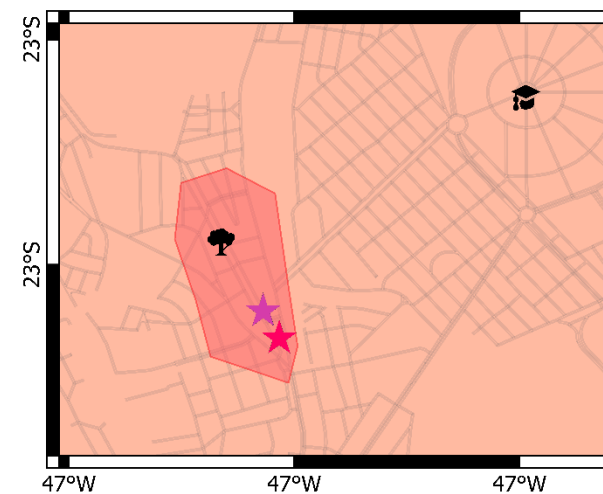
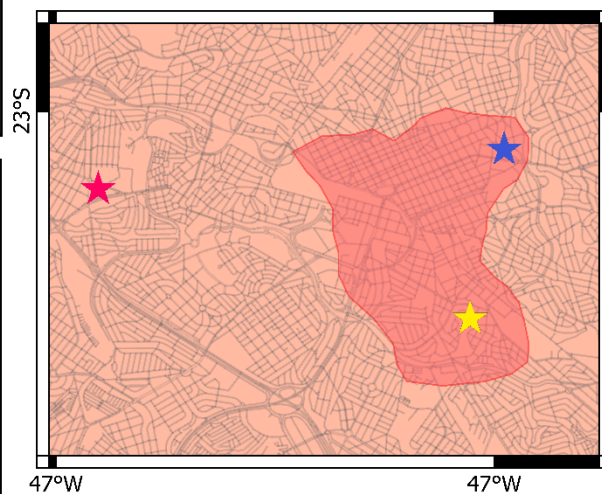
Espaços de vida de Marcos e Rita em Campinas



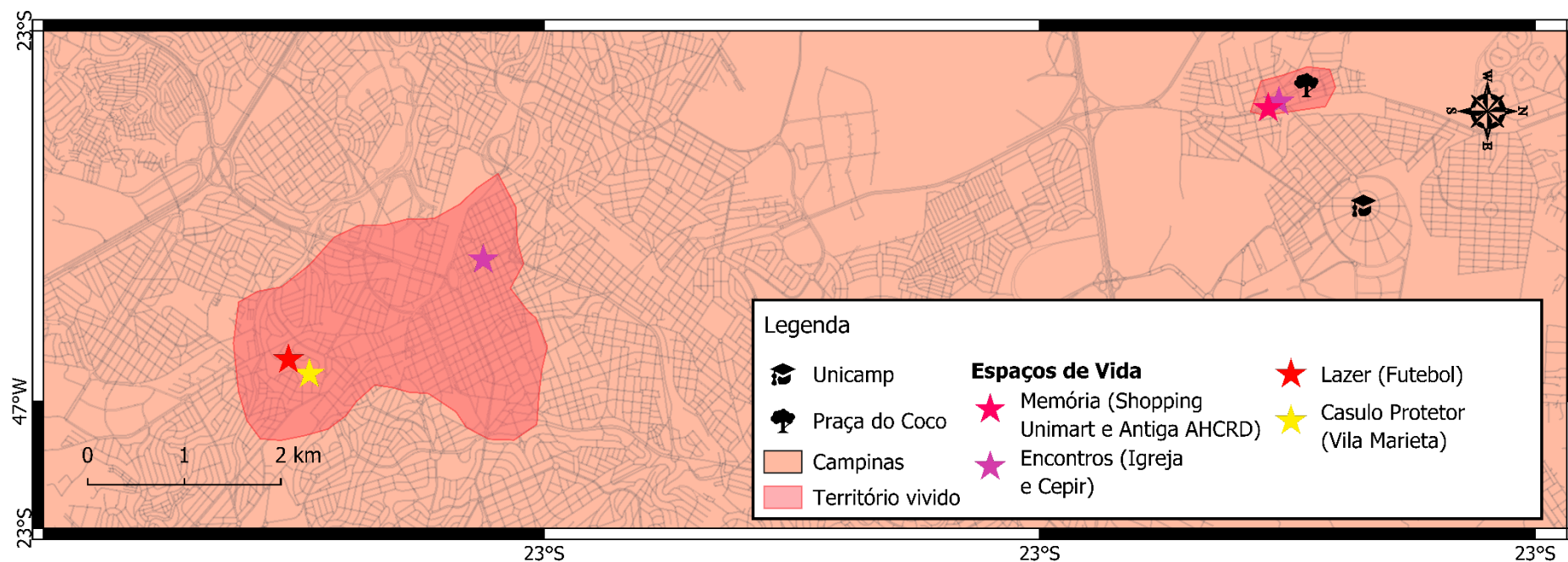
Elaboração: Nícolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



Área ampliada

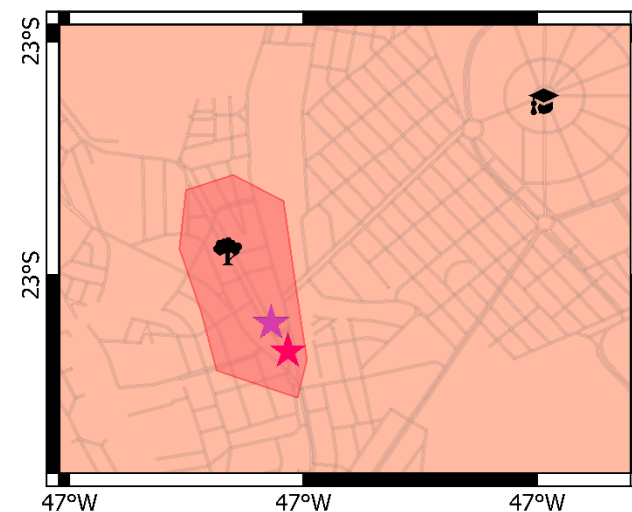
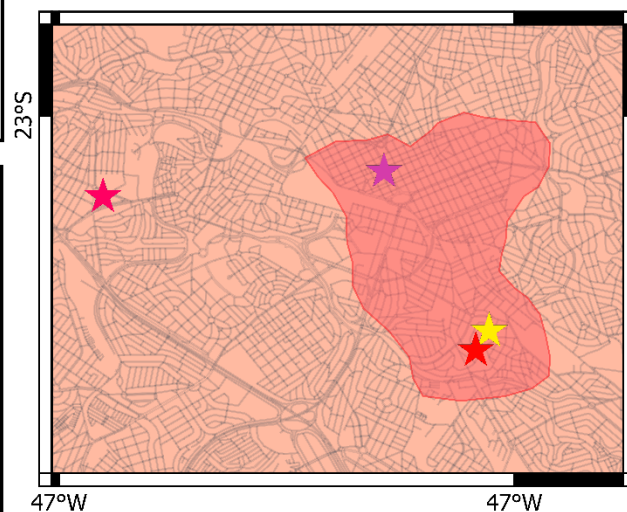


Espaços de vida de Lucas em Campinas



Área ampliada

Elaboração: Nícolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



Desta forma, a possibilidade de poder crescer e estabelecer vínculos e amizades com jovens da mesma idade foi fator preponderante para que seus espaços de vida, de certa maneira, se ampliassem em relação ao de seus pais.

Além da igreja em Barão Geraldo como um **Lugar de Encontros**, um outro ponto que foi analisado na dinâmica cotidiana de Lucas: o Cepir. O órgão público de Campinas busca estabelecer programas que visam a igualdade racial e social dentro do município, para isso realizam reuniões semanais e mensais com populações vulneráveis. Lucas informa que semanalmente se desloca para lá e participa de reuniões, sobretudo aquelas que dizem respeito dos imigrantes e da população negra residente da cidade.

A grande diferença entre seus pais e Lucas é que através de sua fala ele diz sobre seus hábitos de lazer. Fundamentamos seu **Lugar de Lazer** no mapeamento através de um campo de futebol dentro do bairro em que a família reside. O jovem conta que sempre vai até lá para “jogar uma bola com meus amigos brasileiros” (Lucas).

Apesar do foco desta pesquisa ser a cidade de Campinas, Lucas diz que sempre se desloca para São Paulo, seu principal motivador é o relacionamento amoroso com uma garota da capital paulista.

Há um apreço ao Haiti enquanto lugar de memória, principalmente quando ele se refere aos seus irmãos que por lá permaneceram, mas Lucas também diz que vivia em uma bolha, não havia muitas pessoas em quem confiar quando morava em seu país de origem, logo não possuía tantos amigos. Ao relacionar a questão da confiança, o imigrante diz que isso tem origem direta no antigo trabalho de seu pai.

A relação Lucas com Campinas possui um duplo sentido: identificação e distanciamento. Sua identificação nasce através das reuniões no Cepir e na AHCRD, como também nos encontros com seus amigos para o lazer. Contudo, seu distanciamento surge quando ele se relaciona com o termo **estrangeiro**, para Lucas estar no Brasil por tantos anos é indiferente, pois aqui ele sempre permanecerá como um estrangeiro.

Os espaços de vida de Luis gravitam em torno de Barão Geraldo, assim como ocorre com Carlos e que veremos adiante. Suas vidas, mobilidades e lazer estão condicionadas pelos seus estudos. Ambos os haitianos vieram ao Brasil no ano de 2011,

no período de um pouco mais de um ano após o terremoto de 2010, previamente relatamos que seu principal motivo de vinda ao país se deu através dos estudos.

É a partir desta decisão que os lugares de convívio destes imigrantes se dão. A Unicamp funciona como um centro gravitacional em suas vidas. É nela que se encontram o **Lugar de Trabalho** (ambos realizam pesquisas de doutorado na universidade) e o **Lugar de Estudo** (ponto importante para a vida cotidiana de ambos os haitianos).

Suas memórias são reflexos diretos do cotidiano no *campus* de Barão Geraldo, assim como seus deslocamentos. Luis diz que desde sua vinda em 2011 permanece morando no bairro Cidade Universitária em Barão Geraldo (**Lugar de Morada**). Apesar de morar em Barão Geraldo desde 2011, o imigrante não relata um apreço pelo bairro em si, e sim pelas bibliotecas que compõem os institutos que ele pesquisa (IFCH e IEL).

Portanto, diferentemente de outros migrantes desta pesquisa, Luis não possui a casa como **Lugar do Casulo Protetor** e sim a Biblioteca Octávio Ianni do IFCH na Unicamp. Há uma preferência em permanecer nestes lugares, e de alguma maneira ele relata que desde sua chegada se estabeleceu entre as prateleiras dos livros que lá estavam. Em suas palavras:

“como eu gosto de frequentar bibliotecas acho que isso é um fator que define esse laço que eu tenho com Barão Geraldo, apesar de ser um bairro muito caro, muito caro mesmo, mas mesmo assim eu prefiro porque eu geralmente entro na biblioteca de manhã e vou sair só umas nove ou dez horas [da noite], eu fico o dia todo, quando você mora perto tem essa vantagem, acho que esse é o principal fator. E outro fator também, eu acho que Barão Geraldo é um pouco calma e um pouco tranquila para morar, apesar de ser muito caro” – Luis.

Luis não criou grandes vínculos com outros lugares da cidade, “os lugares que eu mais frequento é a Unicamp, as bibliotecas, na verdade que eu mais frequento,

mas como outros lugares em termos de lazer eu frequento parques”. Portanto, Luis relata que suas idas aos parques são esporádicas, desta forma decidimos não alocar dois dos três pontos relatados dentro de seu território vivido.

Seus **Lugares de Lazer** se relacionam com o Parque Bosque dos Jequitibás e Taquaral, nos bairros Bosque e Taquaral respectivamente. Outro ponto que ele relata em sua fala e que diferentemente dos outros dois, pode ser alocado no território vivido é o Espaço Cultural Casa do Lago, sendo um órgão da Diretoria de Cultura (DCult) da Pró-reitoria de Extensão, Esporte e Cultura (ProEEC) da Unicamp.

Assim, temos a figura 4.6 que demonstra os espaços de vida de Luis. Observamos que os lugares ocupados pelo haitiano estão condicionados diretamente ao seu cotidiano na universidade. Os únicos lugares relatados por ele que se deslocam deste eixo são os parques (**Lugares de Lazer**).

Em relação ao **Lugar de Trabalho**, optamos por selecionar a biblioteca Antonio Candido do IEL, pois Luis faz parte do corpo docente do doutorado deste instituto. Já para o **Lugar de Estudo** foi selecionado o IFCH.

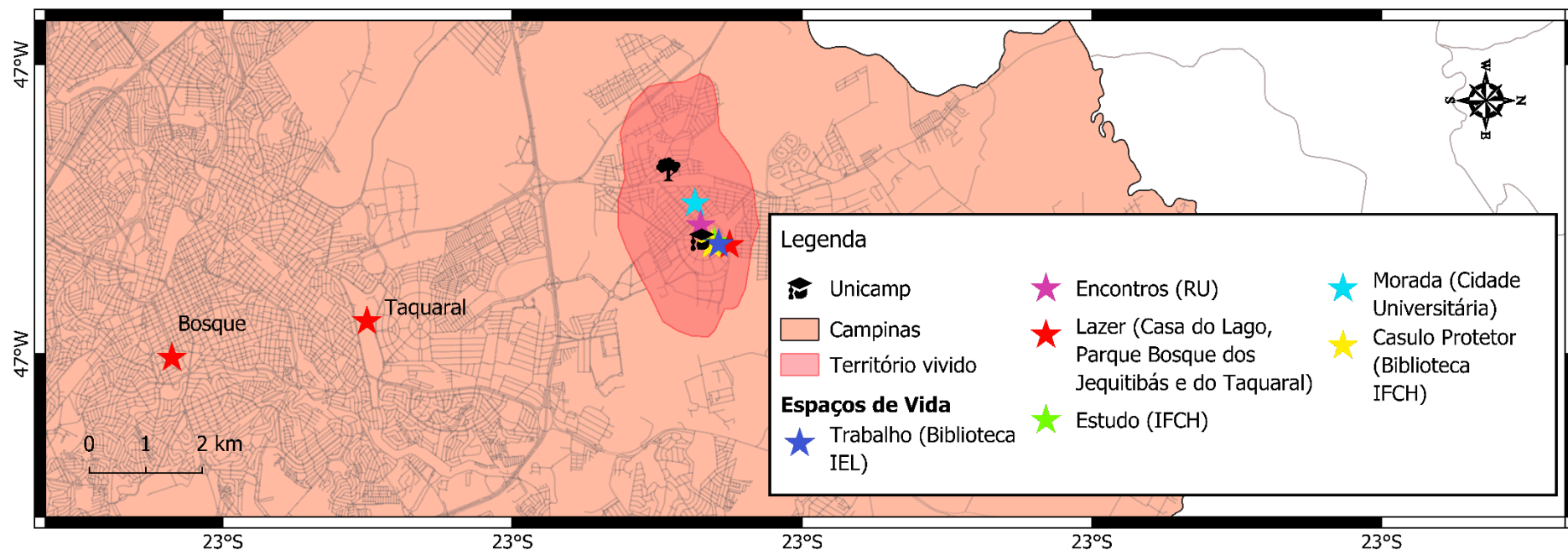
As bibliotecas do IFCH e do IEL são importantes para o cotidiano de Luis, como dito anteriormente, foi lá que conversamos pela primeira vez. O doutorando estava em uma sala de estudos interna da biblioteca Octávio Ianni, cheio de livros, com um caderno de anotações e seu notebook ao lado.

Luis não possui familiares em Campinas, assim, ele diz que todas as suas amizades foram construídas no Brasil, dado que veio ao país sozinho e sem familiares. Estas amizades não são compostas apenas de brasileiros, como também de outros imigrantes estudantes da Unicamp. Assim sendo, como **Lugar de Encontros**, Luis utiliza o Restaurante Universitário para os almoços com os amigos da universidade.

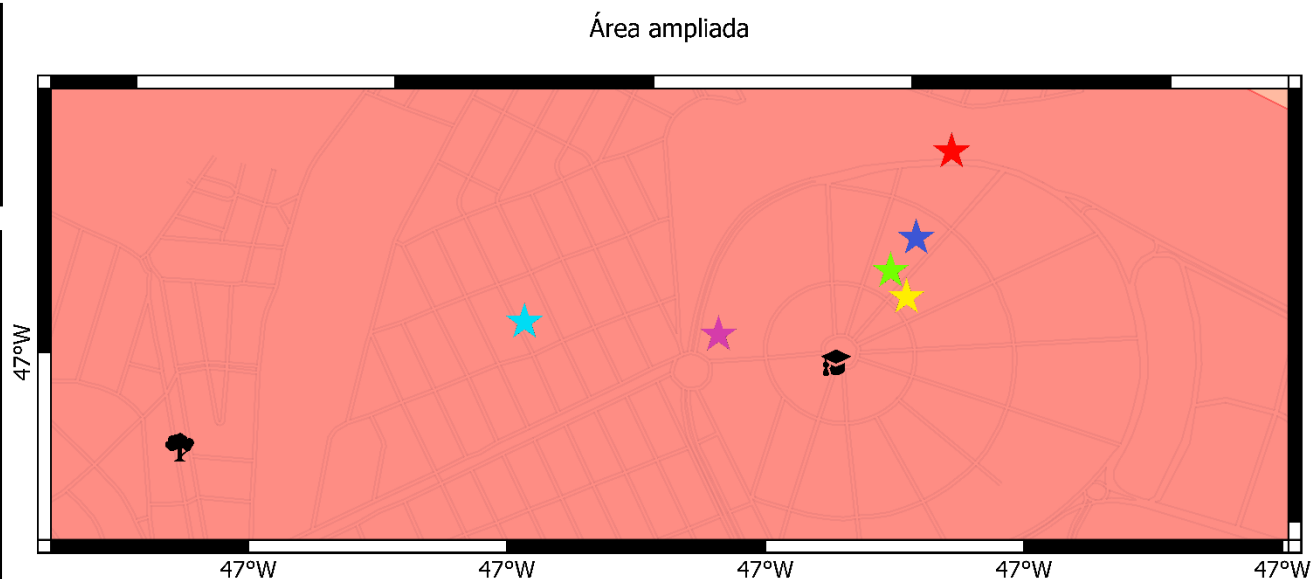
Contudo, ele revela que isso não foi motivo para uma desvinculação com o lugar que se encontra hoje, em suas palavras, “sempre considerei que quando você chega num espaço você se apropria, [...] eu sempre me considero assim, eu chego em um espaço e tento me apropriar, para fazer e tornar meu” (Luis).

Carlos possui um maior esgarçamento de seus espaços de vida. Assim como Luis, o haitiano ao migrar para Campinas permaneceu durante anos no bairro Cidade Universitária, o centro de sua vida era baseado no convívio na Unicamp.

Espaços de vida de Luis em Campinas



Elaboração: Nícolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



A grande mudança de sua vida se deu através da própria universidade. Ao decidir estudar imigrantes haitianas e seus trabalhos no Brasil, Carlos se viu em um dilema: permanecer em Barão Geraldo e se deslocar diariamente até as haitianas que são a temática de sua pesquisa ou se mudar de forma permanente, ou seja, morar no bairro em que sua pesquisa acontecia?

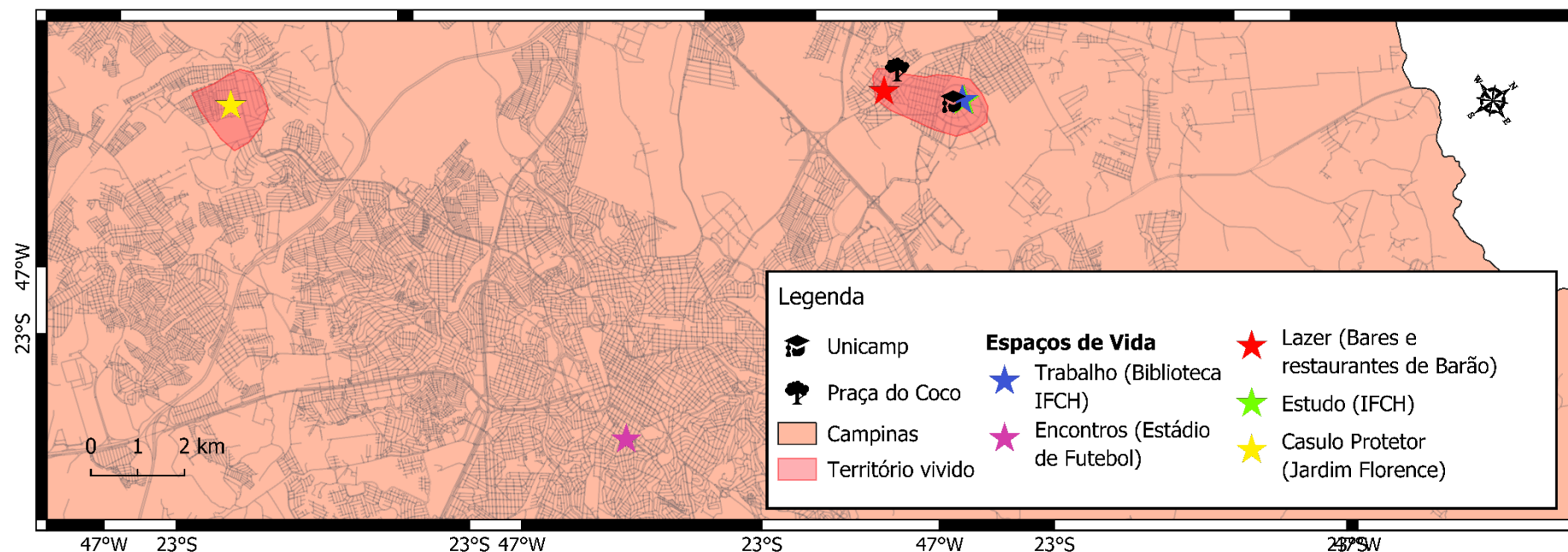
A segunda opção foi a escolhida, portanto, no início de 2023, Carlos se mudou para o Jardim Florence, bairro em outro extremo da cidade de Campinas e que fica em média a 25 km de distância da Cidade Universitária. Seu deslocamento se dá a partir de veículo próprio, o que leva cerca de 30 minutos de trajeto, ou de ônibus, quando decide por este transporte seu trajeto se transforma em quase 3 horas.

Deste modo, temos a figura 4.7 que ilustra os espaços de vida de Carlos, constatamos que o IFCH é dado como um **Lugar de Estudo**. O Jardim Florence tornou-se seu **Lugar do Casulo Protetor** a partir do momento que o haitiano conseguiu se identificar com aquele espaço, também ao construir relações com outros haitianos que lá moravam. O **Lugar de Lazer** é demonstrado pelas suas idas aos bares e restaurantes do Centro de Barão Geraldo, Carlos nos diz que não tem o hábito de ir até lá, pois mora longe, mas antes da mudança sempre comparecia para beber com amigos. Seu **Lugar de Trabalho** está condicionado à Biblioteca do IFCH, uma vez que assim como Luis, Carlos passa boa parte de seu dia estudando e escrevendo sua pesquisa lá.

Um adendo precisa ser feito, pois diferentemente de Luis, este imigrante possui um familiar em Campinas. O irmão de Carlos se mudou do Haiti para o Brasil há cerca de 5 anos e desde então permaneceu morando com o entrevistado. A possibilidade de dividir seu espaço com outro familiar foi determinante para que Carlos relacionasse o Jardim Florence com seu casulo protetor. Uma vez que além de ser o seu local de morada, o cotidiano com seu familiar e outros haitianos transformou aquele novo espaço em um centro

Outro lugar que Carlos nos relata ser de importância em sua vida é o estádio de futebol (**Lugar de Encontros**) localizado no bairro Ponte Preta, é neste espaço que o haitiano trabalha como árbitro das partidas, porém não há um vínculo empregatício com esse lugar. Carlos diz que seu trabalho como árbitro ocorre mais pela diversão e pelos encontros com colegas de esporte.

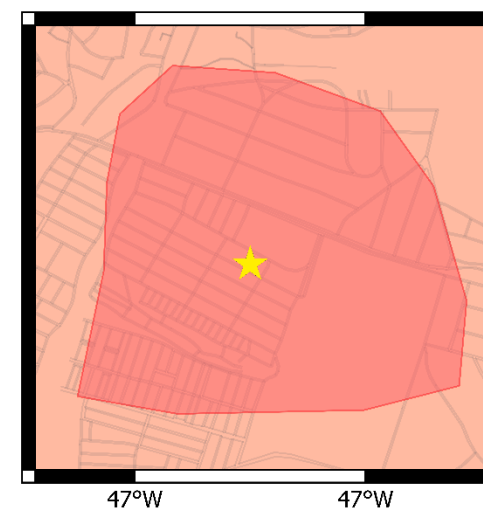
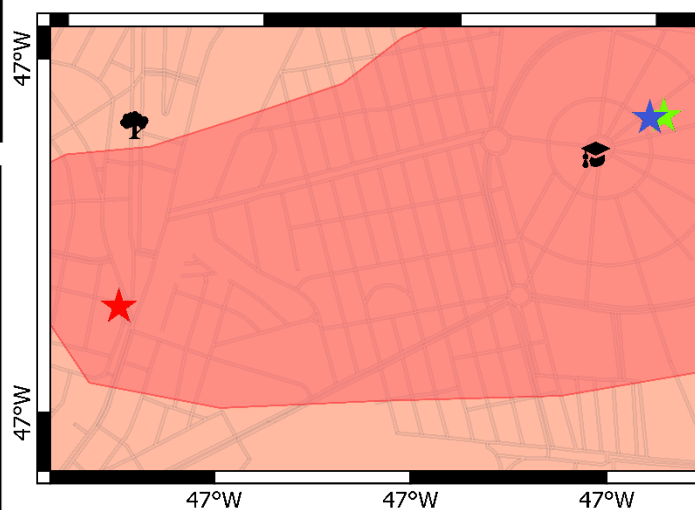
Espaços de vida de Carlos em Campinas



Elaboração: Nícolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



Área ampliada



Desta forma, seu território vivido se estabelece através de dois pontos na cidade de Campinas. Primeiro: temos o distrito de Barão Geraldo, lugar que viveu por anos a fio até se mudar por conta de sua pesquisa, mas que mantém convívio, uma vez que sempre vai à Unicamp para escrever e trabalhar. Segundo: o Jardim Florence, bairro onde mora atualmente e que realiza suas pesquisas com haitianas, bem como convive com outros imigrantes no Brasil.

Felipe possui uma dinâmica de vida diferente dos demais entrevistados. Vindo de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo no ano de 2018, Felipe se estabeleceu primeiramente em Belém, capital do estado do Pará na região Norte do Brasil.

Seu principal motivador foram os estudos, Felipe conta que seu principal sonho é se tornar doutor em Nutrição, desta forma ele iniciou seus estudos em seu país de origem, contudo quando surgiu a oportunidade de estudar em território brasileiro migrou para aqui. Em Belém, Felipe se encontrou, fazemos essa afirmação pois o congolês ao narrar suas experiências na capital paraense a faz com saudades de pertencer naquele espaço.

Felipe revela que apesar de possuírem culturas distintas, Belém e Kinshasa são mais semelhantes que diferentes. Fato que pode ser evidenciado pelas características físicas de ambas as cidades, as duas se encontram próximas à Linha do Equador e possuem um clima extremamente parecido, “a minha cidade tem muitas árvores, Belém também” (Felipe).

“O Pará, a cidade Belém, pra mim é uma das mais lindas cidades que eu já morei, lá não tem isso de prédio em todo canto [se refere à Campinas], lá tem mais natureza, árvore, tem tipo isso, eu já gosto disso e quando eu cheguei falei: ‘caramba, era isso que eu queria’” – Felipe.

Esta relação construída com Belém não se bastou pelas características físicas de ambas as cidades, Felipe relata que a maneira com que as pessoas se cumprimentam nas ruas em Belém acontece da mesma forma que Kinshasa, o que é

diferente em Campinas. Como informado anteriormente, seu deslocamento para Campinas se iniciou em 2022 e foi feito através de uma rede de contatos virtuais de congoleses.

Felipe pode ser relacionado com uma pessoa que não possui um **Lugar do Casulo Protetor**, visto que uma problemática surgiu ao migrar de Belém para Campinas. O congolês nos conta que sua decisão de vir para o interior de São Paulo foi motivado inteiramente pela possibilidade de cursar a pós-graduação na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) em Limeira ou na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) em Campinas; porém como Felipe não participou do processo seletivo para a pós-graduação nestas faculdades, não teria o direito de pleitear uma vaga na Moradia Estudantil em Campinas.

Sua viagem para Campinas já era certa, já havia estabelecido contatos com outros migrantes que lá se encontravam, mas não sabia que para conseguir uma vaga na Moradia era necessário ser aluno da Unicamp. Portanto, Felipe recorreu à sua rede de contatos e se estabeleceu de forma irregular no local. Em primeiro momento, sua estadia se dá em uma das casas em que João (o outro congolês desta pesquisa) possuía amizades. Essa problemática da falta de habitação se repetiu a partir do momento em que Felipe se vê na necessidade de sair desta casa e vem para a casa em que o autor desta pesquisa morava.

Ao relacionarmos Felipe com a falta do **Lugar do Casulo Protetor**, é no sentido do enraizamento com o lugar, o vínculo com outras pessoas ou familiares que sejam comuns para ele. Contudo, Felipe revela que a Moradia Estudantil se transformou em seu casulo protetor pelo cotidiano em nossa residência, onde pôde criar o apego com este lugar e as pessoas ali residentes. João, o outro congolês que convivia na mesma casa se mudou antes da chegada de Felipe, desta forma o imigrante se viu na situação de criar conexões com pessoas estranhas do zero. Contudo, nossa decisão de relacionar a Moradia Estudantil com o casulo protetor tem como principal fundamento a ideia original de Giddens (2002), onde o casulo protetor é aquele lugar que lhe confere a segurança necessária para viver.

Há um distanciamento nas relações que Felipe criou em Campinas, em nossa conversa ele relata que seus vínculos são mais fortes em Belém, uma vez que passou mais tempo na cidade e teve diversas experiências por lá, como aprender a

língua portuguesa, cursar a faculdade de Nutrição e fazer amigos conforme sua vida acontecia.

A figura 4.8 demonstra os lugares ocupados por Felipe em seu cotidiano, seus espaços de vida são determinados por uma curta distância de deslocamento, uma vez que o congolês mora na Moradia Estudantil (**Lugar do Casulo Protetor**) e trabalha no mercado Dia em Barão Geraldo (**Lugar de Trabalho**). O imigrante realiza este trajeto cotidiano através do ônibus.

Ao se fixar em Campinas, Felipe criou um pequeno conjunto de espaços de vida. Ele relata que por ser novo na cidade não conhece praticamente nada e que possui uma amiga que se encarrega de mostrar pontos turísticos do município de Campinas. Todavia, ele não depende totalmente dela: “às vezes eu saio, eu não sou de sair de noite, você já percebeu, eu saio de dia. [...] Então eu passeio, eu já me perdi muito também, porque não fazia ideia de como voltar, eu fui em um canto e fiquei perdido, tive que ‘chamar’ um Uber senão não voltava, mas eu saio assim pra passear e curtir” (Felipe).

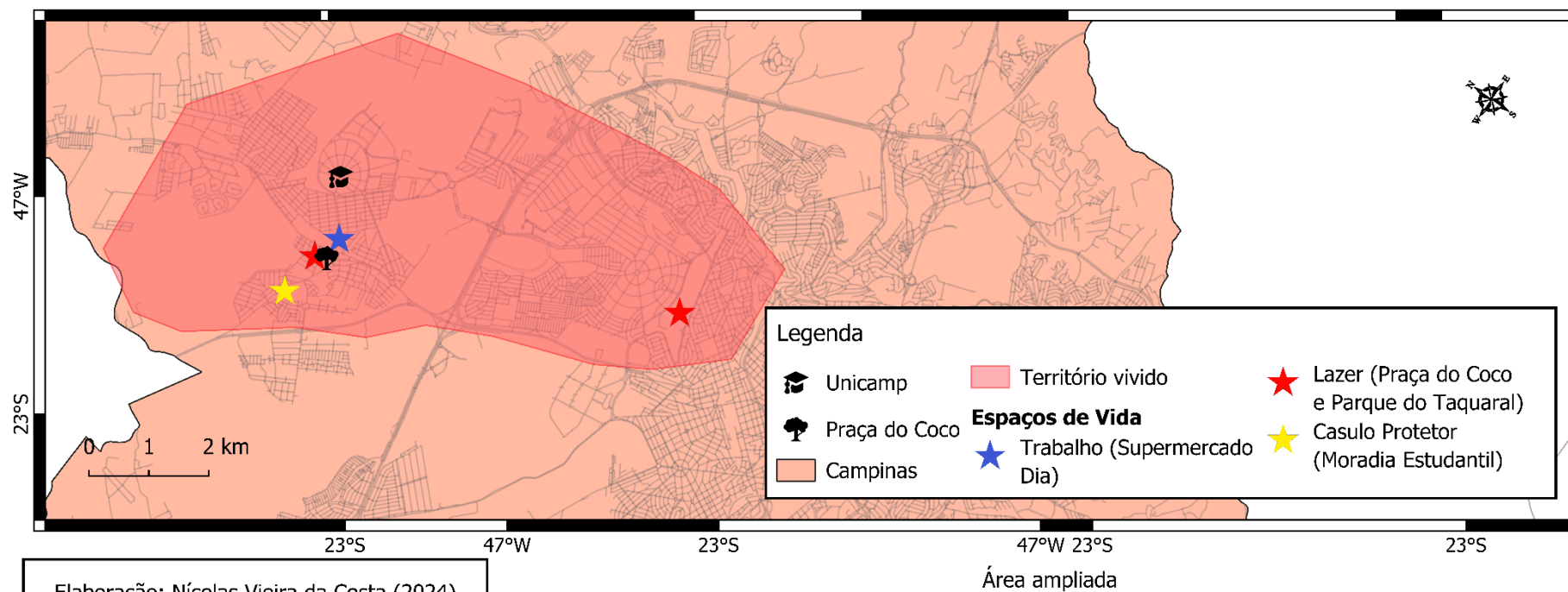
Estes passeios que Felipe faz pela cidade não ocorrem de forma constante em um lugar fixo, assim como outros imigrantes, ele vai aos parques, sobretudo os que são próximos de Barão Geraldo, como o Parque do Taquaral e até mesmo a Praça José Barbutti (Praça do Coco) no distrito. Felipe afirma que não tem o costume de sair nos períodos noturnos em Campinas, ao questionar o motivo ele nos relata a falta de segurança como principal questão.

Para João, o migrar aconteceu de forma semelhante ao de Felipe, o congolês, também natural de Kinshasa, veio ao Brasil para estudar. Já não bastasse a situação de migrar e se estabelecer em um outro lugar, João nos conta que enfrentou outra dificuldade: a pandemia de COVID-19.

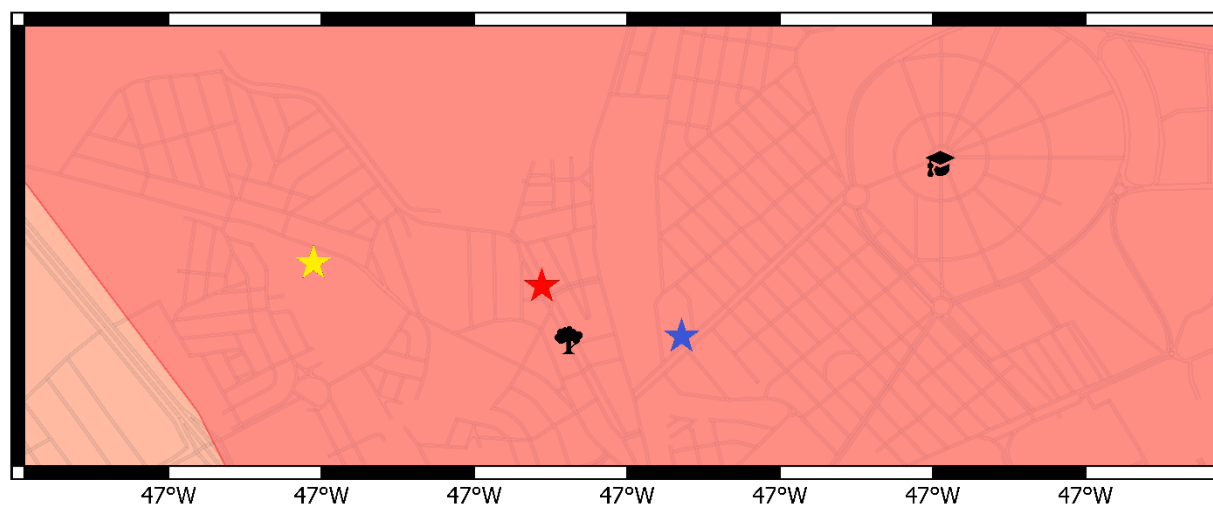
Ele relata que chegou ao Brasil meses antes do início da pandemia, sua primeira parada foi em Brasília, capital do país e cidade onde seu pai mora com uma nova esposa e filhos. Seu deslocamento no Distrito Federal era extremamente limitado, visto que o país estava com *lockdown*¹⁹ determinado em diversos locais.

¹⁹ Lockdown se refere ao bloqueio total do trânsito de pessoas e mercadorias em um determinado lugar, servindo de medida preventiva para controle e desaceleração de propagação de doenças infectocontagiosas.

Espaços de vida de Felipe em Campinas



Elaboração: Nicolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



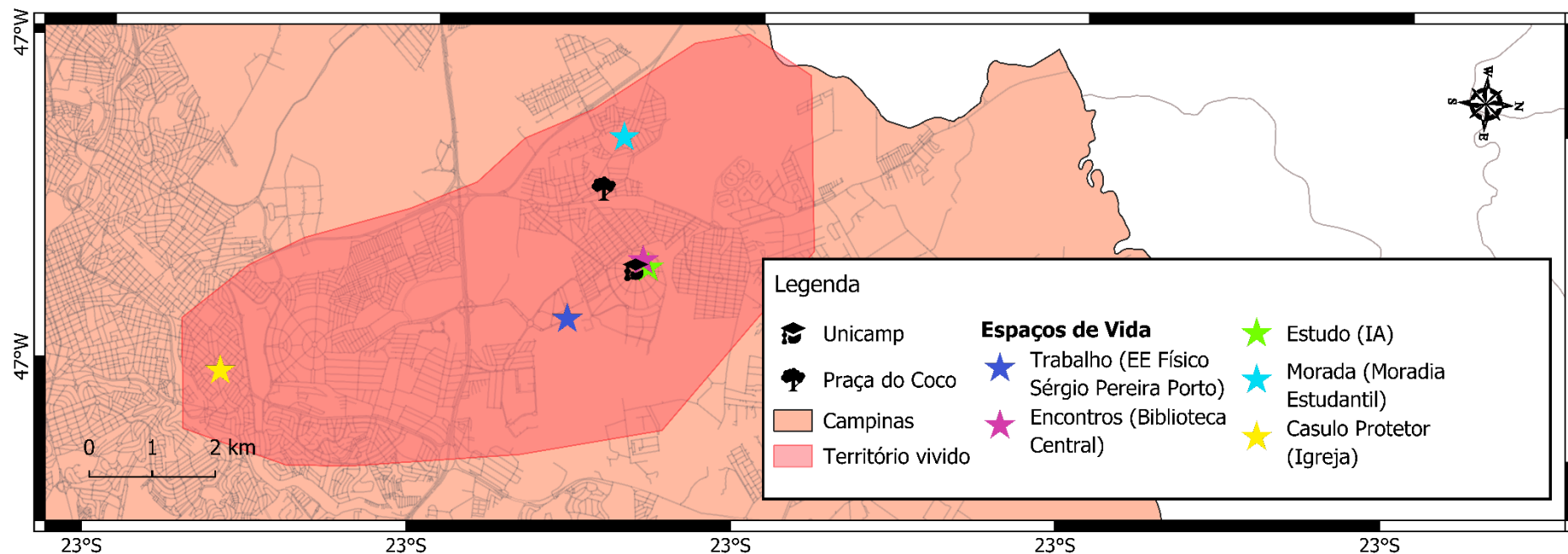
“Era tranquilo morar lá [em Brasília], no ponto de vista de ter onde morar, de comer e de se locomover pouco, [...] eu morava com meu pai, então eu não trabalhei e nem precisei trabalhar, eu cheguei em novembro e em março começou a pandemia, então fiquei praticamente todo o tempo em casa porque meu pai tava lá, então a vivência foi menos rude, porque tinha alguém para me apoiar, eu não falava português, meu pai me auxiliava e pagava aulas, então fiz aulas de português, nesse sentido tava legal, só o fato que não foi tão familiar eu morar com ele, porque ele já tem outra família, isso que foi o conflito e o atrito, não posso falar que eu vivi tanto em Brasília porque eu tava o tempo inteiro dentro de casa, [...] a única rotina que eu tinha era ir para a igreja perto de casa, ia todo o domingo” – João.

João se mudou para Campinas em 2021, ao ser aprovado no curso de Música no IA. Seu cotidiano na cidade é baseado na vivência dentro da Unicamp, assim seu deslocamento se faz da Moradia Estudantil para a Unicamp, da Unicamp para a Moradia Estudantil. A figura 4.9 ilustra seus espaços de vida dentro do município.

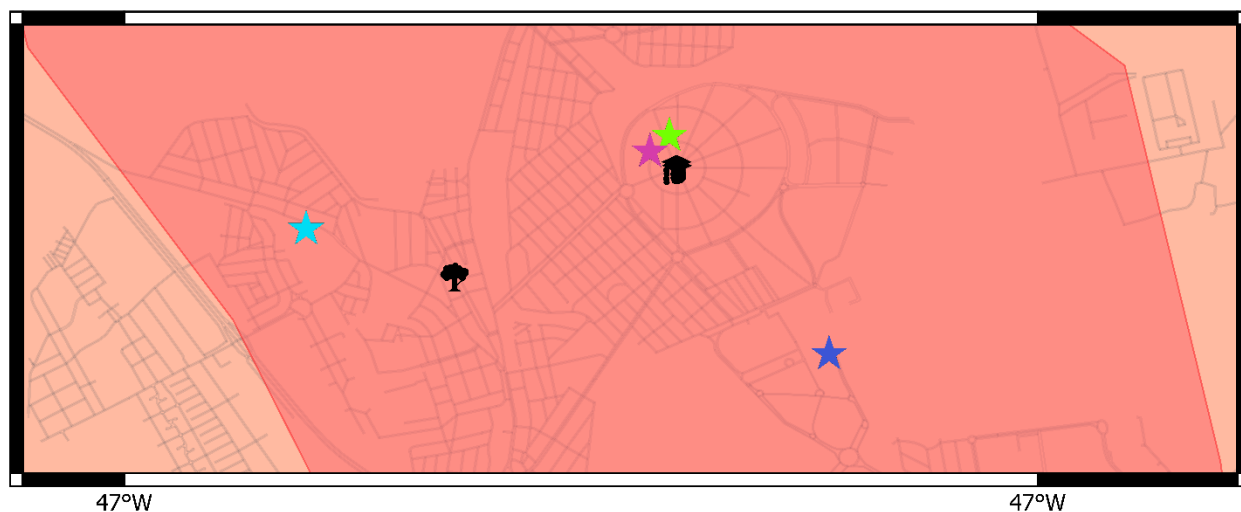
Um ponto de interesse para nós é que o congolês tem a igreja como principal espaço de vida. A igreja neopentecostal brasileira se chama Bola de Neve no bairro Taquaral, e possui uma estrutura diferenciada em seus cultos, com músicas alegres e ritmos que remetem ao EDM (*Eletronic Dance Music*), este espaço tem conquistado a população jovem que não se identifica com os preceitos conservadores das demais igrejas.

João possui a igreja como o **Lugar do Casulo Protetor**, uma vez que seu vínculo de maior aprofundamento está dentro deste lugar, consequência direta da sua forma de se relacionar com a fé e de suas amizades conquistadas em Campinas. O congolês diz que em Kinshasa sua vida estava ao redor de sua família e de sua igreja, e que apesar de não ir à mesma igreja que tinha hábito desde jovem, segue os preceitos da sua fé na atual comunidade religiosa.

Espaços de vida de João em Campinas



Elaboração: Nícolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



“Eu cresci na igreja, então acho que em muitos lugares que tem a igreja é mais fácil de se adaptar, porque é um lugar que onde eu sempre estive, esse [Igreja Bola de Neve] particularmente desde o início, eu não conhecia ninguém, mas eu sentia que fazia parte, porque é a pregação, coisas que você já tem convívio desde que nasceu. Hoje é mais forte ainda, porque não é só isso, mas as pessoas que também estão lá fazem parte de mim, é difícil falar da minha vida no Brasil, sem falar de alguns deles” – João.

Em nossa conversa João relata que sua vida está em volta de três lugares principais: a Moradia Estudantil (**Lugar de Morada**), o Instituto de Artes (**Lugar de Estudo**) e a igreja. Quando questionado sobre como era sua vivência na Unicamp, o congolês revela que além de estudar, ele também é professor de musicalização na Escola Estadual Físico Sérgio Pereira Porto (**Lugar de Trabalho**), localizada na Cidade Universitária e que recebe alunos da graduação para o período de estágio obrigatório.

Essa dinâmica enquanto professor se mostrou como uma potência na vida de João, a ponto de a escola se transformar em um dos dois lugares de maior importância em sua vida.

“eu não sabia como dar aula, mas hoje eu saio de lá com o sentimento de alguém que fez algo na vida, porque eu saio de lá com todas as crianças me dando tchau e gritando meu nome. [...] Eu tô fazendo algo de relevante na vida dessas crianças, elas estão sendo afetadas positivamente e isso me alegra. [...] O outro lugar é a igreja, mas também porque eu cresci na igreja” – João.

Ao relacionarmos os demais espaços de vida de João, percebemos que há um outro ponto dentro da própria Unicamp que é relatado pelo congolês: a Biblioteca Central César Lattes. Localizada em frente à Praça Central da Unicamp, a biblioteca é um **Lugar de Encontros** de João, além da utilização do espaço para estudos, o

congolês se reúne com amigos e grupos de jovens da mesma religião para realizar reuniões e pequenas pregações.

Portanto, ao vermos como se dão os espaços de vida de João fica claro que a escola onde é professor se caracteriza como **Lugar de Trabalho**; a Moradia Estudantil é seu **Lugar de Morada**, a igreja é o seu **Lugar do Casulo Protetor**; o IA é seu **Lugar de Estudo**, uma vez que o congolês ainda se encontra em formação; e a Biblioteca Central César Lattes é seu **Lugar de Encontros**. Portanto, seu território cotidiano está condicionado à Barão Geraldo, apesar de suas idas dominicais aos cultos na Bola de Neve, sua mobilidade é realizada predominantemente da Moradia para a universidade, vice e versa.

Maria é uma das migrantes internacionais que veio para Campinas pela Unicamp, estudante de pós-graduação do IB a boliviana veio ao Brasil em 2020. Apesar de estar em Campinas há quase cinco anos, sua mobilidade está condicionada à universidade e tudo o que acontece ao seu redor, algo que também ocorre fortemente no cotidiano de Luis.

Em sua mudança para o Brasil, a boliviana tomou como decisão residir apenas em repúblicas estudantis, estas que são casas que abrigam diversos moradores de diferentes cursos e universidades com o objetivo de diminuir o custo de vida elevado dos locais próximos às universidades. Maria nos relata que essa decisão se guiou pela vontade de aprender mais sobre a cultura brasileira e auxiliasse na compreensão da Língua Portuguesa.

Assim sendo, como primeiro ponto de interesse no território vivido de Maria se encontra a República dos Franceses (**Lugar do Casulo Protetor**). Esta casa serviu de moradia para Maria durante os anos de 2020 a 2023 e para além da boliviana, a república possuía a fama de receber imigrantes que chegavam a Barão Geraldo com o intuito de estudar ou realizar o intercâmbio acadêmico. Desta forma, a convivência com as diferentes culturas influenciou no enraizamento de Maria com o lugar.

Precisamos nos adentrar ainda mais neste lugar que Maria ocupou por cerca de 3 anos. A República dos Franceses surgiu no ano de 2003 e teve seu encerramento em 2024, além de abrigar estudantes da Unicamp, foi o local de encontro das mais diversas pessoas nas festas que ocorriam esporadicamente. Conheci Maria em uma dessas festas, ela trabalhava como DJ tocando *reggaeton*, ritmo musical

extremamente famoso na América Latina. Assim como a boliviana viveu este lugar e criou memórias, o autor também o vivenciou, hoje para além da camada de Lugar do Casulo Protetor, a República dos Franceses se transformou em um **Lugar da Memória**.

A figura 4.10 mostra os espaços de vida ocupados por Maria, assim como acontece com Felipe, a boliviana não possui um deslocamento de grandes escalas dentro da cidade de Campinas, como demonstrado em seu território vivido. Maria trabalha todos as noites e aos finais de semana em um restaurante de comida peruana chamado Salsa (**Lugar de Trabalho**) e localizado a cerca de 15 minutos andando e 1,4 km de distância.

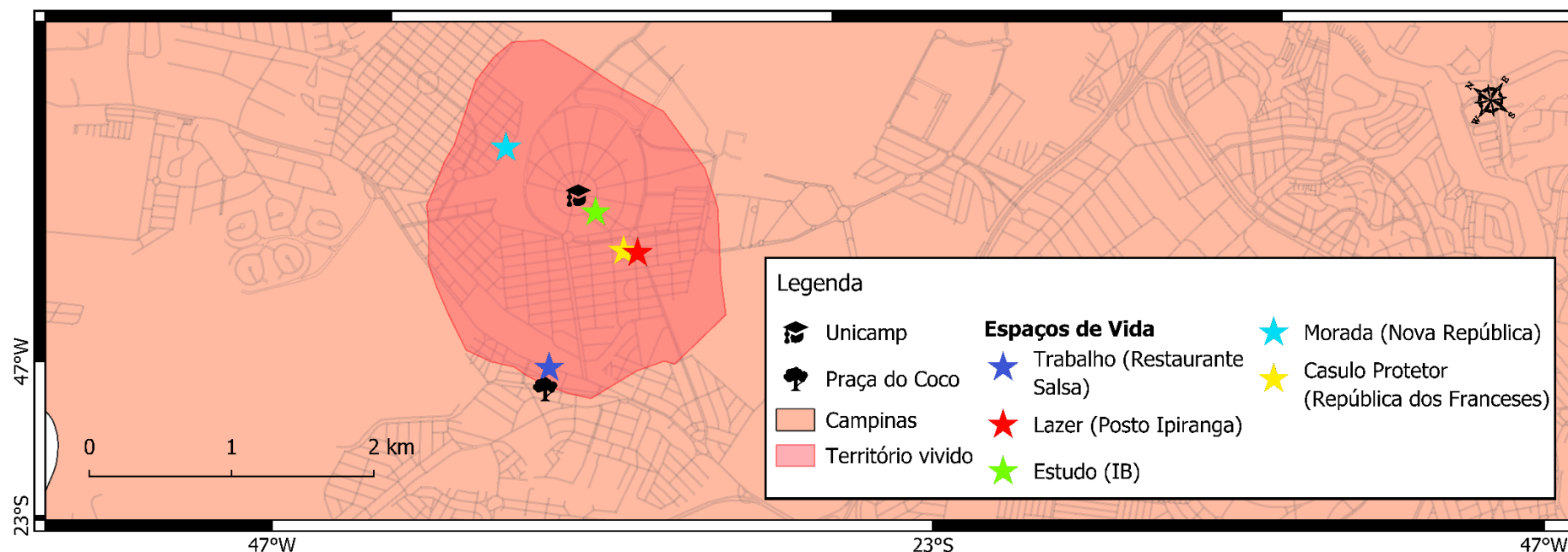
Além dos lugares de trabalho e do casulo protetor, Maria possui alguns outros pontos de interesse que mapeamos. Seu **Lugar de Lazer** se relaciona pelas idas ao Posto Ipiranga para beber com os amigos, localizado na Avenida Doutor Romeu Tortima e que fica a 2 minutos de distância da localização da República dos Franceses.

Já o Instituto de Biologia é o seu **Lugar de Estudo**, visto que Maria utiliza os laboratórios para realizar suas pesquisas e experimentos da Tese de Doutorado. Maria informa que a decisão pela saída da República dos Franceses aconteceu em 2023, antes mesmo do lugar encerrar sua funcionalidade, hoje, a boliviana é residente de uma nova república (**Lugar de Morada**), esta que não possui nome, mas que cumpre com o seu principal papel: servir de morada.

Portanto, a partir das entrevistas realizadas com os imigrantes conseguimos relacionar alguns pontos interessantes: o papel de Barão Geraldo como eixo central da vida de todos eles e a mobilidade reduzida destas pessoas no território vivido, através dessas afirmações conseguimos gerar um mapeamento dos Espaços de Vida de todos os migrantes entrevistados em Campinas (Figura 4.11).

Primeiramente abordaremos a questão de Barão Geraldo como eixo central da vida destes imigrantes. Como informamos anteriormente, utilizar as experiências e trajetórias de imigrantes que eram e são estudantes da Unicamp não era um motivador desta pesquisa. Portanto, nosso foco norteador se bastava nas experiências de imigrantes, especialmente os haitianos dentro de Campinas, para que pudéssemos relacioná-los com os espaços ocupados e suas vulnerabilidades.

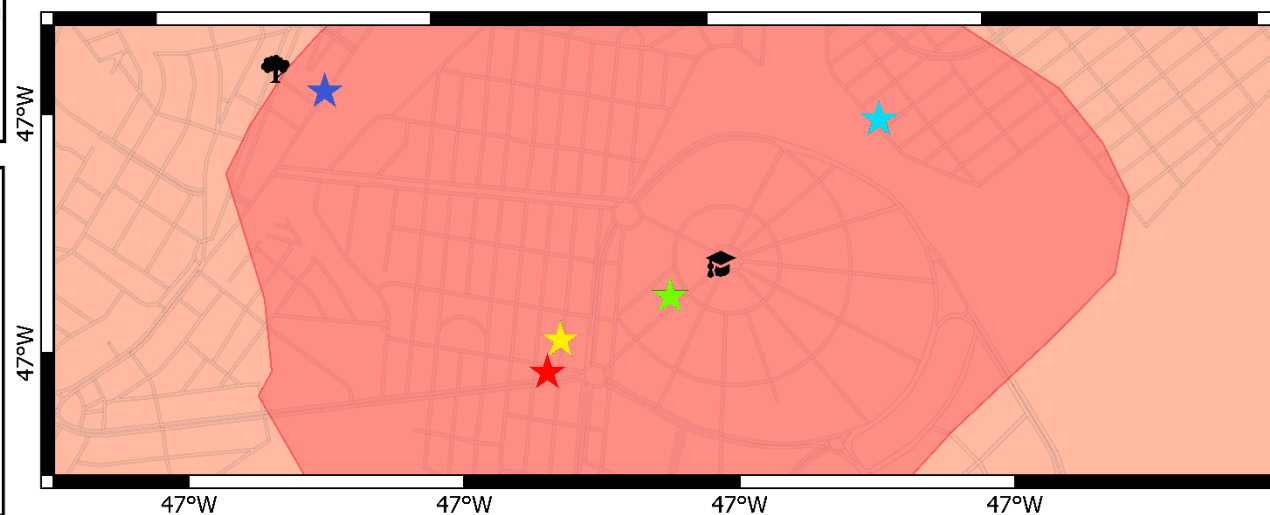
Espaços de vida de Maria em Campinas



Elaboração: Nícolas Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



Área ampliada



Contudo, a dificuldade em manter o contato com estes imigrantes fez com que a pesquisa tomasse novos rumos. Percebe-se que mesmo com os haitianos que não possuíam um vínculo direto com a Unicamp, Barão Geraldo ainda mantém uma centralidade nas relações entre estas pessoas. Não sabíamos que a família de Marcos frequentava os cultos da igreja em Barão Geraldo, assim como que moravam no distrito anteriormente.

Já no que diz respeito aos demais imigrantes que se encontram como estudantes de graduação e pós-graduação na Unicamp, Barão Geraldo funciona como uma espécie de bolha. Suas vidas, mobilidades, acontecimentos, estudos, lazer, relações estão todas praticamente vinculadas a Barão Geraldo, demonstrando o poder de atração que o distrito possui.

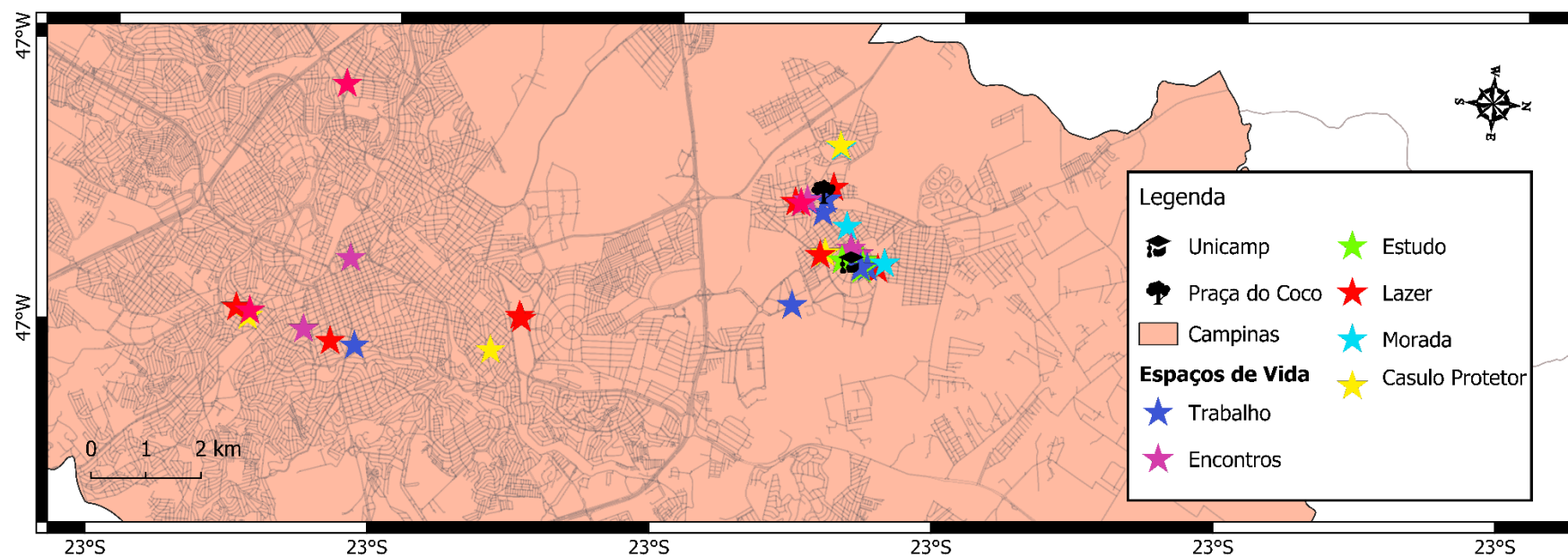
Barão Geraldo é uma bolha, vive por conta própria dentro de uma metrópole incansável. Todavia, essa bolha não deveria influenciar diretamente na vivência dos imigrantes dentro do restante de Campinas, por qual motivo a mobilidade destas pessoas se configura desta forma? Vimos que o território vivido destes imigrantes está condicionado não apenas ao eixo Unicamp – Moradia – Unicamp, como também é o mesmo demonstrado por Marcos e Rita em que eles realizam a mobilidade caracterizada por Casa – Trabalho – Casa.

Apresentamos no primeiro capítulo um conceito que nos será relevante para o último capítulo desta dissertação: o **xenorracismo**. O fato destas pessoas serem imigrantes as mantém em uma relação com a xenofobia, aspecto tão presente não apenas na vivência de imigrantes dentro da realidade brasileira, como também nos demais países.

Buscávamos compreender se a nacionalidade influenciava na mobilidade dos imigrantes dentro de Campinas, e a resposta rápida para esta dúvida é que sim, a nacionalidade influencia, visto que a xenofobia está presente na estrutura social brasileira que foi gerada pela colonização portuguesa.

Todavia, um outro aspecto surgiu na vivência dos imigrantes dentro do Brasil, sendo ele o racismo. Partimos desta problemática para conduzir nossa escrita para uma última reflexão acerca da mobilidade reduzida destas pessoas dentro de Campinas e para trazer à luz suas falas sobre uma questão problemática no Brasil: o racismo estrutural.

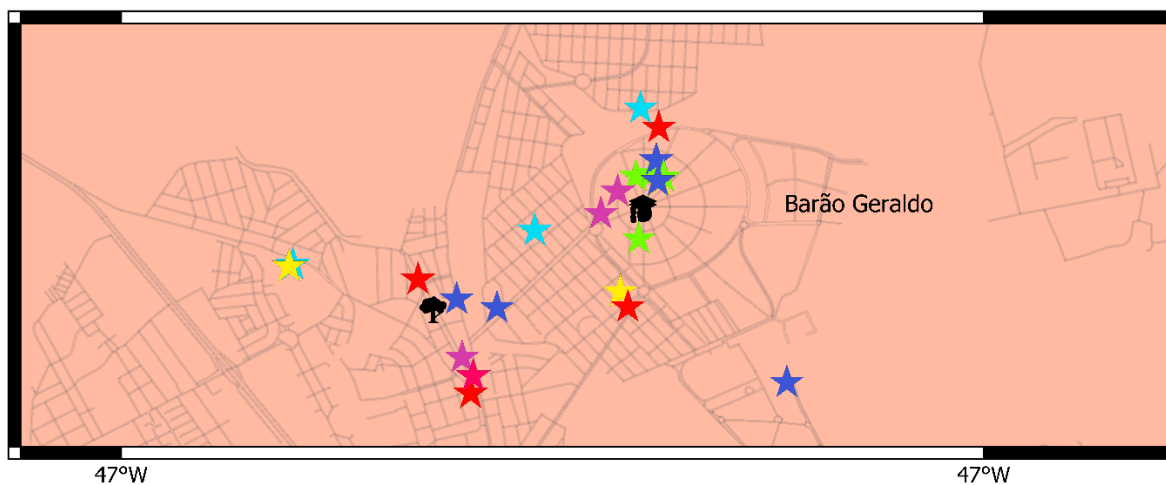
Espaços de vida em Campinas



Elaboração: Nicolás Vieira da Costa (2024)
 Fonte de dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum: SIRGAS 2000



Área ampliada



**VIOLÊNCIA HERDADA: O
XENORRACISMO COMO
CONDUTOR DAS
EXPERIÊNCIAS**

*“É necessário preservar o
avesso, você me disse.
Preservar aquilo que ninguém
vê. Porque não demora muito e
a cor da pele atravessa nosso
corpo e determina nosso modo
de estar no mundo. E por mais
que sua vida seja medida pela
cor, por mais que suas atitudes
e modos de viver estejam sob
esse domínio, você, de alguma
forma, tem de preservar algo
que não se encaixa nisso,
entende? Pois entre músculos,
órgãos e veias existe um lugar
só seu, isolado e único. E é
nesse lugar que estão os afetos.
E são esses afetos que nos
mantêm vivos.”*

***O Averso da Pele –
Jeferson Tenório***

O último capítulo visa trazer à tona as discussões acerca do xenorracismo no contexto brasileiro, sobretudo através das experiências dos participantes desta pesquisa. É necessário elucidar que em momento algum faremos uma discussão aprofundada sobre a racialidade dentro da estrutura social, contudo é nosso objetivo esclarecer alguns pontos sobre essa temática para que possamos compreender como se deram os espaços de vida dos migrantes, bem como seu território vivido.

Temos em mente que o Brasil, para além das concepções de país emergente é uma nação que nasce da violência da colonização europeia, sendo assim se estrutura em um ideal étnico-racial da exclusão. Ao afirmarmos este ponto sobre a exclusão, é necessário que se faça uma relação que se dá através de denominadores comuns entre países colonizados, como as características sociais, econômicas, étnico-raciais e territoriais.

Dentro de uma análise espacial, o racismo detém um papel que fortalece essa exclusão. Um dos exemplos mais claros é o surgimento das favelas cariocas que se estabeleceram como o lugar da população negra pós-escravidão, uma vez que os ex-

escravos não possuíam seu lugar de morada/casulo protetor, portanto ocuparam os lugares indesejados pela elite carioca.

Analisar que esta violência se baseia em uma estrutura colonial faz com que se possa conceber a noção de que a xenofobia e o racismo possuem uma relação, são faces da mesma moeda de um ideal de sociedade colonizada nos moldes europeus. Contudo, esta moeda não está posta para ser jogada em uma partida de cara ou coroa, ela está sempre girando em torno de seu próprio eixo, pronta para pender de ambos os lados.

Carneiro (2011, p. 16) relata que o pensamento acadêmico brasileiro possui um longo histórico nas pesquisas sobre problemática racial, contudo, estes postergam o reconhecimento das práticas discriminatórias da estrutura étnico-racial brasileira. Esta tendência brasileira segue o caminho das sociedades ocidentalizadas, onde se há um apagamento da racialidade.

O filósofo Charles Mills em sua obra “O Contrato Racial” (2023) trabalha com a afirmação de que o sistema político vigente, especialmente aquele que advém dos países ocidentais é o da supremacia branca. Para o autor (Mills, 2023, p. 35) o contrato social é uma noção que mantém a vigência de um ordenamento social que prevalece a branquitude, através de suas cordas invisíveis este contrato estabelece o que deve ser seguido e o que deve ser mantido por debaixo dos panos. Mills (2023, p. 36) descreve então um “contrato racial” que

pretende ser uma ponte conceitual entre duas áreas que estão segregadas demais uma da outra: por um lado, o mundo das correntes dominantes (isto é, brancas) da ética e da filosofia política, preocupadas com as discussões de justiça e direitos em abstrato, e, por outro lado, o mundo do pensamento político do nativo americano, afro-americano e terceiro e quarto-mundista, historicamente focado em questões de conquista, imperialismo, colonialismo, povoamento branco, direito à terra, raça e racismo, escravidão, *jim crow*, reparação, apartheid, autenticidade cultural, identidade nacional, *indigenismo*, afrocentrismo etc.

Carneiro (2023) em sua obra “Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser” constrói uma análise fundamentada na noção de contrato racial de Mills (2023), para a autora é a ideia do contrato social que embasa toda uma supremacia branca no cotidiano das sociedades. Utilizando a

concepção de dispositivo de Foucault, Carneiro (2023) impulsiona este contrato para as bases de poder que delimitam a forma de agir e pensar do ser humano.

Assim, a domesticação do negro surge como uma força onipresente na estrutura social brasileira, como ocorre nos países colonizadores e colonizados do Sul Global. Gonzalez (2019, p. 31) diz que duas noções contribuem para compreender como esta domesticação e supremacia branca funcionam na sociedade brasileira, sendo elas a **consciência** e a **memória**.

Como consciência, a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. A consciência exclui o que a memória inclui (Gonzalez, 2019, p. 31-32).

Para Gonzalez (2019) a democracia racial é um mito, principalmente no que se refere ao Brasil. Apesar de ser um país com população predominantemente negra, a racialidade é encarada como um problema a ser enfrentado, ou seja, o interesse em manter o *status quo* da supremacia branca prevalece dentro da estrutura social brasileira. Este mito da democracia racial esconderia em suas entranhas as relações de poder e de domesticação do negro na sociedade brasileira (Gonzalez, 2019).

Correlacionando a ideia de Gonzalez (2019) com Bento (2022) temos o que é determinado por pacto da branquitude. Bento (2022, p. 18) associa a noção deste *status quo* da supremacia branca com uma ideia embasada no pacto narcisístico, para ela “esse pacto da branquitude possui um componente narcisístico, de autopreservação, como se o ‘diferente’ ameaçasse o ‘normal’, o ‘universal’”.

Gonzalez (1988, p. 72) ainda diz que o racismo desempenha um papel fundamental na organização e estruturação das colônias europeias, apresentando duas faces: exploração e opressão, segundo a autora suas diferenças se baseiam no que ela denomina por racismo aberto e racismo disfarçado. Portanto, a democracia racial, tão bem orquestrada pela estrutura social brasileira se torna falsa quando analisada através deste viés.

Seguiremos então para o que Fanon discute em suas obras “Os Condenados da Terra” (2022) e “Pele negra, máscaras brancas” (2017). Para Fanon (2017, 2022) a existência do negro na sociedade se fundamenta na violência, sendo ela física, política e social, o autor nos revela que a emancipação da população negra é baseada na violência, visto que é da violência colonial que o negro toma lugar na sociedade colonizada.

Para Fanon (2017), “o negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. O negro se comporta de modo diverso com um branco e com outro negro”. Estas dimensões características da sociedade colonial engendram a supremacia branca, para Fanon (2017) antes de tudo, o negro não decide agir desta maneira por vontade própria, ele se relaciona desta forma pela superestrutura em que se encontra, particularmente aqueles que estão em países dentro das Américas e do Caribe.

Portanto, o Ser negro nasce de uma espécie de proibição. Ao analisar a noção do *Weltanschauung*²⁰ Fanon (2017, p. 125) a considera como ineficaz, pois “A ontologia, quando se admite de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro já não precisa ser negro, mas precisa sê-lo diante do branco”, esta afirmação de Fanon remete às características atribuídas aos migrantes que só possuem sua razão de ser através da própria migração (Sayad, 1998).

Se o migrante nasce com o movimento migratório, o Ser negro se estabelece a partir do momento em que ele precisa confrontar as relações estabelecidas dentro de uma sociedade colonizada e que mantém uma supremacia branca como ordenamento social. Desta forma, migrar e se reconhecer como negro é se estabelecer dentro de uma realidade, vivenciar uma cultura e acima de tudo confrontar aqueles que não reconhecem sua existência.

Reconhecer a existência do migrante em um país estruturalmente racista parte de uma perspectiva de que a migração possui duas faces que se entrelaçam com a racialidade. Historicamente o Brasil é um país que recebeu e recebe imigrantes desde sua formação territorial, percebemos que a ocupação do território brasileiro acontece

²⁰ Conceito filosófico que relaciona as palavras *Welt* (mundo) e *Anschauung* (contemplação) e tem como significado “visão de mundo”.

através dos ciclos econômicos, como foi o caso dos portugueses e da diáspora africana com a cana-de-açúcar e a migração em massa de italianos e espanhóis pós-escravatura, estes últimos que migram para trabalhar em lavouras de café, mas acima de tudo para embranquecer a população brasileira.

O que relacionamos acima é que a migração internacional no Brasil se fundamenta em dois tipos de migrantes: os desejados e os indesejados. Quem são esses migrantes desejados? Nada mais que a mesma população visada durante o período cafeeiro do Brasil, ou seja, a população branca, europeia e estadunidense; assim, os migrantes desejados são vistos através de sua nacionalidade.

Já os migrantes indesejados são aqueles que se vinculam à racialidade, independentemente de sua nacionalidade. A alteridade do corpo negro se fundamenta nessa noção, pois antes de ser um imigrante aquela pessoa é negra e carrega consigo todas as características que são desprezadas em uma sociedade que coloca essa população em uma marginalidade social.

Portanto, pensar nessa estrutura étnico-racial nos leva para as vivências dos imigrantes participantes da pesquisa. Para que possamos compreender como a mobilidade dos migrantes estão condicionadas através da racialidade apresentaremos a narração das experiências deles dentro do Brasil e em Campinas, entre os oito participantes, sete possuíam a pele negra e nos relataram momentos de xenorracismo vividos no cotidiano no Brasil.

O xenorracismo no cotidiano dos migrantes

Vivenciar o cotidiano em um país que possui uma estrutura étnico-racial violenta se reflete em atitudes de violência cotidiana. Afirmamos este ponto, pois através das entrevistas realizadas com os imigrantes da pesquisa, verificamos que a intolerância se fez presente em diversos momentos.

Relembramos ao leitor de que as entrevistas foram realizadas com perguntas semiestruturadas para que pudéssemos compreender como se deram os trajetos, motivadores e as experiências destas pessoas, logo, os dois últimos questionamentos que fazíamos para os participantes se refletiam em momentos de

preconceito que pudessem ter experienciado em território brasileiro, bem como seus desejos futuros sobre seu país de origem.

A decisão da escolha sobre esses dois últimos questionamentos que seriam feitos se embasa nas possibilidades de compreender como a nacionalidade possuía um impacto na vida destas pessoas. Todavia, a experiência partilhada pelos imigrantes não se bastava apenas na nacionalidade, a racialidade se evidenciava em suas falas.

Portanto, uma divisão entre as experiências destes migrantes foi feita, a primeira se baseia em falas sobre ser estrangeiro no Brasil e de como esses imigrantes se relacionam com isso; após, partiremos para a questão étnico-racial e nas formas que ela se revela no cotidiano destas pessoas.

Luis relata que não se sente como um estrangeiro onde ele mora, “me apropriado do espaço e me insiro dentro dele”. Sua experiência se relaciona diretamente com os espaços de vida que Luis possui dentro de Barão Geraldo, como demonstrado no capítulo acima, o imigrante revela que passa a maior parte de seu tempo dentro das bibliotecas e da própria Unicamp.

Da mesma forma que Luis, Carlos também informa que não se sente como um estrangeiro no Brasil, pois já está adaptado com o país, porém traz em suas palavras um contraponto:

“Às vezes sim, você vai se sentir como um estrangeiro, porque você é um estrangeiro, não só pelo jeito que você fala, mas também tem seu limite de coisas que quer fazer e não pode, você quer participar de algum concurso e não está naturalizado? Não pode. Tem coisas que te limitam e isso faz com que você se sinta um estrangeiro” – Carlos.

A limitação das possibilidades de um estrangeiro em outros países é um ponto em comum nas experiências de Carlos e da família haitiana. Suas experiências são compartilháveis a partir da fala de Lucas, o filho do casal. O jovem corrobora com a fala de Luis a partir do momento em que informa que ao chegar no Brasil encontrou seu pai em uma situação precária. Lucas diz que no Haiti sua família tinha uma boa

vida, seu pai possuía um cargo de relevância, contudo ao chegar no Brasil viu Marcos trabalhando como empacotador de um supermercado. Lucas inclusive reforça que aquele trabalho não era vergonhoso, mas era um choque para ele ver seu pai naquela realidade.

Apesar da fala de seu filho, Marcos e Rita contam que não se recordam de ter sofrido algum tipo de preconceito em relação à sua nacionalidade, mas que ela sempre está presente na fala de colegas, “como eu sou o Presidente da Associação de Haitianos, eles falam sobre isso comigo. Eu já trabalhei em restaurante e agora trabalho em uma padaria bem rica no Cambuí, nunca aconteceu isso. Mas sim, em qualquer lugar que eu fique [por muito tempo] vão saber que eu sou estrangeiro” (Marcos).

Lucas traz outro ponto interessante para a análise, o haitiano conta que não sofreu preconceito e que as pessoas o trataram de uma forma melhor ao descobrirem sua nacionalidade. O jovem atribui isso à curiosidade do brasileiro com as diferentes culturas “porque eu falo dois idiomas, então acabo chamando mais a atenção, as pessoas chegam mais curiosas” (Lucas). A condição de vir ao Brasil extremamente novo fez com que Lucas estabelecesse melhores relações com outros jovens brasileiros, para ele “por ter bastante colegas no Brasil e acabar vivendo metade da adolescência aqui, há uma identificação” (Lucas).

Ao relatar sobre essas experiências e como a escola foi um facilitador da criação de vínculos dentro de Campinas, Lucas conta que apesar de tudo ele se sente um estrangeiro, “porque sou um estrangeiro”. A casa tem um papel fundamental como o centro gravitacional para Lucas.

“Quando eu entro dentro de casa o que permanece lá na rua tem uma cultura [diferente], por exemplo o meu irmão, lá na escola ele é uma coisa [pessoa], aqui em casa a cultura é a mesma do Haiti, é a mesma coisa de estar no Haiti” – Lucas.

João traz experiências que são compartilhadas com as de Lucas. O congolês também conta do interesse dos brasileiros pela diferente nacionalidade, para ele “a

pessoa não julga você pela nacionalidade, ela quer conhecer você, ela se interessa, quer saber como é, quer saber a língua. Então, às vezes tudo não passa de uma conversa, eu vou em um lugar que não conheço e que ninguém me conhece e isso é uma parte muito legal do Brasil, sabe? É muito acolhedor, não é tipo: ‘você é estrangeiro’ num tom negativo” (João). Ele ainda conta que diferentemente de seu país de origem, “as pessoas aqui têm o costume de chamar de amigo, abraçam, isso é muito diferente” (João).

Diferentemente dos outros participantes, Maria diz que sofreu situações de preconceito contra sua nacionalidade em dois momentos aqui no Brasil. Maria conta que o primeiro foi na cidade de São Paulo, estava com amigos brasileiros em um festival e todos foram conversas com um segurança, a boliviana diz que a partir que ela falou e o homem escutou seu sotaque começou a agir de forma grosseira. O outro momento se deu e uma viagem.

“Um policial, a gente foi para o Petar²¹ e aí ele perguntou de onde eu era, falei que era da Bolívia e ele fez um comentário tipo: ‘os bolivianos ficam matando os jaguares²²’, coisa assim, eu falei que tinham brasileiros na fronteira fazendo isso” – Maria.

Felipe conta que a xenofobia faz parte do cotidiano dos imigrantes no Brasil. Ao chegar em Belém, suas primeiras experiências com o lugar não se mostraram tranquilas e acolhedoras: “Parece que naquele lugar, naquele momento, você não é bem-vindo, você pensa ‘poxa, porque eu vim parar aqui?’ [...] Isso aconteceu onde eu morava em Belém, eu me senti que não era bem-vindo naquele lugar, naquela vizinhança e resolvi mudar por causa disso.” (Felipe).

Sua experiência no Pará o fez perder sua primeira residência, Felipe relata que morava em uma kitnet próxima à Universidade Federal do Pará (UFPA), mas suas vizinhas o tratavam de forma preconceituosa e isso se intensificou após revelar que era

²¹ Petar é o Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira. De acordo com o site informativo sobre o parque, ele é considerado uma das Unidades de Conservação mais importantes do mundo.

²² Onça pintada.

um imigrante. “O pessoal começa a falar, parece que tá falando sobre você. Aí não me sentia bem e resolvi sair de lá e começar de novo em uma nova casa”.

Após relatar sobre a mudança de casa devido o tratamento de sua vizinhança, Felipe informa que sofreu o mesmo tipo de preconceito dentro da faculdade “isso acontece no dia a dia, na rua, dentro da universidade mesmo [...] Do preconceito de ser do Congo [RDC] e do racial mesmo, acontece na rua, assim, a gente finge que não, não viu e tal, mas você sabe que aconteceu” (Felipe).

A experiência de Felipe com relação à questão étnico-racial no Brasil e a universidade é correlacionado com o que Carlos diz que vivenciou dentro da Unicamp. Desde sua chegada, Carlos experienciou momentos que ele relaciona, em suas palavras, com o fato de “ser diferente”. O haitiano expõe que por diversas vezes se sentiu excluído em trabalhos da graduação e da própria sala de aula, sua crítica é orientada para professores que não sabiam como lidar com sua nacionalidade dentro da sala de aula, mantendo e reforçando as diferenças entre os brasileiros e os imigrantes que estavam presentes nas disciplinas.

“Eu lembrei que quando eu estava fazendo graduação e isso acabava acontecendo bastante, professores impediam os grupos de serem feitos, [...] desfaziam esses grupos de afinidade, porque senão a gente ia fazer o trabalho sozinho, se não formos incluídos acabamos fazendo sozinhos. O papel do professor é importante nesse momento, mas têm muitos que deixam a desejar.” – Felipe.

Os imigrantes ao contarem um pouco a respeito de suas experiências no Brasil as relacionaram com o racismo estrutural herdado pela colonização europeia. É fundamental que evidenciemos que os momentos de micro violências que esses imigrantes sofreram no país, conduzem sua percepção sobre os lugares e criam seus espaços de vida. Assim como a população negra brasileira, os imigrantes negros também sofrem com o racismo, “eu lembrei de quando a gente veio aqui em 2011, não tinham muitas pessoas negras [na Unicamp], só depois que veio uma quantidade enorme, porque o primeiro grupo que entrou aqui eram 42 pessoas, hoje já dá uma visibilidade, tem tantas pessoas, tem pessoas que perguntaram para mim e para os

meus colegas [imigrantes da Unicamp]: ‘o que vocês vieram fazer aqui? Estão trabalhando? Se estiver, não pode estar estudando’” (Carlos).

Esta barreira imposta pela impossibilidade de adentrar nos recintos de uma universidade se fortalece quando Carlos relata que foi abordado por policiais dentro de Barão Geraldo.

“Eu lembrei também de uma vez que a gente estava procurando uma casa em Barão, andando porque a gente não sabia do costume de procurar através daquelas empresas [imobiliárias], porque a gente estava morando na Moradia Estudantil, mas queríamos uma casa mais simples só para nós, aí de repente um policial chega lá porque ligaram, viram sete pessoas juntas, todas negras né, aí complica né?” – Carlos.

Luis revela que passou por racismo institucional em um momento dentro das dependências do Hospital das Clínicas da Unicamp. Em um período em que se encontrava doente o haitiano precisou dos serviços gratuitos, mas que assim que chegou ao balcão de atendimento, o atendente, um jovem negro preencheu sua ficha sem questionar a respeito de sua escolaridade. Quando foi assiná-la percebeu que uma marcação se encontrava na opção de Ensino Fundamental. Carlos já estava no doutorado.

João conta que passou por situações de racismo algumas vezes, “uma das vezes que foi muito marcante foi com um amigo que tenho aqui que é do Congo [RDC], ele tava doente e a gente foi pro hospital, pro pronto socorro, era onze horas da noite e saímos de lá para voltar, chamamos o Uber e ele chegou, parou bem na nossa frente e olhou com uma cara estranha, cancelou a viagem e foi embora” (João).

Já no que diz respeito ao trabalho, tanto João quanto Carlos contam sobre experiências de racismo. Dentro dos espaços de vida de Carlos existe o estádio de futebol como Lugar de Encontros,

“às vezes eu apito jogo de futebol e isso [racismo] é uma coisa que você vai encontrar todos os dias na arquibancada, torcedores gritando [palavras e xingamentos racistas] e esse tipo de coisa, no futebol eu relevo porque você nem sabem quem tá falando esse tipo de coisa, mas dentro da Universidade em si eu vi isso acontecer bastante, você não consegue participar, mesmo que as pessoas não façam como uma forma de racismo direto com você”
– Carlos.

João diz que quando começou a lecionar tinha medo de como os alunos iriam o tratar: “tenho uma turma, a mais pequena, tinha um ano, agora vai fazer dois anos, essa turma eu vi bastante progresso, porque no início eles nem entravam na sala de música, eles ficavam com medo, sabe? Nossa, o professor é preto. Era uma pessoa diferente para eles, mesmo quem tem costume de ver, são crianças né? Só que hoje em dia eles já chegam pulando no meu colo, pulando em mim, é uma conquista muito grande para mim, esse lugar é especial mesmo” (João).

Essa mudança dentro das relações que João estabeleceu com a escola foram fundamentais para que o haitiano tenha escolhido este lugar como o segundo mais importante dentro de seu cotidiano em Campinas.

Evidenciamos que as experiências destes imigrantes no Brasil são individuais, todavia a individualidade se embaralha com a coletividade social. As falas dos participantes demonstram que a questão étnico-racial permeia a vida de todos aqueles que possuem os fenótipos negros. A descoberta individual do que é ser negro dentro do Brasil por essas pessoas pode ser relacionado com o que João diz: “descobri o que era negro aqui [no Brasil], lá no meu país não tem isso, sabe? É todo mundo igual”.

(I)mobilidades condicionadas pelo racismo e pela xenofobia

O primeiro resultado que evidenciamos é em relação aos fluxos migratórios Sul-Sul. Corroborando com os dados trabalhados por Jarochinski-Silva e Baeninger (2021), bem como as pesquisas feitas sobre a intensidade do fluxo de migração haitiana

para o Brasil (Handerson, 2015a, 2015b, 2017; Cogo, 2014, 2015, 2019; Baeninger, Peres, 2017).

A crise econômica, política e social do Haiti se agravou nas últimas décadas, o papel da MINUSTAH foi de extrema importância para que o deslocamento haitiano fosse estimulado, Luis, Marcos, Rita, Lucas e Carlos são um reflexo de uma nação desestruturada pela ação de países desenvolvidos, como Estados Unidos e França. As ações de violência permanecem no cotidiano daqueles que lá vivem e dos que partiram, como observamos pela fala de Carlos sobre seu amigo que voltou ao país de origem.

Quando relacionamos este conceito com os migrantes congoleses, fica claro o papel do conflito civil na República Democrática do Congo com Ruanda, como é relatado por João. Apesar desta questão não atingir diretamente aos dois entrevistados, ambos relatam sobre a dificuldade que era conviver em um país em conflito.

O segundo ponto que nos interessa é a preponderância de Barão Geraldo no cotidiano de todos os imigrantes. Como relatado anteriormente, o distrito campineiro funciona como uma espécie de centro gravitacional nas relações destas pessoas, sejam elas estudantes da Unicamp ou não. Suas mobilidades ocorrem predominantemente dentro do distrito, assim como seu cotidiano.

Afirmamos que os migrantes que participaram da pesquisa e são estudantes de graduação e pós-graduação possuem este vínculo com o distrito. Contudo, o histórico da família haitiana com Barão Geraldo se trata apenas de uma grande coincidência, uma vez que não sabíamos que Marcos e sua família moraram por lá em um período, assim como suas idas para o distrito ocorrem por conta da mesma igreja que tentamos o contato no início dos trabalhos de campo.

Ao trazermos esta (im)previsibilidade do trabalho de campo a relacionamos com a experiência do lugar que cria estes espaços de vida (Courageau, 1988, 1990). As experiências do mundo nos atravessam, são elas que fazem o *Dasein* (Heidegger, 2023) e nossas relações com a existência. Barão Geraldo era o centro gravitacional da minha vida dentro de Campinas e de meus momentos na pós-graduação, assim como é o centro da vida de cinco participantes desta pesquisa.

O que queremos indicar é que o lugar é dado através das experiências é o que Buttmer (1982) denomina por espaços vividos, estas experiências criam as

camadas das conchas do homem (Moles, Rohmer, 1964). Se as relações do Ser são guiadas pela sua experiência cotidiana nos espaços, elas podem ser influenciadas pela superestrutura social deste espaço.

Portanto, viver em um país que possui uma estrutura racista é determinante na forma em que os lugares são concebidos. O espaço do homem branco é completamente diferente do espaço do homem negro, fazendo com que o negro se encontre preso dentro de seu corpo. A autoconsciência do negro com o espaço que habita se dá pela diferenciação entre seu corpo com o corpo do branco (Fanon, 2017). É neste momento em que o negro se descobre negro.

O que Fanon (2017) afirma acerca da autoconsciência do negro e que se relaciona com a imobilidade espacial o subordina dentro do território brasileiro. Sabemos que a população brasileira está alocada em uma estrutura étnico-racial que delimita os corpos brancos, negros e indígenas, o espaço que eles ocupam estão condicionados a esta estrutura.

Assim, a mobilidade reduzida dos participantes da pesquisa pode ter em sua origem esta estrutura. Em conversas posteriores com alguns dos participantes conseguimos relacionar que sua percepção do Ser negro apenas surgiu ao pisar no Brasil, uma vez que seu país de origem possui a população majoritariamente negra. Os traços da colonização são vistos na paisagem, sobretudo quando observamos que João e Felipe são moradores da Moradia Estudantil da Unicamp, onde não há a preocupação de gastos de habitação; a realidade de Luis e Carlos não é extremamente diferente dos anteriores, visto que um deles passa mais tempo no interior da biblioteca e suas relações são dadas pelo cotidiano com os seus iguais.

Talvez a realidade de Carlos seja a que demonstre como os espaços são condicionados por essa estrutura étnico-racial. Sua experiência com Barão Geraldo o fez criar vínculos com o lugar, mas a identificação com o Jardim Florence foi determinante para que aquele espaço se transformasse em parte de seu casulo protetor. A possibilidade de vivenciar o cotidiano com sua população, para além de seu estudo com as haitianas e o mercado de trabalho, fez com que seu enraizamento ocorresse de forma facilitada. Porém, como demonstrado anteriormente, o Jardim Florence é um bairro no extremo Sudoeste de Campinas, longe do centro e dos bairros de alto padrão, o que viabilizaria a permanência da população imigrante, sobretudo os haitianos e de países africanos devido ao baixo custo de vida.

Nossas experiências com o espaço determinam como nos relacionamos com os lugares, são elas que traduzem os sentimentos de afeição, aversão desses espaços ocupados pelos corpos, todavia a herança colonial é violenta e nos impede de conceber os espaços de uma forma que não se vincule às determinações da estrutura étnico-racial do Brasil. A questão migratória não se abandona dentro desta estrutura, já que a xenofobia é um dos frutos da colonização.

Em suma, o imigrante negro no Brasil está sujeito à duas faces de uma mesma moeda, faces de uma supremacia branca (Mills, 2023): ele primeiramente enfrenta o racismo estrutural por conta de seus traços genótipos e depois se defronta com a xenofobia, que pode ou não ser violenta, caracterizada pela curiosidade ou apenas pela aversão ao seu corpo, sua língua, sua cultura.

Parafraseando Fanon e a sua experiência enquanto homem negro caribenho (2017, p. 126):

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldade na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional. É um conhecimento em terceira pessoa. Ao redor do corpo, reina uma atmosfera de incerteza. [...] Ele não se impõe a mim, é em vez disso uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, porque se estabelece uma dialética efetiva entre meu corpo e o mundo.

O lugar do migrante nasce de uma crise que nasce do deslocar-se de um corpo, atravessando barreiras físicas e imaginadas, fronteiras militarizadas de governos colonizadores e colonizados; reordenada pela fluidez da contemporaneidade que aumenta sua mobilidade. O lugar do migrante é consequência de uma integração de fatores estruturais de seus países de origem e destino, a pessoa que migra está em uma condição de vulnerabilidade, vivenciando o espaço de forma integrada

[...] uma vez que se movimenta pela matéria; está em contato com a experiência que o desconhecido propaga; se desloca pelas águas profundas dos mares e oceanos em fluxo contínuo em busca de terra firme para se ancorar; sente a névoa, os odores e as cores que são transmitidas pelo ar e, por fim chega ao seu destino, muitas das vezes, espaços construídos pelos seres humanos que vivenciam as experiências espaciais e criam afeições aos lugares disseminando múltiplas territorialidades, compondo a totalidade do espaço geográfico (Costa, Marandola Jr., 2023, p. 10)

Sobre voltar

O derradeiro momento das entrevistas se deu pela curiosidade da possibilidade do retorno ao lar. Entendemos aqui que o lar em questão é o da terra-natal, o país de origem, onde muitos deixaram seus familiares e não possuem a perspectiva de voltar. O lugar do enraizamento primitivo do ser-aí com o espaço. A casa materna de Bachelard.

Maria diz que deseja retornar, mas não para morar, seus vínculos estão fortalecidos no Brasil, sobretudo em Barão Geraldo. O mesmo ocorre com João, “Sim, mas voltar não seria para morar lá, porque acho que o meu trabalho e o que eu tô acabando de fazer [bacharelado em música], lá não é muito evoluído. Vai acabar que não tenho muito o que fazer no lado profissional. Aqui no Brasil tem mais oportunidades por conta do mercado de trabalho que já se desenvolveu de outra forma, então voltar agora, eu voltaria para ver a minha família que eu deixei lá, voltaria para ver meus irmãos, amigos também, mas morar por enquanto não, eu não penso nisso” (João).

“Essa é uma das perguntas que eu mais recebo, sabe? Quando você terminar, vai querer voltar? Eu sempre dou uma resposta curta: ‘sim, eu vou querer voltar’. Sabe o por quê? O principal motivo é a família, não é fácil assim ficar tanto tempo longe da sua família, tem gente que fica um mês e aguenta ficar longe, imagina alguém que faz quatro ou cinco anos? [...] Ainda não voltei para o Congo [RDC], mas a vontade é voltar, aí é que tá, eu vou voltar, mas a vontade não é para ficar, a minha intenção é visitar, construir minha família vai ser por aqui” – Felipe.

Rita traz em sua fala a questão da dificuldade de envelhecer em um país estrangeiro, “Lá no Haiti nós temos casa, temos tudo, entende? Quando você vem para um lugar novo, você é um estrangeiro, tem que pagar casa, tem que ficar trabalhando, tem toda uma adaptação. Quando você tá no seu país, você fica velho, você não vai

trabalhar e vai ficar em casa, aqui a gente não vai conseguir aposentar, a gente vai ter que voltar para lá”.

Lucas, assim como seus pais, nutre o desejo de retornar para o Haiti, mas parte da aspiração pela mudança social, estudante de relações internacionais, o haitiano quer ser embaixador em seu país de origem, sendo esse o principal motivo do retorno.

A relação dos haitianos com seu país de origem se dá pelo apreço e pelo receio do retorno, uma vez que todos mantêm a vontade de voltar para seus lares, mas a estrutura sociopolítica faz com que esse desejo se torne um medo.

“Meu objetivo não é ficar aqui, eu só vim para fazer até o mestrado e depois queria voltar, mas a situação econômica e política do país tá numa situação bem complexa, é difícil a gente querer voltar, porque antigamente quando eu saía do meu país para fazer o mestrado, podia voltar e viver normalmente, trabalhar normalmente, mas agora as coisas estão complexas. Lembrei de um amigo que estudou no Haiti e saiu, voltou para fazer o mestrado, a gente falava para ele ficar aqui e fazer o doutorado, mas ele não queria, chegou lá e não sei em qual conflito ele passou e morreu, é bem complexo, e agora eu tenho meu filho aqui, não posso só abandonar” – Carlos.

Da mesma forma que Carlos, Luis também diz que quer voltar, pois toda a sua família permanece lá. Assim como Lucas, há uma vontade pela mudança, uma vez que Luis quer lecionar em uma universidade em seu país de origem, para que sirva como um espelho para outra geração, todavia a instabilidade que permanece o fez postergar seus desejos e escolhas, fazendo com que ele se sinta em uma provisoriedade, “até hoje me considero uma pessoa que está vivendo em dois países, fisicamente estou aqui [Brasil], mas no Haiti também pelo fato de toda a minha família estar lá. O Haiti é meu país de afeto” (Luis).

**O DESLOCAR DAQUELES
QUE PERMANECEM
HABITANDO**

*“Aos que se vão e insistem em partir
 Deixo o acalanto da despedida
 Que se faz tão resumida em um balanço de mãos abertas,
 De nada vale testemunhar a partida,
 Se é nela que aqueles decidem perdurar
 No tempo, no espaço, e na memória
 Ficam presos e seguem rasos sem ter onde pular.
 Ignorante! Repete em alta voz,
 Por que partir sem dar motivo?
 E apenas o vento responde,
 Seguido do silêncio daqueles que um dia fiz de lar.”*

Nícolas Vieira da Costa

Percorremos um longo trajeto até a conclusão deste trabalho, nosso objetivo era compreender como se formavam os espaços de vida dos imigrantes dentro do município de Campinas. Nos deslocamos através das falas e experiências das pessoas entrevistadas, vivenciando seus lugares e memórias dentro do cotidiano no Brasil.

Os espaços de vida dos imigrantes se entrelaçam em uma miríade de significados. Lugares tomam mais de uma característica para as pessoas, o que pode ser observado através dos espaços de vida dos imigrantes residentes de Barão Geraldo, bem como os que só visitam o distrito para os cultos.

Barão Geraldo se mostrou como um centro gravitacional na vida e nas experiências dos entrevistados. Ao relacionarmos o distrito com os estudantes de graduação e pós-graduação observamos que há uma mobilidade reduzida, como foi averiguado na fala de cada um deles, estudar e habitar o distrito campineiro os condiciona dentro de um território vivido de menor abrangência, sendo a Unicamp é o núcleo desse centro.

Já no que diz respeito aos demais migrantes, o que se conclui é que sua mobilidade interna em Campinas permanece nas características da mobilidade pendular da casa-trabalho-casa, visto que suas falas demonstram que o único local que visitam é Barão Geraldo nos finais de semana, para além da Vila Marieta e da Padaria no Cambuí.

Um ponto que nos é importante relacionar é que os espaços de vida dos migrantes se formam através de uma característica fundamental: os imigrantes desejados e os indesejados. As experiências dos migrantes entrevistados

demonstraram que a racialidade é um marcador da diferença no cotidiano destas pessoas, seja por conta dos poucos espaços de vida ocupados por eles ou pelo tratamento recebido por colegas e dentro da universidade.

Ao iniciar a pesquisa nos deparamos com um ponto de tensionamento: a questão étnico-racial. Consideramos que a mobilidade dos entrevistados está subordinada à racialidade e às consequências violentas da herança da colonização europeia no Brasil. A exclusão territorial dos negros é uma realidade que afeta os entrevistados, assim como o espaço migrante também é afetado por essa exclusão.

Isto posto, essa procura pelo lugar se mostra através das diferentes formas em que nosso Ser experiencia a terra, enraizando-se com o que Dardel (2015) denominou por espaço telúrico e que compõe nossa geograficidade. As experiências são as norteadoras dos espaços de vida e são elas que determinaram o que denominamos por lugar da memória, do casulo protetor, do trabalho entre outros.

O casulo protetor se revelou por traços que vão além da concepção da casa de Bachelard (2000). Se o casulo protetor é o ponto que confere segurança e afeição aquele que o usufrui, não precisa ser necessariamente a casa, como supúnhamos. Ele surge em pontos diferentes nos cotidianos dos imigrantes, como é o caso da igreja Bola de Neve e das bibliotecas da Unicamp, que fortalecem os vínculos dos imigrantes com o lugar e as pessoas que ocupam esse lugar.

Tomamos novamente as conchas de Moles e Rohmer (1964) para ilustrar como a Unicamp possui um fator de atração dentro do centro gravitacional destes imigrantes. Utilizando como exemplo as experiências e os espaços de vida de Luis podemos estabelecer a seguinte ordem: a universidade é o núcleo, enquanto os demais espaços flutuam ao seu redor, quase como se seus lugares em Barão Geraldo se transformassem em anéis de Saturno. O tempo e o espaço se unem para fortalecer espaços comunitários como as bibliotecas, o restaurante universitário e os institutos.

A principal questão de nossa pesquisa surge pela possibilidade dos lugares se criarem de uma maneira diferente para os imigrantes, todavia, o que se desvelou foi uma camada complexa de sentidos de lugares que se costuram dentro das vivências e experiências. Assim como a casa tem o poder servir como núcleo de uma miscelânea de diferentes espaços de vida, ela também é lugar de encontros, de morada, de

trabalho. Em vista disso o que determina como esses lugares se entrelaçam? São apenas as experiências individuais ou a coletividade?

Esta pergunta pode ser respondida através da tipologia criada para determinar os espaços de vida dessas pessoas. Concebemos sete tipos de espaços de vida dos imigrantes e estes lugares se comportam de formas distintas para cada um dos entrevistados. Essa tipologia nos permite evidenciar que há um dinamismo próprio das experiências como um fator que determina suas relações entre as pessoas, sendo elas migrantes ou não, e os espaços vivenciados por eles.

Os espaços permanecem determinados pela estrutura étnico-racial, principalmente no que diz respeito às experiências dos entrevistados que se encontram fora do cotidiano em Barão Geraldo, a exclusão territorial e a marginalidade socioespacial que são advindas da colonização europeia nos levam a questionar se apenas esse é o motivo de uma menor mobilidade interna ou haverá outras questões que a impedem?

Barão Geraldo se tornou a morada dos migrantes entrevistados e a minha. O distrito era meu centro gravitacional, como também é o de Felipe, João, Luis e de tantos outros migrantes e brasileiros que por ali se permanecem e habitam.

O lugar nasce de nossas experiências, os espaços de vida dos migrantes são criados pela possibilidade de vivenciar as diferentes formas que esses lugares se formam no cotidiano e na mobilidade. Sua condição de provisoriedade se vincula às minhas experiências enquanto alguém que está em um não-pertencer, contudo, permanecemos e habitamos esse espaço. Esse é o ponto de encontro entre minhas experiências e a experiência daqueles que migram. Buscamos um lugar, dentro de um espaço que se encontra de alguma maneira determinado pela estrutura social do país em que vivemos, seja ela voltada para a racialidade ou para a sexualidade.

Somos um conjunto de experiências entrelaçadas em uma grande concha de retalhos, compartilhando o mesmo espaço, vivenciando momentos individuais que se transformam em uma coletividade e atribuem significados que nascem intrinsecamente de nosso Ser, afinal, é por intermédio das experiências que vivemos e habitamos os lugares. São nossas experiências que determinam como nossos espaços de vida vão se comportar dentro de nossa história, e meus lugares se transformam pelo cotidiano daqueles que compartilham o deslocar, o permanecer e o habitar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Diego Gobbo; D'ANTONA, Álvaro de Oliveira; MARANDOLA JR., Eduardo José. Quão móveis somos? O New Mobilities Paradigm em questão. **Caderno de Geografia**, v. 30, n. 62, 2020.
- ANDRADE, Carlos Drummond. A ilusão do migrante. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Farewell**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAENINGER, Rosana. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, Rosana et al (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. **Revista brasileira de estudos de população**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BORGO, Karina Sainz. **Noite em Caracas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. Corpo-lugar e as “conchas do homem”: geografia e arte no cotidiano. In: DOZENA, Alessandro. **Geografia e arte**. Natal: Caule de Papiro, cap. 1, p. 29-60, 2020.
- BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-193.
- BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, 2015.
- CAMPOS, Marden Barbosa. As redes migratórias e sua dimensão espacial. In: **Anais do XVI ENANPUR**. Belo Horizonte: 2015, p. 1-20.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COGO, Denise. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Chasqui**, n. 125, p. 23-32, mar. 2014.

COGO, Denise. Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração. **Novos olhares**, v. 4, n. 1, p. 91-104, 2015.

COGO, Denise. O Haiti é aqui: mídia, imigração haitiana e racismo no Brasil. **Chasqui**, n. 139, p. 427-448, dez. 2018 – mar. 2019.

COSTA, Nícolas Vieira. A cidade de Sorocaba (SP) no contexto das imigrações haitianas. **Trabalho de conclusão de curso** (Licenciatura em Geografia) – Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades, Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 61 f., 2021.

COSTA, Nícolas Vieira. As imigrações haitianas em Sorocaba-SP: uma análise comparativa de 2014 a 2021. In: **Anais do evento em comemoração aos 20 anos do Programa de Pós-graduação em Geografia**. Campinas: IG Unicamp, p. 237-249, 2022.

COSTA, Nícolas Vieira; MARANDOLA JR., Eduardo. Entre o cosmopolitismo e a ordem estadocêntrica: em busca do lugar nos movimentos migratórios internacionais. In: **Anais do XV ENANPEGE**. Campina Grande: Realize editora, p. 1-14, 2023.

COURGEAU, Daniel. **Méthodes de mesure de la mobilité spatiale**: migrations internes, mobilité temporaire, navettes. Paris: Éditions de L'Institut National d'Etudes Démographiques, 1988. 306 p.

COURGEAU, Daniel. Nuevos enfoques para medir la movilidad espacial interna de la población. **Notas de población**, v. 18, n. 50. Santiago: CELADE, 1990, p. 55-74.

COURGEAU, Daniel; LELIÈVRE, Éva. **Análisis demográfico de las biografías**. México: El Colegio de México/Centro de Estudios Demográficos y Desarrollo Urbano, 2001.

COURGEAU, Daniel. La mesure dans les sciences de la population. **Cahiers philosophiques**, v. 4, n. 135, 2013, p. 51-74.

CRESSWELL, Tim. **On the move**: mobility in the Modern Western World. Nova York: Routledge, 2006.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros residentes**: uma filosofia da migração. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

EDOUARD, Maxenal. Lamento de um refugiado. In: SERVIÇO DA PASTORAL DOS MIGRANTES. **1ª Coletânea de poesias d@s migrantes**. São Paulo: Pastoral do migrante. 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2017

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERNANDEZ, Pablo Sebastian Moreira. Conexão entre lugares: rede de imagens e lugares migrantes entre Goiânia-Goiás-Brasil e São Francisco-Califórnia-EUA. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 224 f., 2013.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOETTERT, Jones Dari. Gentes, migração e transitividade migratória. **Espaço plural**, v. 10, n. 20, p. 53-62, 2009.

GONZALEZ, Lélia. A categoria politico-cultural de amefricanidade. *In: Tempo brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GRIGG, David B. E. G. Ravenstein and the “laws of migration”. **Journal of Historical Geography**, v. 3, n. 1, p. 41-54, jan. 1977.

HANDERSON, Joseph. Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 430 f., 2015a.

HANDERSON, Joseph. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015b.

HANDERSON, Joseph. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. **Periplos**, v. 1, n. 1, p. 7-26, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras)**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/celpe-bras>. Acesso em: 05 mai. 2024.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **About migration**. Disponível em: <https://www.iom.int/about-migration>. Acesso em: 10 jan. 2024.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

JAROSCHINSKI-SILVA, João Carlos; BAENINGER, Rosana. O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul. **Revista interdisciplinas de mobilidade humana**, v. 29, n. 63, p. 123-139, dez. 2021.

LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. São Paulo: Editora 34, 2011.

LÉVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. **GEOgraphia**, v. 3, n. 6, p. 7-17, 2001.

LIRA, Jônatha Rodrigo de Oliveira. Migração e mobilidade na fronteira: concentração de imigrantes internacionais e formação de espaços de vida na Amazônia Brasileira. **Tese** (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 154 f., 2017.

MARANDOLA JR., Eduardo José. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 278 p., 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio à edição brasileira. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 11-14.

MARANDOLA JR., Eduardo. O imperativo estético vocativo na escrita fenomenológica. **Revista da abordagem gestáltica**, v. 22, n. 2, p. 140-147, dez. 2016.

MARANDOLA JR., Eduardo. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 42, n. 2, p. 10-43, jun. 2020a.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MATAR, Hisham. **No país dos homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. **Conflitos na República Democrática do Congo: quatro questões para entender a situação**. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/conflitos-na-republica-democratica-do-congo-quatro-questoes-para-entender-a-situacao/>. Acesso em: 05 mai. 2024.

MEMÓRIA GLOBO. **Terremoto no Haiti**: em janeiro de 2010, um terremoto atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe, devastando o país. Cerca de 230 mil pessoas morreram e mais de um milhão ficaram desabrigadas. Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/terremoto-no-haiti/noticia/terremoto-no-haiti.ghml>. Acesso em: 01 mai. 2024.

MILLS, Charles W. **O contrato racial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRADO, Adélia. **A bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

REIS, Rossana Rocha. A política do Brasil para as Migrações Internacionais. **Contexto internacional**, v. 33, n. 1, jan./jun. 2011.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. Londres: Pion Limited, 2008.

RIBEIRO, Juliana Carvalho; BAENINGER, Rosana. Xenorracismo: a face do preconceito contra imigrantes. **Travessia**: revista do migrante, ano 37, n. 99, jan./abr. 2024.

ROSA, Renata de Melo; PONGNON, Vogly Nahum. A República do Haiti e o processo de construção do Estado-nação. **Revista brasileira do Caribe**, v. 13, n. 26, jan./jun. 2013, p. 461-494.

SANTOS, Camila Abreu. Uma história de refúgio: narrativas de três irmãs negras do Congo no Distrito Federal. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília. Brasília, 113 f., 2018.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SEBINELLI, Mayara. COSTA, Nicolás Vieira. Desfazendo a técnica: a casa-estojo e o habitar. **Kalagatos**, v. 20, n. 2, eK23024, 2023.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and planning A**, v. 38, p. 207-226, 2006.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. Companhia das Letras: 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v. 8, n. 1, p. 4-15, 2018.

VIEIRA, Daianne Rafael. Do Congo para o Brasil: as perspectivas de vida e de trabalho de refugiados e solicitantes de refúgio congolese no Rio de Janeiro. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 135 f., 2015.

WRIGHT, John K. *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.